
3 1761 07045108 3

APONTAMENTOS

DE UM

FOLHETINISTA

APONTAMENTOS

DE UM

FOLHETINISTA

POR

JULIO CESAR MACHADO



PORTO
Typ. da Companhia Litteraria — Editora
CAMPO DOS MARTYRES DA PATRIA, 132

1878

cop. 2

Á

Memoria de meu pae

I

Quando, em 1857, o cholera cahiu sobre Lisboa, em tanta maneira foi cortez para com as classes altas, que não atacou senão os pobres.

Succedia-me n'essa occasião uma pequena contrariedade, difficil de vencer — a de estar pobrissimo.

Era traductor do theatro do Gymnasio; dirigia a secção litteraria de um jornal, *Doze de Agosto*, de Albano Coutinho, pae do actual escriptor d'este nome; e era revisor da *Revista Universal Lisbonense*...

Mas, logo que rompeu o cholera, o theatro do Gymnasio fechou, o jornal *Doze de Agosto* parou, e a *Revista Universal Lisbonense* morreu.

Não se apresentava de um modo propriamente risonho, o horisonte, para mim.

Pouco tempo depois de publicado o romance *Claudio,* não podendo nutrir-me d'aquella gloria — que aliás se me figurava immorredoura! — ao ponto de comer d'ella tres vezes ao dia por mais de mez e meio, e havendo tido o gosto de encontrar um dia no nosso famoso Chiado o actor Romão, tão conhecido em Lisboa e no Porto, o qual Romão é hoje ensaiador no theatro de D. Maria, e era n'aquella época ensaiador do Gymnasio, dissera-me elle:

— Já lá vae seu pae, heim!?

— É verdade! — respondi, para dizer alguma coisa.

— E os predios que elle tinha, administra-os agora sua mãe?

— Nada; não senhor.

— Ah! Não os administra a sua mãe? Então a quem está isso entregue?

— Aos crédores.

— Aos crédores?!

— Sim; hypothecados até se pagarem as dividas.

— Oh! E vossê tem, já se vê, uma pensão, uma mezada...

— Não tenho nada; hei-de ter outra vez os predios, em elles estando livres.

—E d'aqui lá?

—D'aqui lá, farei a diligencia de ir vivendo e esperar por elles, já que elles tambem esperam por mim.

—Quantos predios tem vossê?

—Uns poucos. Dois ás Amoreiras, dois no Salitre, um na rua das Pretas, outro na rua da Praga, mais outro a S. Christovão, outro no Paço do Bem Formoso...

—Então está muito bem!

—Estou menos mal; áparte o estar o peor possivel, estou menos mal.

Elle calou-se.

—Não teria sido melhor entregar um predio só...

—Teria sido melhor, mas havia contractos com todos elles. Emfim, lá estão. Fallemos n'outra coisa. Em se pagando as dividas fallaremos outra vez n'isso.

—Não tem parentes aqui?

—Tenho minha avó, e duas tias velhas. Estou lá em casa.

—Ah! Está lá em casa. Tenho ideia de ouvir fallar d'essas senhoras. Diz-se que são ricas.

—Foram ricas.

—Coitadas. E vossê lá é muito bem tratado, faço ideia...

—Verdadeiramente bem tratado, mas não posso

conformar-me com a minha sorte, preciso ganhar alguma coisa, não tenho um vintem de meu.

—Vossê...—disse elle, olhando-me fixamente—costumava fallar com seu pae em francez?

—Sim, costumava.

—Lembro-me de seu pae me dizer, uma noite, no salão do theatro, estando commigo, que adoptára exercital-o a fallar linguas: n'um dia francez, no outro dia inglez...

E, mettendo a mão a uma algibeira de peito, tirou um folheto:

—Tome lá esta comedia. Leia isso, e, se gostar, traduza-a. Essas pecitas, quando agradam, rendem bem; são representadas muitas vezes; o nosso reportorio é todo de comedias n'um acto e em dois; essa tem um; se agradar, mettel-a-hei em todos os espectaculos, até se lhe arranjar outra. Traduza-me isso com cuidado.

—Obrigado, senhor Romão.

—Adeus. Não durma sobre isso. Passe muito bem.

Elle, subiu o Chiado; eu, fui para casa lêr a peça. A peça chamava-se *Le petit-fils*.

Era uma comedia de Bayard, auctor que na França rivalisava n'esse tempo com Scribe em fecundidade e em veia comica. Tratava-se de um rapazito, o neto, o *petit-fils*, que entrava na vida por umas traquinices e

umas maganices de adolescente, embaindo a velha avó com ternuras e pedidos e conseguindo d'ella tudo a que se propunha, pelo facto de não ter mais ninguem n'este mundo. Pouco mais ou menos era a minha situação, com a differença apenas de ser o ideal a que eu n'ella poderia aspirar: a avó era a avó, eu era o neto, a ternura era a mesma, mas commigo a ternura tinha ares mais modestos e contentava-se de ser ternura e não render mais nada. Pelo que a peça era de engraçada, e pelas razões de parentesco que se davam entre o meu caso e o do heroe, a comedia pareceu-me uma obra adoravel, e traduzi-a, como dizem os italianos, *con amore*.

Terminada a tarefa, apresentei-me no Gymnasio, e entreguei a obra. Romão leu duas scenas, tres scenas, cotejando ao mesmo tempo a peça franceza, e foi chamar o Moniz.

—Anda cá, ó Moniz.

Moniz, que fôra por muitos annos actor no theatro do Salitre, morava defronte d'esse theatro, e, como visinhos, conhecia-me e a meu pae, que moráramos muito tempo na mesma casa em que moro hoje e onde tenho morado ha muitos annos—a da esquina da travessa do Moreira. Sentaram-se a uma meza, Romão e elle; Romão lia-lhe os trechos que lhe pareciam mais

bem expressos, apontava-lhe os do original, e fazia-lhe notar que eu accentuára o caracter do personagem que lhe era destinado no desempenho da peça, um d'aquelles velhos em que Moniz era extraordinario, estabelecendo-lhe um *bordão*, um estribilho, que ia em harmonia com a feição do papel, e lhe dava um *tic* comico, pela insistencia:

—Cada qual tem o seu systema!

Esta tolice, que parecia não dever aquecer nem arrefecer o caso, apresentou-se para elles como a revelação de um traductor, que tivesse o sentimento da indole do comico, e do gosto do publico.

O resultado justificou completamente a opinião d'esses homens: a peça agradou, porque era realmente bonita, e o *bordão* do Moniz, em duas situações da comedia saudado com applausos, tornou-se um d'esses proverbios populares da cidade, que duram de vez em quando um mez ou dois. Todos os dias se ouvia dizer, a proposito de qualquer coisa, recordando e imitando o Moniz no *Neto:*

—Cada qual tem o seu systema!

O Gymnasio estava n'essa época em toda a florescencia dos seus triumphos, e no periodo mais feliz como reportorio, como applausos, e como lucros, de que entre nós tem havido exemplo n'um theatro portuguez.

Fôra edificado n'um barracão de arlequins, principiára pelos gymnastas, pelas pantomimas de salteadores, pelos bailados, pela *cracovienne,* pelo «*pá di du*», pela polka, que veio alli á luz. Depois o dono de uma typographia, chamado Motta, construiu o theatro, que abriu em 1846 com um melodrama de Cesar Perini di Lucca, *Os fabricantes de moeda falsa,* que me regalei de ir vêr com meu pae, no tempo em que eu usava ainda umas calcinhas abertas por detraz e copiava de um traslado

inconstitucionalissimamente.

Era um theatrinho de cartas, sem proporções, sem espaço, sem commodidades, mas alegre, sympathico, especie de creança do povo, pobre, rotinha, e risonha, que dá mais gosto vêr, que alguns moninhos frisados, embiocados em arminhos, de olhos franzinos e carinhas de asnes.

Theatrinho de occasião, que parecia sahir de uma habilidade de breliques e breloques!

Tinha duas vistas.

Uma de bosque,

Outra de sala.

Como nos theatros particulares, devia caber tudo,

e fazer-se tudo alli. Com aquellas duas vistas, aliás boas, estreia do scenographo portuguez Rocha, mas que, emfim, tinham o defeito de serem duas, fazia-se este mundo e o outro. Não havia obstaculos nem hesitações. A divisa da casa era:

Vá por deante!

Dizia o Perini, auctor dos *Fabricantes:*

— É preciso mandar pintar uma vista de carcere.

— Para que?

— Para o terceiro acto.

— O que tem o terceiro acto de mais que os outros?

— Tem de mais... que temos a vista de menos.

— Vossê não vê bem!

— Vejo, mas não vejo a *vista,* porque não a ha.

— Bagatella!

— É o acto da prisão. Em que vista querem vossês metter o acto da prisão?

— No bosque.

— No bosque! Mas se o homem está preso?

— Deixal-o estar. Figura de preso... com fiança.

E estava tudo prompto.

Preso com fiança!

E ria o auctor.

E ria a companhia.

Prisão: — vista de bosque.

Emilia Letrublon, na comedia do *Neto,* representava o papel do protogonista. Era esse um dos attractivos da peça. A actriz, em todo o viço da elegancia e da formosura, era de uma elegancia extrema n'esses papeis *travestis.* Era essa a segunda peça que ella representava; a primeira fôra uma traducção de Lopes de Mendonça, que tinha por titulo — *Como se transforma um caloiro.*

Distinguia-se a Letrublon, propriamente se distinguia; comquanto por essa época fossem muito formosas as mulheres de theatro, em Lisboa.

Emilia das Neves, conhecida e citada como a linda Emilia, e aguentando ainda n'esse tempo, com primor, toda a responsabilidade d'essa qualificação.

Carolina Emilia, que se estreára, poucos annos antes, no theatro da rua dos Condes, nas récitas de despedida que alli deu a companhia, antes de passar ao theatro *agrião,* o theatro nacional, o theatro normal, o theatro de D. Maria, o theatro do Rocio, que acabára de se construir: Carolina Emilia, que foi saudada na *Cigana de Paris,* peça da sua estreia, como uma belleza rara, ideal. . .

A Ludovina, baixinha, esperta, vivaz; a Maria Isabel, uma sybilla, audaz, caprichosa; a Fortunata, pallida e romantica; a Emilia Candida, gaiata, chistosa, *mulher* de armas, como diz o povo, e a quem, talvez por ser de armas, chamavam Emilia *Vareta*; a Massey, que, não sendo o que se chama uma mulher de talento, comquanto estudasse diligentemente os seus papeis, chegou, por um momento, á primeira nomeada, á primeira voga, mercê da sua galanteria, e de ter os mais bonitos braços, que as luzes da rampa têem alumiado; a Maria do Carmo, creatura elegantissima, sem geito nem arte para o theatro, mas a mais bella mulher que se poderia vêr, que não conseguiu ter fama, abandonou o theatro, foi para o Rio de Janeiro alegremente, e teve sempre em Portugal o nome e titulo complicado, de Maria do Carmo do Moraes do Conde das Galveias, o que, de algum modo, faz lembrar o antigo proprietario dos antigos terrenos do antigo *jardim mythologico!*

A singeleza, a *sancta simplicitas*, era a graça da época. As actrizes tinham pequenos ordenados, e pequenas *toilettes*. Para o vestuario de todos os dias, a sêda parecia prescripta, como no tempo dos imperadores romanos. O commercio andava inundado de fazendas baratas, nem grosseiras nem de mau gosto,

mas modestas, e que, sem darem ao traje, por nenhuma maneira, o cunho da negligencia que tão facilmente se insinua do fato para os costumes, a pouco e pouco, tinham o seu quê insinuante da alegre mediania, humilde, semceremonia, quasi innocente. A loja da Levaillant, á esquina da rua de S. Francisco, citada como o ninho tentador da elegancia dispendiosa, não desdenhava apresentar no mostrador umas chitas francezas a sete vintens, de tão gracioso padrão, que a belleza das côres e do desenho justificavam plenamente não só a *bluse* para de manhã, em casa, mas até o vestido, no verão, para ir ao ensaio, das nove horas ao meio dia. O fabríco da sêda era uma industria essencialmente franceza, excedendo tudo o que se podésse esperar de belleza, de gosto, de sentimento da fórma e da harmonia : os nossos fabricantes iam passando ao estado legendario; e as actrizes do Gymnasio, sem se entristecerem por isso, desempenhavam-se de um espectaculo de quatro pecitas differentes, alternando do vestido de cassa para o de lã, do de lã para o de *barège,* do de *barège* para o de chita.

II

A vida das mulheres de theatro nem por isso era menos alegre então. Sem aspirarem á respeitabilidade de senhoras impremeavelmente sérias, levavam a existencia despreoccupada e risonha, que as novellas de Paulo de Kock attribuem á *Grisette,* que Deus haja.

Eram, por exemplo, entre os artistas, muito moda n'esse tempo os *pick-nick,* costumeira sincera e commoda, que consiste em pagar cada um a sua parte n'uma festa. Não havia nada mais amplo, que mais pozesse á vontade, e, principalmente, que melhor multiplicasse esse genero de distracção. Era, de algum modo, o grande e vivificante principio da associação, que rompia de onde menos poderia esperar-se!

Não ia aos jornaes nada d'isso. Os portuguezes não sabiam ainda que coisa fosse a noticia diversa, que hoje inquieta ás vezes o publico, e que não inquieta menos os proprios redactores de jornaes, por ser uma fonte de preoccupações, a serpente sob a relva, e ir, ás vezes, a que mais innocente e inoffensiva se apresente, acordar o despeito ou a raiva. Aquelles mesmo, que se nos figuram, pela sua alta posição, deverem affligir-se pouco com as noticias, são os que maior attenção lhes prestam. Os artigos politicos perderam a importancia que já tiveram, ao passo que a noticia diversa exaspera o poder, como o mosquito exasperava o leão da fabula.

Emilia Letrublon era a estrella d'essas festas. O seu temperamento vivamente alegre, era educado, porque assim digâmos, pelos conselhos de elegancia e de bom gosto de um homem do mundo, que entendia d'isso. Era ella de origem franceza, e graciosa de seu natural. A mãe havia tido um *hotel* no Caes de Sodré, uma das primeiras hospedarias estrangeiras que se estabeleceram em Lisboa, Mad. Jules. A filha adquirira de pequena a galanteria e a delicadeza franceza; Henrique James completára essas tendencias á distincção, pelo auxilio das suas advertencias e pelo espirito sempre acertado, seguro e fino, que respirava d'elle.

Vive ainda esse cavalheiro, em Londres, onde está ha muitos annos. Era o typo do *gentleman;* homem original, notavel.

Aos olhos do vulgo, Henrique James parecia perder em profundeza o que ganhava em superficie. Era de uma raça, que se extinguiu de ha muito — a dos Alcibiades. Dizia, brincando, coisas graves, e brincando as fazia. Tocou em todos os mundos: a alta sociedade, o commercio, as operações de industria, as artes, o theatro, o Marrare. Sempre amavel, fino, dotado de uma especie de seducção feminina, que attrahia a alta e a baixa, captava a sympathia dos figurões e dos que não figuram.

No Gymnasio morriam todos por elle. Era um conversador scintillante, um contista attrahente, um improvisador, um phantasista...

— Ah! sim — dizia elle a um pobre homem, rico e bruto, que ostentava a valentia dos seus cavallos, referindo a rapidez com que o haviam conduzido de Cintra em hora e meia. — Sim! Não é mau. Eu vim de lá em muito menos tempo, a semana passada. Era á noite, jogava-se no Victor, tinha perdido; estava enfadado do jogo, do Victor, e de Cintra; perguntei distrahidamente a um criado:

— Ha alguma sege de retorno?

— Ha uma, snr. James.

— Chegou n'este momento?

— Chegou ha duas horas, snr. James.

— O cocheiro está ahi?

— O cocheiro está mettendo o gado no trem, snr. James.

— Á porta do hotel?

— Á porta do hotel, snr. James.

Puz o chapéo, vesti o paletot, e sahi.

O cocheiro, que acabava de engatar, trepou para a almofada, disposto a partir.

— Vossê vae a Lisboa, cocheiro?

Disse-me que sim.

— Está livre?

Estava livre.

— Se te achas resolvido a irmos depressa, dou-te duas libras, mas has-de voar.

— N'um relampago estaremos em Lisboa.

Entrei na sege, fechei a porta, o trem partiu de voada, tirei um charuto, estendi o braço pelo postigo da carruagem, accendi o charuto na roda do trem, que ia ferindo fogo, desapparecemos n'uma nuvem de poeira, sumindo-me entre relampagos e trovões, como Moysés, e, quando acabava de fumar o meu charuto, o trem parou, e o cocheiro apeando-se, disse-me:

— Estamos em Lisboa.

Tinhamos chegado.

O outro ouvia-o pasmado, boquiaberto...

— Mas, visto isso — balbuciou, embuchado como se comèra um marmelo — quanto tempo levaram para...

— Para chegar?

— Quanto tempo levaram para chegar?

— Para chegar, trouxemos meia hora.

É de crer que ao ir para casa, o rico pobre homem despedisse o cocheiro por vagaroso.

Costumavam ter logar essas conversações, n'uma pequena sala ao fundo da caixa do theatro, destinada a fumar e a receber as visitas.

Appareciam alli, todas as noites, os elegantes e os escriptores, acordando o estylo — e... os ciumes. Ás vezes os poetas entaramelavam a lingua aos galãs. Das dez para as onze horas appareciam Mendes Leal, Lopes de Mendonça, Francisco Palha, D. Antonio da Costa, Gomes de Amorim, Paulo Midosi. Ateavam-se discussões salvadoras sobre questões de arte e de esthetica, sobre uma causa de tribunal ou um artigo de jornal litterario, morte ou casamento, mudança de ministerio ou farça nova.

Conversavam os actores durante os intervallos, iam para a scena, deixando a conversação no melhor ponto,

voltavam d'alli a nada a dar resposta, ou modestamente se entregavam ao talento de escutar. Quem nunca penetrou no tablado de um theatro, faz dos actores e das actrizes bichos de sete cabeças. Comprehende-se que assim succeda, por ser difficil separal-os de todo dos papeis que representam; parece que o que dizem nas peças, deva ser a sua natural linguagem; não ha suppôr que um comico que nos fizer rir não seja um dos homens mais joviaes da creação, que o galã não possua um coração ternissimo, e que a ingenua de olhos baixos e voz timida deixe de reunir as prendas de caracter dos papeis de que se incumbe. E entretanto, quasi nunca assim é. A ingenua pecca muitas vezes por lacaia, e a lacaia é ingenua ás vezes!

A companhia d'esse antigo Gymnasio, sem ser numerosa, era muito acceitavel. Compunha-se de: Romão, que de bailarino passára a actor; Vasco, o galã, rapaz bem parecido, que vinha da provincia, e parecia, mercê das suas boas maneiras, vir de Paris; Ramos, encarregado do *mau homem* nas peças em que houvesse um homem mau; Assumpção, utilidades, papeis breves; Marques, considerado o padre-mestre da sociedade, por sua experiencia e cultura...

E um rapaz, que sahia de ser typographo, e se estreiou alli por uns papelinhos breves, de dois ditos, o

primeiro d'elles nos *Fabricantes de moeda falsa,* de que lhes fallei já, um tal... Taborda.

As actrizes eram:

Maria José de Almeida, que, no Salitre fizera *flores,* como dizem os hespanhoes, representando no *Rei e o Aventureiro;* no *Conde João,* de D. João de Azevedo; na *Fidalga no tempo de Napoleão...*

Emilia Costa, que pouco depois sahiu do theatro, e casou com um tabellião, ideia talvez suscitada pelo reportorio d'esse tempo, que formigava de tabelliães em todas as peças...

Emilia Candida, magrinha ainda, delgada e esbelta...

A Massey, a Paula Maire, a Maria Izabel, a Ludovina, a Joaquina, verdadeira rata sabia, encarregada dos papeis de tia, de avó, de mãe nobre, de fidalga idosa, declamando conforme o que lhe haviam ensinado no Conservatorio, tirando titulos de orgulho em ser discipula d'esse auctorisado estabelecimento, ferindo bem nas palavras os *rr* e os *ff,* e merecendo a um capitão de artilheria, muito conhecido em Coimbra e Lisboa o dizer d'ella n'um artigo: «A snr.ª Joaquina é o modêlo das actrizes»; sahindo essa amabilidade com um erro de imprensa, que a punha a pão e laranja: «A snr.ª Joaquina é o *novêlo* das actrizes»...

A Fortunata Levy, que representou, em seis mezes,

o melhor do reportorio de Scribe! Era judia, essa Fortunata. Comquanto o calculo seja o forte da gente da sua raça, que até calcularam a estatura de Adão, — cento e oitenta braças, principiando os homens a diminuir desde aquelle tempo, e chegando a isto em que nos vêmos! — não soube ella calcular bem a duração provavel da sua mocidade, e com o frescôr dos annos deixou fugir as vantagens da gloria. O publico via-a com olhos de sympathia, achava-a interessante, e quando passava pelo bêco da Linheira, e ouvia as rezas da synagoga, ou o rabino a prégar o seu sermão por entre os canticos da religião judaica, lembrava-se d'ella: «Alli provavelmente está agora a Fortunata!» Ella, de mais a mais, seguia á risca os preceitos, e pedia sempre ser dispensada de representar aos sabbados, dia em que a lida e não fazer nada, nem accender lume, nem sequer apagal-o, comendo, fria, a comida que fica da sexta-feira; não pegando em pezos; não andando de sege; pondo de banda por vinte e quatro horas as comedias, para se lembrar so do Pentateuco. Augmentava a graça languida, morbida, d'aquella mulher alta, pallida, de olheiras, o pensar uma pessoa na plateia, emquanto estava vendo-a, que ella vivia na esperança do Leviathan, e contava partilhar, no dia de juizo, da festa do Messias, banquete opiparo, em que a

primeira entrada ha-de ser o bói selvagem, creado com os outros animaes no quinto dia da creação, o bói que comia por dia a herva de cem mil montanhas; a segunda entrada, o peixe Leviathan, tão grande, que descança a terra n'uma de suas escamas; e em que haja de servir-se, por assado, a famosa ave, cujos ovos pezam tanto, que basta um cahir do ninho para esmagar trezentas arvores, ou, quebrando-se, inundar setenta aldeias... Foi moda por esses tempos, a Fortunata; viveu com o romanticismo, com elle decahiu da moda. Dir-se-hia que quando os da plateia assestavam n'ella os oculos de theatro, lhe davam a primasia sobre as christãs... talvez por considerarem que houvessem feito tanto por ellas, que bem podia Deus em recompensa perdoar-lhes que elles achassem mais captivadora a pallidez insinuante d'aquella judia...

E, finalmente, a Josephina, formosa e fria como uma estatua. Por ella andava doido de amores aquelle Miró, auctor da opera-comica *A marqueza*, amores agitados, febris, que tiveram desenlace funesto. Sahiu com ella de Portugal, e com ella esteve por um pouco de tempo no Brazil; á volta, na viagem, naufragaram, e saltaram com outros passageiros para um rochedo. Frio, isolamento, terror. A morte em perspectiva. Diz-se que andando Miró por um lado e por outro a

explorar, e por isso, tendo-se affastado dos naufragos, fôra n'essa occasião uma lancha buscar os passageiros; que Josephina, não o vendo alli a seu lado, se contentára de chamar por elle:

— Miró? ó Miró?

E que, perdendo-se a voz no mar e no vento, ella virára ainda a cabeça, com a ideia de o vêr apparecer, mas, receiando perder tempo se fosse procural-o, e, não só tempo, o ensejo de se salvar, saltára para a lancha com os outros companheiros, e deixára o Miró, sósinho, no rochedo.

Pereira, Vasco, e Moniz, eram os primeiros actores d'aquelle theatro.

Moniz, homem sêcco, fusco, pelle de pergaminho, côr de terra, hirsuto, todo elle escuro: cabello, olhos, rosto, fato; tinha o que quer que fosse de um defuncto que se houvesse feito velho dentro de um armario. Era um dos comicos de maior graça, de quantos teem pisado taboas de theatro em Portugal, e na vida o homem mais melancolico e taciturno. Tinha a arte da careta: um tregeito da physionomia d'elle, fazia estalar as gargalhadas.

Depois, em enxugando o rosto dos borrões da pintura, embrulhava-se no seu sobretudo, accendia um charuto, e não dava mais palavra.

Tornou-se-lhe em doença essa qualidade de temperamento.

Procurava a solidão com o mesmo empenho com que os felizes da vida procuram a sociedade e o mundo; e ia, todas as tardes, passear sósinho, em procura de arvores, de silencio e de ar.

Pereira era, em tudo, pelo contrario d'elle.

Baixote...

Gorducho...

Cabello á escovinha...

Cachaço amplo...

Dois olhinhos como dois pontos finaes...

Nariz largo, bocca grande, cara redonda, jocunda e cheia...

Sempre de fato novo, e n'um traje especial: — casaca azul de botões amarellos, e chapéo de palha; pela rua, a toda a hora.

Arrastava um pouco de uma perna, firmava-se n'uma bengala grossa, de canna da India; — a mão, na ilharga.

Dir-se-hia um selvagem, que houvesse vivido sempre n'uma matta, e não quizesse ter olhos para ver a casaria do occidente civilisado. Estranho aos costumes, á vida, e ás maneiras da sociedade polida, tirava das prendas da sua ignorancia o melhor da originalidade que tinha.

Berrava...

Rugia...

Roncava...

Augmentava, a ausencia de cultura, a força da sua individualidade.

Não lia senão comedias, em que entrasse um Sainville, que representava em França por esse tempo os papeis que elle desempenhava aqui; mas tinha centos de livros, comprava quantos lhe apparecessem, mandava encadernar todos, não lia nenhum.

Depois do ensaio, ia todos os dias jantar ás Hortas. Já o campo o conhecia de o ver passar; pareciam dizer-lhe adeus as oliveiras, darem-lhe os bons dias os malmequeres, os valancos, os almeirões; atirarem-lhe beijos as cardasólas por entre as silvas e as flores de amora; acenarem-lhe as searas com o seu loiro véo, e dizer-lhe amorosamente a grande alma vegetal:

— Adeus, Antonio! Adeus, Pereira! Adeus, amigo!

Era o ultimo patusco, como o outro fôra *o ultimo da encerragem*. Amava o petisco, o coio rustico, os sujeitos luzidios, vermelhos, pançudos; Baccho e os acolytos, sylvanos modernos, satyros que bebem do *do lavrador*, em cima da borra, procissão triumphal, cortejo de sylenos adoradores do *Tinto!*

Ahi passava as tardes, vendo jogar a malha, jogando

elle tambem de uma vez ou de outra, com os primeiros que para alli encontrasse, sujeitos de mãos sujas, nariz avinhado, barba inculta, sobrancelhas em confusão, e o fato em tal estado, que tudo que não fosse buraco era nodoa.

Applaudia alli o chinquilho, a isca incendida, a fresca azeitona, elle, a quem Lisboa, a quem o Chiado applaudiria á noite, e despedia-se com saudade d'aquelles festivos Dionysios novos, que viviam na folgança, para voltar, ao anoitecer, ao seu camarim do theatrinho da travessa do Secretario da Guerra...

Representava quasi sempre com um grão na aza.

Era a unica fraqueza d'esse philosopho amavel!

Foi, por vezes, como que uma esponja a declamar, mas, de toda a maneira, sempre com graça,—a graça d'elle, mais que a do papel, um estalar de palavras de morrer de riso, ditas um pouco ao acaso, e, por isso mesmo, mais burlescas. Pronunciava umas coisas, taramelava outras, engulia algumas; ria a gente sem o entender, era como aquelles bonecos a que se aperta a barriga para lhe tirar sons, que o da loja affirma que dizem *papá*, e que dizem *mamã*, mas que tanto parece ser isso como *chapéo de sol*, ou *João Brandão*...

Taborda, a esse tempo, principiava a estar na sua

quadra gloriosa. A revolução de 1846 havia atropelado tudo; o emprezario do Gymnasio entregára o theatro, dando parabens a si mesmo de se vêr livre d'elle n'essa occasião, e os socios tinham ido buscar Emilio Doux, homem que viera para Portugal com a primeira companhia franceza que appareceu em Lisboa, a companhia de Paul e de Madame Charton, e que por cá se deixou ficar como ensaiador de theatros portuguezes, — convidando-o a ficar dirigindo o Gymnasio. Doux foi por algum tempo a fortuna d'esse theatro: estabeleceu-lhe reportorio, habituou os actores a um genero que não era conhecido entre nós, o do *vaudeville*, e que foi uma verdadeira curiosidade em Portugal. Do *Beijo ao portador* para o *Coronel*, do *Coronel* para a *Luiza ou a reparação*, para o *Diplomata*, para o *Marido que se desmoralisa*, o Gymnasio ia dizendo como no dialogo de Cineas e Pyrro: «Por tal arte voâmos de conquista em conquista, que não temos um minuto para descançar.» Taborda entrou então como discipulo, e surprehenderá o que vou dizer: — Emilio Doux não gostou d'elle. O proprio Taborda ri hoje d'isso; mas não deixa de ser curioso que um ensaiador tão largamente exercitado em theatro, como o era Doux, tendo de mais a mais sido actor, por signal pateado muitas vezes na rua dos Condes, em peças da companhia

franceza, a que pertencia, tivesse de Taborda, creio que sem as mesmas razões que moviam o general Boum a considerar o Fritz *mauvais soldat,* a opinião desdenhosa de que nunca se faria d'elle um bom actor. Explica-se, todavia, isso, de alguma maneira: era a propria originalidade de Taborda, o seu grande e imperturbavel natural, que não se prestavam a dizer as coisas no tom francez que o Doux queria imprimir á declamação dos seus discipulos; d'isso concluia o outro que o Taborda, que tem sido, e, a meu vêr, ainda é hoje o primeiro actor nacional, o que mais sincera e perfeitamente é nosso, nunca no theatro havia de ser gente.

Na quadra em que se representou a pecita *O Neto,* Taborda ia na alvorada da gloria. O dia raiava-lhe esplendido, mas ainda ia apenas a despontar. Era muito moço, extremamente modesto, não da modestia affectada dos presumidos, mas da sublime humildade dos que se sentem longe do seu ideal, e, trabalhando lentamente, pacientemente, se curvam para armarem melhor o salto.

Entrei eu para o theatro do Gymnasio como traductor, e encontrei em toda aquella gente o gasalhado affectuoso e alegre, que ninguem no mundo sabe dar como os artistas.

Por entenderem que as minhas aptidões deviam ser vastissimas, incumbiram-me logo, por entre outras comedias, de traduzir uma opera-comica. Essa opera-comica era *O Chalet,* palavras de Scribe, musica de Adolfe Adam, um dos mais primorosos compositores francezes. Tratava-se, nem mais nem menos, de passar para portuguez os versos do original, por maneira que coubessem na musica franceza, e tivessem nas palavras a mesma accentuação; tal verso precisava que a primeira syllaba fosse aberta, a segunda surda; se eu o principiasse por uma palavra em que a primeira syllaba fosse fechada, estava tudo perdido para o canto. As difficuldades para isto, na nossa lingua, são consideraveis; cada vogal em portuguez tem umas poucas de pronuncias: *pára, para, Pará;* de outras vezes, contando-se as syllabas grammaticalmente, acha-se tudo estragado musicalmente, quando duas vogaes se embebem n'uma; ainda de outras, se a pausa, o accento predominante que ha sempre n'uma das syllabas da palavra, e que é onde se demora a pronuncia, não fôr guardada na palavra correspondente, o canto resentir-se-ha.

Toda a tarefa, que dizia respeito á musica, estava incumbida ao mestre Frondoni, e esse excellente homem, que ainda hoje não posso encontrar, sem que me

lembrem esses tempos, convidára-me a acertar a traducção dos versos com elle, na sua casa, ao piano.

Frondoni é ainda hoje o mesmo homem, exactamente o mesmo d'aquelle tempo. Toda a creatura que tem uma forte individualidade, muda pouco com os annos. O espirito conserva-se-lhe, o caracter é de tempera para resistir, e o rosto aguenta-se sem alterações notaveis. Frondoni tem sido propriamente um original; ainda hoje o é, ha-de sel-o emquanto viver. Ar brusco, mais que marcial, um quê de brutesco que vae além do modo independente e soberano, suavisado de quando em quando pela sinceridade, até pela bonhomia, de sentimentos dignos. Conheci já um coronel, e todos de Lisboa o conhecemos, que era uma creatura por esse genero: — Vou fallar uma falla ao batalhão! — dizia elle. E mandava formar. Depois, em frente do batalhão: — «Batalhão! Diz-se que andam por ahi uns paizanas a quererem comprar os soldados. Se algum os quizer comprar a vossês, mandem-m'o para cá, que o rebento! Meia volta á esquerda; — quarteis!» D'alli a nada, voltando-se para o major: — «Os soldados, coitados, não precisavam d'esta admoestação, não são homens que se vendam; estou com pena de lhes não ter dado no fim uma boa palavra! Para outra vez será...» Frondoni, ás primeiras palavras, quando en-

*

contra um amigo, parece que quer agredil-o: o outro, se ainda o não conhece bem, vae offender-se e recalcitrar, mas o mestre italiano não lhe dá tempo, porque o abraça.

Elle morava então defronte do Marrare do Chiado, o Marrare dos estroinas, n'um terceiro andar. Todas as tardes, d'esse verão, em sendo quatro horas, batia-lhe eu á porta, entrava para a sala, sentava-me ao lado do piano; instantes depois apparecia elle, fazia-me a pergunta quotidiana:

— Já jantou?

E porque eu lhe respondesse affirmativamente, sentava-se ao piano, e dizia-me simplesmente:

— *Côro* numero tres!

Ou:

— *Côro* numero cinco!

Ou:

— Aria de Betly!

Ou:

— Duetto de Max e Betly!

Esse Max e essa Betly, e ainda outro que era irmão d'ella, e que já não me lembro que nome tinha, constituiam os tres personagens da peça: uma das difficuldades para o Gymnasio, seria a de resolver a quem incumbisse essas tres partes, aliás importantes, se o

Gymnasio podésse conhecer difficuldades; o Gymnasio não as conhecia, não quiz nunca descer a conhecel-as. Quando se tratára de dar opera-comica, reuniram-se os socios, e o Romão fallou:

— Algum de nós canta?

— Eu não! — disse o Pereira.

O Moniz, o Ramos, o Paulo Martins, todos elles, disseram a uma voz:

— Nem eu!

N'isto o Marques ia pedir a palavra para uma declaração, e explicar que, na sua qualidade de antigo menino do côro, havia em tempos aprendido musica.

— Ah! tu aprendeste musica? Então tambem não serves. No theatro, quem haja aprendido musica, desafina.

Em seguida o Romão annunciou um projecto. Os socios ponderaram:

— Venha lá o projecto; talvez sirva!

— O projecto é este: escolher uma opera-comica em que o numero de partes cantantes seja limitado. Ha uma, chama-se *O Chalet;* tem tres figuras: tenor, dama e barytono.

— Esse pouco! — disseram os outros, largando a rir.

— Escriptura-se uma dama! — continuou Romão.

— Quem ha-de ser a dama?

— A Rosalina. Escriptura-se um tenor, o Rorick; e um barytono, o irmão do Assumpção.

Não havia que retorquir. A Rosalina era ainda n'aquella época, para Lisboa, o que a Miolan-Carvalho tem sido para Paris. Dizia-se d'ella:

— Já está cançada, mas é grande cantora!

Tão grande cantora, que sustentou por annos um reportorio lyrico... da rua dos Condes, e alcançou triumphos formidaveis no *Dominó preto*. Italiana, e tendo vindo em pequena para Portugal na companhia de seu pae, fôra morar para o largo da Annunciada, onde o pae começou negocio de vender canarios. D'ahi o nome de *Canaria*, pelo qual sempre foi conhecida entre nós. Se fosse homem, não seria facil encontrar mais bonita alcunha para um cantor do que chamar-lhe canario; teria divisas superiores ao pintasilgo, ao melro, e apenas um posto acima — rouxinol. Mas era mulher, e os canarios téem menos estimação... em sendo femeas.

Emquanto ao Rorick, era um tenor de momento, um tenor *á ultima hora*, que apparecêra mezes antes no theatro de D. Fernando, sendo o tenor da Persoli, como se dizia ha pouco que o Nicolini era o tenor da Patti, emquanto se não disse que elle fosse

para ella mais que o seu tenor. Rapagão esbelto, mas desanimado e insipido, soffrivel voz, sem expressão como o rosto. Ha em França uma cantiga, que é uma das corôas da celebrada Thereza, em que se diz:

C'est un bel homme...
Et p'is v'là tout!

É a ideia que dava de si o Rorick. A vantagem de o escripturar consistia em aproveitar a mania do publico, por essa occasião, para com as operas-comicas, e tirar o artista do theatro de D. Fernando, onde elle cantára a *Giralda*, que o Gymnasio quiz dar tambem.

Pelo que respeita a Assumpção, Assumpção era irmão do outro Assumpção, socio fundador do Gymnasio. Chegára do Brazil, era um bom corista, é-o ainda hoje em S. Carlos, e do mesmo modo e com a mesma pujança com que o arlequim da farça dizia ao janota que lhe namorava a filha:

— Vossê toca algum instrumento?

— Toco um bocadinho rabeca.

— Quer ser da força de Paganini?

— Não conheço esse sujeito.

— Faça parte da companhia, vamos annuncial-o como o rival d'elle!

Assim o Gymnasio disse a Assumpção:

— O snr. Assumpção é um bom corista. Pelo facto de ser irmão do nosso socio, quer ser primeiro barytono? Vamos annuncial-o como primeiro barytono.

Acclamada a proposta, escolheu-se *maestro*, que fosse em tanta maneira habil que vencesse as difficuldades mais insuperaveis, e não chamasse difficil senão ao impossivel, e fez-se o contracto com Frondoni. Em seguida dirigiram-se a Mendes Leal, para traduzir a opera. Mendes Leal marcava para esse trabalho um preço elevado, por saber o que elle significava, e por ter a consciencia do que faria; a empreza fugiu assustada, e, sem eu saber nada d'isto, convidou-me para traductor do theatro, e deu-me a opera.

Quando as coisas estavam n'este ponto, foge o Rorick, ou morre o Rorick, ou resiste o Rorick, o caso é que não ha tenor. O que ha-de fazer-se?

Nova reunião dos socios: Manoel Machado pede a palavra.

III

Quem era Manoel Machado?

Manoel Machado, hoje fiscal das plateias em S. Carlos, era o verdadeiro pae do Gymnasio, do qual Gymnasio os outros socios, incluindo Taborda, eram verdadeiros filhos; — o que quer dizer que Manoel Machado é avô d'elles.

É da provincia. Nasceu para lidar em emprezas. A provincia suffocava-o. Tinha precisão da lucta, incerteza, vae-vem da sorte, ora fortuna, ora revez, a opulencia, a miseria ás vezes. Artista, sem tablado, com todas as paixões do artista de theatro. Homem robusto e soberbo, figura de romance, um d'aquelles typos

que o Balzac tractava com attenção, Vautrin, Quinola, o homem de forças, não esmorecendo nunca, não abatendo, não hesitando, parecendo nunca poder cahir. Actividade, energia, saude, audacia, e paciencia. Trabalhando sempre; pensando, preparando, inventando, vencendo. Servindo-lhe tudo, até as contrariedades ás vezes, até a desgraça, para melhorar, — o que explica os beneficios, de umas vezes; de outras, a promptidão de alcançar protectores para emprezas, firmas para lettras, bolsas abertas para rasgos imprevistos...

— Falla! — lhe disseram — Falla, Manoel!

Elle disse unicamente:

— Vamos procurar o Celestino!

A este nome estremeceu tudo. Logo acudiu á lembrança a grande arte nacional, os fastos de S. Carlos, e, principalmente, os fastos de Santa Cecilia, na egreja dos Martyres, em que elle era o cantor permanente. Tinham essas festas o poder n'esse tempo, muito mais do que hoje, de attrahirem a concorrencia e as attenções da população mais culta e mais elegante. Ainda hoje ha entre nós um fervor enthusiasta de *dilettantismo,* em que entra não só o sentimento de amor pela musica, mas de religião e de poesia para com a festa em que se celebra aquella grande santa. E o mais curioso é que ninguem tem ideias claras, se-

guras, a respeito das prendas d'essa illustre padroeira dos musicos. Uns dizem que ella cantava, outros que tocava orgão, alguns pintores tem-a apresentado a tocar violoncello; ninguem, emfim, sabe ao certo, nem ha historia que o diga por modo indiscutivel, qual o genero de instrumento com que se acompanhava a joven romana, que devia morrer virgem e martyr na Sicilia, quando celebrava louvores a Deus. Era boa, é o que se sabe, e não é pouco: isto basta para justificar a santa. A elevação de qualidades que distingue os que são superiormente bons, importa a intelligencia, a generosidade, a resignação, a humildade, a crença; o pulso da bondade tem um bater especial, que contraría n'isso todas as leis da analogia; quasi todos o que mais querem é o dia e a bulha; a bondade compraz-se na solidão e na sombra; é como a fonte de que falla Quinto Curcio, que diz existir n'um bosque, e chamar-se agua do sol; quando o sol nasce, está ella morna; em o calor indo no auge, ao meio dia, baixa ella de temperatura; com o declinar do dia, vae subindo; está quasi a ferver á meia noite, e, quanto mais vae chegando a manhã, mais arrefece; póde figurar-se essa fonte maravilhosa como um symbolo das almas que não se importam com os lumes da terra, e só aquecem á proporção que se approximam

da grande noite, que é para ellas o limiar do verdadeiro mundo e da verdadeira luz.

Celestino lisongeava n'essa época por certo modo a dedicação dos portuguezes pela musica. Não só Lisboa e o Porto se mostravam notavelmente propensos ao gosto por essa arte, mas até as provincias davam constante testemunho de sentirem, de comprehenderem, de amarem a musica, e até de cultivarem essa sua predilecção natural. Celestino, alcançando a voga, quasi reservada até então exclusivamente aos italianos, era como que uma esperança e já uma gloria nacional.

Gostam de musica todos os tristes, e os portuguezes são tristes. A melancolia tem mil feitios...

Ha a melancolia que se quer ter...

A melancolia que se evita...

A melancolia vaga, poetica, roçando a aza pela mocidade, a fallar-lhe da vida, com uns sorrisos que parecem brincar nos labios rosados da esperança...

A melancolia pezada...

A melancolia aguda...

A melancolia chronica, pállida, incredula, muda, gelada...

Os portuguezes ou téem uma, ou outra; mas não ha portuguez sem uma dóse enorme d'ella a pezar-lhe no miôllo, no cachaço, ou no coração.

E não é o peor que temos. O andamento de todas as coisas em Portugal, podia originar mal mais grave. Algumas vezes a melancolia é perfeitamente motivada entre nós; o que não succede ao *spleen* dos inglezes, filho dos nevoeiros e da tristeza do seu clima.

Entre essas melancolias todas, ha a da mocidade, que limpa a seiva com algumas penasitas vaporosas, lyrismo de suspiros faceis, lagrimas choradas ao luar; a da madureza dos annos, que nasce com as decepções, do desanimo que deriva d'este inferno a que a gente chama experiencia; a dos velhos, que é a fadiga moral e physica, o dizer adeus a tudo isto, o avistar a eternidade e o julgamento.

Gostamos de musica, isso é verdade, e talvez não tenhamos outro titulo pelo qual mereçamos tanto ser louvados. É dote das boas almas terem necessidade d'ella; mas não basta talvez este gosto intimo, e ahi fallece em nós o alto poder d'essa prenda; é preciso tambem sentil-a e amal-a, porque assim digamos, em tudo; nas acções até, como o suspirar de um orgão, tocado na sombra por um musico invisivel...

— Vamos procurar Celestino! — disse Manoel Machado — e foi como se n'isto dissesse tudo.

Os outros hesitaram por um momento, como para

darem a entender que consideravam aquella proposta por demasiado ambiciosa.

— Celestino! — ponderaram.

— Sim, Celestino. Só elle póde salvar-nos.

— E será facil resolvel-o a isso?

— Se fosse facil não iriamos lá todos. A caminho!

Encerrou-se, sem mais demora, a sessão.

Foram procurar Celestino.

Celestino era o grande artista lyrico nacional; nunca tivemos melhor, e seria difficil haver melhor do que elle, que, sendo um cantor só, representava uns poucos, cantando de *barytono* por escriptura, de *baixo* nos apuros de occasião em que se encontrasse a empreza, e de *tenor* em caso de força maior.

Era o que se estava dando, na opinião de Manoel Machado: um caso de força maior. Celestino, amigo antigo d'elle, não soube resistir á exposição succinta da calamidade que ameaçava o Gymnasio, e o fiel Trancolino, patusco que o acompanhava sempre, famulo, *claqueur*, conviva, e confidente, disse, todo risonho e humilde:

— A voz d'elle é para tudo! Para tudo!

Manoel Machado foi d'alli a correr contar isto a Frondoni; marcando as distancias por maneira que houvesse entre elles um frade de pedra, á cautela,

não tivesse o *maestro* alguma furia, d'essa vez bem motivada, e o enforcasse em plena rua.

Frondoni, ao qual encontrou no Chiado, escutou-o com attenção, e retorquiu:

— Dá-me, isso do Celestino cantar de tenor, mais trabalho a mim do que a elle. É preciso abaixar a musica... *Adio! habiamo conversato. Siete tuti voi massatori!* Ámanhã, ás dez horas da *matina* — ensaio. Passa *bene!*

E foi andando.

A nossa tarefa das arias e duettos entreteve-o muito. Pareceu satisfeito de fazer o meu conhecimento, e tudo era pasmar de como me achasse eu mettido n'uma faina de tal ordem.

— *Perché* vossemecê — dizia-me elle — é uma creança! Está muito *giovane! Bisogna* juizo... *bisogna applicazzione... Andiamo!*

E ahi principiava eu a dar-lhe versos, e elle a cantal-os, acompanhando-se ao piano.

Eu contemplava-o, meditando. Figurava-se-me elle ser homem que impozera a si mesmo, e cumpria sem esforço de vontade, a missão de não se deixar illudir, nem pelo presente nem pelo passado, não se deslumbrar pelo fasto mundano, nem de palavras, nem de haveres, nem de graças, nem de favores, conservando

em todas as circumstancias a liberdade de espirito e o sangue-frio de juiz, dominando os arrebatamentos da sensibilidade para obedecer unicamente á razão, ou para fazer sacrificio de tudo isso n'uma dada hora, por capricho, a alguma mulher.

Nunca averiguei se me enganei n'isto, ou se acertei.

Guardo para com elle ainda hoje boa lembrança d'aquellas tardes; só elle conheceu, e se interessou verdadeiramente pela massada liliputhianamente homerica que eu tive com essa traducção, que não prestava para nada, senão para o que elle queria, — para caber tão bem na musica como o original. N'uma tarde perdi a paciencia, e, para deixar rastro de creancice, quiz pregar uma peça áquella historia toda. Tratava-se do *côro,* que annuncia em jubilos o casamento de Betly. O *côro* dizia propôr-se a *celebrar* o consorcio

o consorcio celebrar!
celebrar!
celebrar!

Frondoni recusava a palavra, por não ter força a primeira syllaba d'ella. Não queria, pela mesma razão, *festejar,* nem outra, nem outra.

— Força! — gritava elle. Palavra em *ar,* e com força na primeira.

— Não tenho mais!

— Procure!

— Não ha!

— Deve haver.

— *Perpetrar,* serve-lhe?

Elle cantou, tocando ao mesmo tempo,

o consorcio perpetrar!

— Optimo! — disse.

— Está prompto!

Ensaiou-se, aprendeu-se, cantou-se em mais de cem récitas, porque o *Chalet* teve mais de cem representações,

o consorcio perpetrar.

E ninguem deu pelo unico crime que se perpetrára... que fôra o meu!

IV

O publico era innocente como uma creança; acceitava tudo. Se era sensato, o que ouvia dizer no palco, tomava-o a sério; se era asneira, tomava-a em conta de gracejo. O mesmo diz o Heine que costuma fazer a gente de Berlim, a qual, refere elle, inventou a ironia, a fim de poder á sombra d'essa invenção dizer tudo que lhe vem á cabeça, e, se o que lhe vier á cabeça fôr tolice, dispensar-se com esta sahida engenhosa:

— Isso dissemos nós por ironia!

Era um regalo escrever para o theatro, n'aquella época. A penna podia correr intrépida n'essas empreitadas, sempre certas de bom exito. N'um dos dramas originaes, que appareceram, — quantos, Deus meu, e

*

de que moldes! — dizia um personagem com a melhor convicção, a melhor dignidade, e o ar mais grave e solemne:

— Nós, homens da edade média!

E ninguem se ria.

Porque haveriam então de rir-se do *perpetrar* do *Chalet?!* Esse perpetrar, de mais a mais, era apenas o resultado, segundo a phrase dos auctores, da *febre da composição;* e nunca essa *febre* terá sido tão justificada como o era a minha, que, durante as horas do ajuste de contas da poesia ao piano, estava a arder por vêr terminada a tarde, e irmos defronte tomar um sorvete, para o qual o *maestro* me convidava sempre, logo que se fechava o piano e se arrecadavam os papeis.

Defronte, como lhes disse, era o Marrare.

N'esse tempo, Portugal era Lisboa, Lisboa era o Chiado, e o Chiado era o Marrare.

O Marrare não era o primeiro nem o ultimo botequim, era uma especialidade. Dizia na França uma senhora, que foi um dos maiores espiritos d'este seculo: «Thalberg é o primeiro pianista, Lizt é o unico.» O Marrare das sete portas, conhecido por Manoel hespanhol, era o primeiro botequim: o Marrare do Chiado era o unico. Se alguem desejar saber o que

foi feito dos rapazes que durante trinta annos passaram por aquelles dois corredores estreitos, esguios, mysteriosos, encontrará addidos de legação, chefes de secretaria, ministros, os que por alli tenham andado e sejam ainda d'este mundo.

Á frente, uma pequena sala; á direita, um corredor com pequeninas mezas de um lado e do outro, conduzindo ao bilhar; á esquerda, outro corredor levando ás cosinhas.

Era a casa das noites e das manhãs.

De tarde, ninguem.

Á hora em que nos outros botequins não havia mãos a medir para attender a freguezes, que fossem tomar o seu café, os freguezes do Marrare estavam em sua casa vestindo-se para irem jantar.

Mas, pela noite adiante, que agitação, que vozearia, que dissertações com respeito á musica; — quando digo *com respeito,* sabe Deus como ella seria tractada!

Entrar no Marrare, era caso. Como que se precisava apresentação. Ninguem lá ia sósinho á primeira vez. A alta elegancia era estar á porta, a vêr e commentar os que passavam. Foi uma mina para mim aquelle ensejo de pôr pé no Marrare. Senti-me outro, no dia em que, ao cahir de uma tarde de verão, poude

estar á porta d'aquelle café glorioso, emquanto Frondoni conversava com Lima da Cardiga, estroina importante, gastador audaz.

Ao segundo dia, já principiei a conhecer os frequentadores; a minha aspiração era fazer um conhecimento por dia. O primeiro conhecimento foi o José Guedes, sobrinho do conde de Farrobo, homem de olhos piscos, vermelhos nas orlas, oculos de aro de ouro; o segundo José Vaz de Carvalho, o terceiro Guilherme Lima, o Lima da flauta, ainda depois chamado o Lima de S. Carlos, magro, pallido, transparente, e logo o João de Oliveira, cunhado do conde de Tojal, gordo, vermelho, atochado, pançudo, Sancho ao lado de Quichote...

Por entre uma alluvião de estroinas, que entravam, sahiam, paravam na sala, á porta, alli tomavam a sua genebra, fumando, palrando, havia um velho, sempre sentado á entrada, sempre bebendo alguma coisa, sem pressa e gentilmente, homem baixinho, um pouco avermelhado, sempre de sobrecasaca, resistindo ás innovações da moda, á famosa *polka,* que era a novidade de Lisboa, e até déra o seu nome aos casacos curtos; velho já, e de cabellos brancos, mas amenisando isso pelas boas côres do rosto, e pela suavidade de suas fallas e maneiras; era o velho Verdier, patriarcha

n'aquelle templo, especie de symbolo, oraculo que explicava tudo, sabia tudo, a tudo assistira em presença, de tudo se recordava e referia.

Á proporção que as pessoas iam passando pelo Chiado, elle, de dentro, sentadinho á meza, via-as e as commentava, como se fizesse o texto para essas estampas ambulantes.

Davam-lhe da porta, ás vezes, os estroinas, aviso de quem ia passar, como concedendo-lhe no minuto de espera o tempo sufficiente para chamar e reunir as suas lembranças:

— Ó snr. Verdier? — dizia-lhe da porta o esgalgado e cambaio Perfume.

— Senhor? — perguntava Verdier.

— Ahi vem o abbade de Castro!

— Deixe-o ir, entregue ás suas pacientes investigações. Vae offerecer aos jornaes algum achado importante!

N'isto passava o abbade de Castro, comprido, estitico, interminavel, todo curvado, com o seu chapéo de pêllo de abas muito largas...

O Perfume ia cumprimental-o; depois, voltando-se para Verdier:

— Ó snr. Verdier, não nos disse ha pouco que desejava fallar ao snr. abbade de Castro?

Verdier, por cortezia e disfarce, levantava-se do seu logar, e ia fallar ao antiquario.

—Estava desejoso de consultal-o, snr. abbade, sobre um ponto para mim confuso...

O abbade farejava-o...

—Qual o ponto?

Verdier, sem mais demora:

—Queira dizer-me: os monarchas portuguezes, desde Affonso I, o Conquistador, até o cardeal D. Henrique, o Casto, costumavam andar de coche, ou a cavallo?

O abbade tirava a caixa de rapé, abria-a lentamente, suspendia-se antes de formar a pitada, e respondia austeramente:

—A cavallo!

—Obrigado!—dizia Verdier—Muito obrigado.

E despedia-se do abbade de Castro, que seguia, sorvendo gloriosamente a sua pitada.

Á noite, quando Verdier recolhia, dizia-lhe a criada:

—O senhor vem agora do Marrare?

—Venho, sim!

—Não foi lá um homem?

—Foram lá muitos homens. Porquê?

—Um homem procurar o senhor...

—Não, não foi.

— Veio cá ha meia hora, e eu para lá o mandei.

— A esta hora?! É quasi meia noite!

— Diz que era coisa urgente.

— Pois eu lá volto...

E o velho Verdier, abordoado á sua bengalinha, voltava apressadamente ao Marrare:

— Veio alguem procurar-me, José?

O gordo criado José retorquia:

— Deixaram uma carta para o snr. Verdier.

— Venha ella.

A carta dizia:

«Illmo Snr.

Porque me pareça opportuno completar a informação que se dignou solicitar-me, occorre-me avisar v. s.ª de que desde Affonso I, o Conquistador, até o cardeal D. Henrique, o Casto, não andaram sempre os monarchas a cavallo, andaram tambem em andas...»

Verdier, despeitado, e ao mesmo tempo pasmado de que os monarchas tivessem usado andarem trepados em andas como os arlequins, suspendia-se, sem saber o que acreditar...

Mas a carta proseguia:

«As quaes andas o mesmo eram que leito ou cadeira portatil.»

Verdier respirava e concluia:

«Dê-se o caso de querer v. s.ª pormenores a tal respeito e encontrará...»

— Vamos encontrar a cama! — dizia Verdier com um suspiro — Já eu podia estar a dormir a esta hora!

E ia para casa, enriquecido com aquelle autographo inesperado, mas furioso com elle e com o Perfume, verdadeira origem de tal fortuna.

Era um botequim alegre. Quando algum freguez deixava ir crescendo a conta, nunca se lhe pedia o dinheiro. Unicamente, de uma vez ou de outra, se rompeu no excesso de mandar vir o homem do *psalterio* para tocar uma composição ao freguez em debito, mesmo nas bochechas d'elle. O *psalterio*, como se sabe, é um instrumento que móe a paciencia de um homem em menos de dez minutos. Affirma-se que e impossivel comer dezeseis dias a fio um pombo assado ao almoço, ou ao jantar; tem havido já grandes apostas, e quando o que se propõe vencer chega ao oitavo ou nono pombo, principia a enjoar-se com tanta ancia, que lhe é impossivel passar do decimo primeiro ou decimo segundo; a carne do pombo é cálida, e isso justifica-se pelo temperamento excessivamente amoroso d'essa ave, e creio que produz certa inflammação de entranhas, de que nasce a repugnancia de prose-

guir n'essa comida. O *psalterio,* para os ouvidos, participa d'esse phenomeno de repulsão; em se escutando meia hora começa a tristeza, o enfado, a nausea, o *spleen* em todo o seu torpor. Se o freguez no dia immediato a um concerto de *psalterio* não pagava o que devia, dobrava-se-lhe a dóse: tinha *psalterio* para uma hora.

Nunca houve freguez, por mais intrépido, que se atrevesse a affrontar o concerto do terceiro dia, que promettia ser ainda mais prolongado, e pagava, para ter o direito de chamar nomes ao concertista e ao instrumento, pondo-os a ambos pela porta fóra.

O que dava á casa uma feição especial, é que, atravez da onda de extravagantes que irrompia a cada momento por aquelles corredores, viam-se de vez em quando entrar dois grandes homens, tres grandes homens, quatro grandes homens,—basta! os grandes homens entre nós nunca chegaram a meia duzia! Sejâmos sobrios, para sermos verdadeiros!—que iam sentar-se a uma das mezas retiradas nos desvios do corredor da esquerda, e alli tratavam ás vezes alguma alta questão urgente da politica e da governação.

As farças que sahiam d'esse botequim infernal, eram por vezes a ordem do dia da chalaça publica.

Comquanto a humanidade não viva ha pouco tempo, a seguirmos as indicações da chronologia biblica e conforme certas sciencias nos levam a crêr; comquanto o homem, se fôrmos a olhar para o passado, já esteja n'este mundo ha muito tempo, era caso, n'aquella época, de ficar maravilhado da sua mocidade, e affigurar-se que ainda agora elle estivesse a nascer para a vida social. Notava-se isto principalmente no apparecimento dos conselheiros, dos figurões, dos medalhões. Eram ainda infantís, inexperientes, aspirando apenas á paspalheira triumphante d'hoje.

Appareceu um por essa occasião, que, mais tarde, deu que fallar de si, não pelo que fez, que nunca fez nada; mas pelo geito com que incutiu nos animos, como se fôra uma realidade, o que nunca passou de um sonho d'elle — a sua importancia.

Fazia a côrte a uma cantora esse grande ambicioso de então, e a cantora assegurava que elle nunca lhe fallára, quando estavam a sós, senão do seu relatorio, um relatorio que fizera, e apresentára ao governo. O Marrare em pezo, n'uma noite, combinou-se, e o medalhão no dia immediato recebeu cem cartas, assignadas todas do Marrare, a felicital-o pelo seu relatorio, e a palavra em francez, *rapport, votre rapport, votre*

étonnant rapport, votre éblouissant rapport, votre rapport éclatant!

Á noite elle levou as cartas, e mostrou-as á *diva*. Ella custava-lhe provavelmente a conter o riso.

— Esse Marrare — perguntou-lhe — é uma Academia?

— Não é bem uma Academia — respondeu o personagem — é porém digno de sêl-o!

De outra occasião, querendo gracejar com um fidalgo novo, um barão pomposo, que dava *soirées*, o Marrare expediu uma circular redigida por este theor: «O barão ***, achando-se constipado, não fica em casa na noite de hoje.»

Nada d'isso fazia mal, antes fazia rir; e os sorvetes eram deliciosos alli, e delicioso o chocolate, e delicioso o Champagne de que esse botequim das elegancias cortava com frequencia todas as noites, depois dos theatros, os cordeis e arames que o prendiam, deixando-o na plena liberdade da alegria e do ruido correr nas mezas, espumar nos copos, e saudar a quadra mais brilhante da mocidade lisbonense!

Produzia-me tudo aquillo certa impressão phantastica. A incerteza da minha situação, na presença d'aquella folia permanente, occasionava-me ás vezes a vertigem da ambição. Não a ambição trivial, que quasi

sempre entre nós se vira apenas para umas dadas grandezas: casar rico, ser deputado... Benza-me Deus, nunca isso me seduziu; mas o desejo de realisar tambem algum sonho;—quem é que não tem os seus?

Muitos annos depois, n'uma noite, em Veneza, tendo chegado alli ao cahir da tarde, n'um dia de chuva, levado em gondola fechada pelos canaes adiante até á hospedaria Danielli, avistando os palacios patricios, atravez da chuva que batia nas vidraças, a erguerem-se das aguas na sua ruina magestosa, e não podendo ir logo vêr Veneza, porque em Veneza, quando chove—curiosa inutilidade, chover... no mar!—os estrangeiros apenas podem passear debaixo das arcadas de S. Marcos, jantei, e fui para lá. Apertára mais a chuva; a cidade estava como que abandonada, n'um silencio incomparavel, porque decerto é incomparavel o silencio d'aquella terra, onde não andam carruagens, nem omnibus, nem carros, nem cavallos, e em que cada um vae de gondola, ou vae a pé; terra que nem mesmo póde dizer-se que seja bonita de dia, porque não lhe vae bem o sol a alumiar-lhe as ruinas; terra que só é deliciosa nas noites claras, quando se envolve no manto azul do céo e se reflectem os raios da lua nas ondas pequeninas dos canaes, como se estivessem a dar em esmeraldas... Não podia affazer-me á ideia

de estar vendo uma cidade, senão um phantasma, uma illusão — tão natural é duvidar do que por tal fórma entre pelo impossivel; Veneza dormia ao som das ondas que lhe banhavam os pés de marmore; não havia nenhum guitarrista em S. Marcos, os pombos estavam provavelmente acocorados no cimo da cathedral; nem uma estrella, nem uma canção, nem um remo... Então, nas arcadas, encontrei um botequim resplandecente de luzes, um botequim que não tem portas, porque nunca fecha; rendem-se os criados, e conserva-se aberto toda a noite: estava cheio de gente; e, emquanto alli tomava um gelado, acudiu-me á ideia o sorvete com que Frondoni me regalava, no Marrare, quando eu tinha dezesete annos, e traduzia ás tardes as coplas do *Chalet*, sem, n'esse tempo, ao lado d'aquelle italiano, e ao ver no botequim os Vicente Corradini, os Miraglia, os Volpini, a pleiade dos artistas de S. Carlos, ter outras ambições senão as de ir alguma vez por esse mundo adiante!

Coisa curiosa, coisa verdadeiramente singular, eu havia sonhado isso muitas vezes... Se cada um escrevesse, com exactidão, a historia dos seus sonhos, talvez que, com a ajuda do tempo, d'elles se construisse a realidade, e se conhecesse que as chronicas do somno valem pelo menos tanto como as

mentiras acordadas da vida. Nunca visitou as minhas noites a illusão das grandezas. Vêr mundo, sim! Por ordinario, os poemas, os dramas, as comedias, os episodios sem nome, que pertencem á phantasmagoria do sonhar, subtrahem-se a uma conclusão, a um desenlace, a um fim completo, abortam de subito, e dividem-se n'outras combinações, transformando-se, como para affastarem o perigo das impressões violentas, o risco de prolongar demasiadamente as commoções intempestivas. Nunca sonhei com as grandes ambições, que seduzem quasi toda a gente. Provém isto, talvez, de não terem sido felizes os primeiros annos da minha vida. Nunca conheci bem as festas do alvorecer da mocidade. Oiço ás vezes fallar dos encantos d'essa edade, interdictos ao curso dos chamados annos de prosa; a alegria immensa, que inaugura as manhãs em que o coração desabrocha e respira as brisas de esperança illimitada, acordando a todos os concertos da vida, aos faustuosos improvisos que a juventude prodigalisa a si mesma. Tive, em vez d'isso, n'aquelles annos, uma melancolia sem razão, immensamente vaga, e por isso mesmo infinita...

Essa melancolia justificou-se depois, no principio da minha carreira, muitas vezes. Uma d'essas, teve logar por occasião d'essas tardes da traducção do *Chalet*.

Quando eu ia com os meus papeis para casa de Frondoni, ouvi um:

— *Pst!*

V

Voltei-me. O *pst* vinha de Manoel Patricio Alves, que me chamava.

— Olhe lá — disse-me elle — deixe avisal-o de que o seu nome está na porta da egreja, para o recrutamento.

Foi como se me mettesse n'uma sorveteira. Fiquei gelado.

— O que ha a fazer? — perguntei.

— Livrar-se, ou ir marchar ao som do rufo de um tambor.

— Como poderei livrar-me?

— Vá ao sorteio; se lhe sahir um numero alto, póde escapar.

O sorteio foi d'alli a oito dias, na Camara municipal, que era áquelle tempo no Terreiro do Paço, onde é hoje o ministerio do reino. Fui; tirei o numero tres.

Para alto, era um pouco baixo de mais!

Voltei a Manoel Patricio; expliquei-lhe que não tinha dinheiro para dar homem por mim, que não tinha empenhos, que não conhecia ninguem, que estava perdido. Elle, e Alves Chaves, fizeram o possivel para me esquivarem d'esse golpe inesperado; tudo era já impossivel; não havia appellar senão para a inspecção. Os medicos eram o dr. Pitta, e Marcelino Craveiro. A inspecção tinha logar na administração do Rocio, no primeiro quarteirão da rua dos Douradores. Eu era n'essa época infeliz de mais para ser doente; a doença é a contrariedade dos felizes; quem não tem nada, tem de ordinario a suprema felicidade, que é a saude, mas não conhece esse bem, e é como se a não tivesse; eu era rijo e são, magrito, mas forte, sadio, leve e escorreito. Diacho!

Passei a noite em claro, a scismar...

Alta noite, de repente, tive uma ideia.

Quando eu andára no collegio militar, tinham-me inspeccionado, e ouvira um homem dizer a meu pae que eu era defeituoso das claviculas. Meu pae foi n'esse momento examinar-me as costas, e não obser-

vou isso: o mesmo homem que acabava de o dizer, apalpou-me de novo, e retorquiu a rir:

— É curioso! Ainda ha pouco tinha dois ossos espetados como duas flechas, e agora não!

Conforme o movimento que eu dava aos braços, as claviculas pronunciavam-se e podiam realmente indicar que eu fosse aleijado.

Eram os ossos da providencia! Na tal noite, quando me lembrei d'elles, saudei-os com uma alegria infinita; e, na manhã immediata, em plena administração do bairro do Rocio, tive o prazer de os espetar com tal exito, depois de me mandarem pôr em mangas de camisa, que mereci, á piedade risonha da sciencia, esta exclamação compassiva:

— Infeliz mocidade!

— Vista o seu casaco!

Vesti o meu casaco, e recebi da mão illustre do administrador, que era o poeta Augusto Lima, uma excellente e notifica resalva, que sempre se me affigurou, comquanto em prosa, ser a melhor obra d'aquelle lyrico inspirado.

— Que estylo! que joia de talento! — dizia eu — encantado de vêr a graça com que a resalva fazia o meu retrato:

SIGNAES CARACTERISTICOS

Altura — 1 metro e 67 centimetros.

Rosto — Redondo.

Olhos — Pardos.

Cabello — Castanho.

Côr — Morena.

Bôca — Regular.

Barba — Pouca.

Era um amor!

José Estevão, que tinha para tudo uma ideia, um dito, uma lembrança, uma historia, quando, n'um dia, muitos annos depois, succedeu vir a ponto este caso e narrar-lh'o eu, contou-me que um amigo seu de Aveiro, moço de hombros atleticos, estando tão namorado de uma mulher que por coisa alguma do mundo se resolveria a apartar-se d'ella e da delicia dos seus amores, se vira obrigado a deixar-se inspeccionar n'um quartel, não tendo já para que appellar, antes de jurar bandeiras.

— Então o senhor — disse-lhe o que presidia ao acto — quer eximir-se ao serviço?!

— Não tenho outro remedio! — retorquiu-lhe o mocetão.

— Que razões se lhe offerecem para allegar?

— Sinto-me atacado de uma cruel enfermidade.

— Entre ahi n'esse quarto.

— Para què?

— Entre n'esse quarto, já lhe disse, senhor.

O homem entrou para o quarto, e, uma vez lá, despiram-o todo dos pés á cabeça.

D'alli a nada, appareceu de novo nos trajes de nossos primeiros paes.

— Diga lá, que enfermidade é?

— Sou curto da vista!

O coronel largou a rir, os medicos riram tambem...

— Vista-se!

Que havia de fazer-se, senão livral-o?

Ha uma exemplificação moral na citação d'estas historias. Servem ellas de testemunho de que ainda n'esse tempo se attendia á alegria, á mocidade, e havia nos corações um sentimento de sympathia por esses dotes, sentimento que os empenhos e os interesses de outra ordem não precisavam acordar. As historias ficam registradas em louvor e em honra da nobre espontaneidade do procedimento d'esses homens.

Foi essa a primeira vez em que a profissão de medico deixou por momentos de me ser antipathica. Dedicára-lhe sempre uma aversão profunda. A minha familia havia querido que eu me dedicasse a essa car-

reira. Dizia uma tia minha, ser essa a unica profissão independente. O procurador de nossa casa, quando ia visitar meu pae, estreava-se sempre pela galanteria de querer que eu lhe tomasse o pulso. Tentaram despertar em mim a sympathia pelas enfermidades e o gosto pelos remedios. Apresentavam-me, brincando, aos boticarios, como futuro doutor, e achei-me aos quatorze annos relacionado com um grande numero de pharmaceuticos.

Por mais que eu diligenciasse dar-me ares de viver o prologo do destino grave que me reservavam, a mãe natureza destruia tudo...

Era indispensavel mudar de rumo...

Mudei.

As tias velhas continuaram a suppôr pelo tempo adiante que eu seguisse firmemente a ideia de ser medico. Quando eu estudára inglez no Lyceu, vira todos os dias n'essa aula, em qualidade de ouvintes, tres estudantes da Eschola medico-cirurgica, que cursavam o terceiro anno, e iam buscar a S. João Nepumuceno, onde se achava estabelecida uma das secções do Lyceu, aquella consagração de haver estado, durante um anno lectivo, sentado duas horas por dia n'um banco de pinho, defronte de um professor de linguas. O inglez de S. João Nepumuceno dava ares effectivamente do inglez

de Inglaterra; havia um quer que fosse de parecença, de parentesco até, com a lingua dos inglezes, e podia dizer-se, da lingua ingleza que nós ficavamos sabendo, o que os proprios inglezes nos seus vapores de Southampton costumam dizer de uma beberagem que servem ao almoço aos passageiros, e que não sendo leite, o imita soffrivelmente, mercê de uma porção d'agua com farinha:

— Isto não é leite! — exclama o passageiro.

E o *stward* redargue gravemente:

— *Not; but it is a very fine substitute!*

O inglez de S. João Nepumuceno era, tambem, uma muito boa substituição de inglez.

Um d'aquelles estudantes da Eschola medico-cirurgica que iam ao Lyceu estudar inglez, porque essa lingua n'aquelle tempo não fizesse parte dos preparatorios, era Antonio Maria Barbosa, hoje o mais illustre dos operadores.

Quando elle me encontrava, perguntava-me sempre:

— Em que anno medico andas?

Empregado já como traductor do Gymnasio, eu levava n'essa época a vida mais alegre da minha existencia; as tias continuavam a considerar-me no caminho de entrar *in docto corpore;* uma pessoa da sua amizade escreveu-lhes por essa occasião, sabendo da

representação do *Chalet,* que já lhe constára haver tido logar a primeira recita de uma opera minha: uma prima velha que havia em casa, e que costumava lêr as cartas, tomou *recita* como *receita,* e *opera* por *operação,* e largou a dar-me abraços.

Não sei se com os annos se desvaneceu um pouco em mim a antipathia pela profissão; o certo é que sempre que tenho ouvido rir dos medicos e dos frades, tenho tido dó; não dos que vivem, mas dos que hão-de vir. O povo tem juizos que não se repetem; a comedia medica deu o que havia de dar; não vale a pena de ainda os continuar a metter á bulha.

Que são os medicos de hoje, prevenidos com uma dada instrucção, que lhes dá certa luz na sciencia, em comparação aos colossos de asneira e de absurdo de outros tempos, em que a medicina era um sacerdocio burlesco, exercido nas trevas da rutina por uns ratões de pedantes tyrannicos?

Fóra de Hyppocrates não havia salvação, ou a havel-a, era sacrilega.

Lembremo-nos da doutrina dos doutores de entremez, de que, ainda que levasse a bréca o doente, não se devia dispensar um jota ás regras, para curar uma pessoa com outros remedios que não fossem os que prescrevesse a faculdade.

Não seria mais clara, e póde dizer-se que não seria menos perigosa, do que a caverna de Trophonio, escóla em que se ensinasse essa ignara medicina.

De proposito, não havia pratica.

Nunca o mestre levava o discipulo á cama do doente.

Não lhe fazia nunca estudar o mal na cama, a vida na morte.

Passava-se tudo em argumentos e torneios dialecticos; muito latim, nariz para cima dos livros, grandes ares sabichões: ignorancia crassa da natureza.

As theses, que se lhe offereciam para resolver, eram questões d'esta importancia:

— Nascem heroes os heroes, ou fazem-se?

— São biliosos?

— Fará bem, não fará bem, embriagar-se um homem uma vez por mez?

— Deveremos guiar-nos pelas phases da lua para cortar o cabello?

Era a grande gloria consummir horas em palestras d'estas.

D'aquelles antros, sem perspectiva para a natureza e sem vista para a humanidade, sahiam os carrascos de toga, que assolaram a Europa durante seculos, a darem aos doentes espantosas drogas, dignas da taça de venenos do moderno melodrama.

A lanceta, ainda quando eu era pequeno, levava tudo adiante de si em torrentes de sangue.

Nunca a espada do soldado foi tão devastadora!

A sangria, á maneira dos sacrificios dos tempos barbaros, tinha os seus sacerdotes e os seus fanaticos...

O sangue no corpo da gente era como agua na fonte, que, quanto mais se tira, mais se acha!

Nunca os portuguezes foram duellistas... excepto á lanceta. Havia duellos a qual era capaz de sangrar mais um homem.

Sangravam creanças de dois mezes.

Sangravam creanças de tres dias.

A sangria era um artigo de fé!

Com uma complicação de receitas gothicas e de drogas arabes, a pharmacia d'essa medicina homicida não era menos curiosa do que a diagnostica, e transformava o estomago do paciente n'um alambique. Lembravam taes preceitos os ingredientes que as feiticeiras de Macbeth atiravam para dentro da caldeira...

Oiro...

Esmeralda...

Perola...

Saphira...

Ambar...

Coral...

Et cætera!

Cada pilula era um thesouro!

Não sei se as drogas conseguiram de alguma vez limpar o ventre; as algibeiras com certeza as limpariam!

De que bronze eram feitas as pessoas antigamente, para resistirem em tanta maneira aos clysteres, ás purgas suas, de cada dia?

As pessoas reaes, como primeiros pacientes da medicina official, davam o exemplo aos vassallos, no escorropichar as garrafadas sem deixar no fundo um só pingo!

Nunca houve reis mais purgados!

Reis á prova de rui-barbo!

Tornavam, taes praticas, necessariamente, de incalculavel ferocidade os medicos...

Andavam sempre a folhear cartapacios e *in-folios* que mettiam medo...

Chovia toda a casta de vociferação e de injuria, em latim.

Foi um trovão de polemica.

As furias da contenda zurziram o mundo, á direita, á esquerda, como as serpentes de Esculapio.

A tinta de escrever damnava gente como a espuma dos cães...

Foi tudo odio e fel...

Até saltaram os medicos nos boticarios, que, para se illustrarem, foram escogitar a Biblia e desencantaram em Isaias o inventor da pharmacia, por haver posto n'umas ulceras uns figos passados.

A medicina moderna teve horror a isso, é certo, mas um tio frade que eu tive, que foi quem me ensinou a lêr, na Durruivos, um velho frade, tio de minha mãe, homem intelligente, mas a quem as leituras e a solidão haviam azedado o caracter, tinha taes ataques de rabuge quando se lhe annunciava, por galanteria, que o seu discipulo do *b-a bá* havia de propôr-se, com a ajuda de Deus, a ser medico e a fazer vida d'isso, e dizia-me a esse respeito, com tanta ancia, d'estes e outros tremendos horrores da tradição, que eu creci desde a infancia um terror invencivel a que me fizessem seguir essa profissão, que comquanto já não tivesse o formidando ar tragico com que elle m'a apresentava em traços historicos curiosissimos, nem por isso deixava de se me figurar como uma carreira de que eu viria a ser desertor, se m'a impozessem.

A educação dos meus primeiros annos contribuira

grandemente para que essas primeiras impressões fossem profundas. Vivêra na aldeia da Durruivos até perto dos nove annos. Meu pae estava quasi sempre em Lisboa. Minha mãe, uma irmã sua, minha avó e o velho frade foram ás unicas companhias que tive. Nem creanças com quem brincar, nem visitas a quem fallasse. Quando, aos nove annos, vim para Lisboa, era um selvagemsito.

O tio frade era de opinião que se deve ensinar a lêr as creanças logo que ellas saibam fallar, sem medo de as cançar, comtanto que haja geito e methodo. Dizia elle que, dando-se o caso de que umas creanças olhem bem para as coisas, ao passo que outras em nada reparam e ficam serôdias, cumpre alliviar-lhes esta difficuldade natural, obrigando-as, sem que dêem quasi por isso, a olharem, a vêrem, a que não vivam n'uma especie de sonhos entre cantilenas, bonitos, e bulha de tambores e de pandeiros, inspirando-lhes confiança serenamente, fazendo prevalecer a auctoridade sem acordar o instincto de rebellião, ou de resistencia inerte, que está sempre em espirito que não tiver cultura.

Dizia elle:

—Nem bater, nem gritar. Hei-de ensinar-te como quem ensina um passarinho!

Tinha talvez razão.

Deixar as creanças até os oito annos n'uma folia estupida, e depois, de repente, querer que ellas aprendam tudo e atravessem cobertas de gloria o pateo do Lyceu, entra um pouco pelos dominios das magicas! Toda a gente grita agora contra a exigencia dos programmas e contra a severidade dos exames; e grita bem; os rapazitos vão para lá a tremer; chega a parecer que cada jury tenha tres Herodes incumbidos de uma degolação geral de novos innocentes! Os paes queixam-se dos collegios, e accusam-os de não aprompltarem os filhos com a rapidez desejada; só não se accusam a si proprios de principiarem quasi sempre a tractar d'isso um pouco tarde, e de não terem pensado que a primeira educação, a que é dada antes dos rapazes irem para o Lyceu e até antes de irem para o collegio, é a chave de todo o futuro intellectual e moral, e que os estudos que vierem depois hão-de ter o modo de intuição, de logica, de perseverança, que se haja recebido ao desabrochar do espirito.

O pobre tio frade morreu quando eu principiava a saber *lêr por cima*. Passei a dar lições com o parocho da aldeia, padre Paulo; depois, n'um bello dia, minha mãe recebendo carta de Lisboa, disse-me serenamente:

— Vamos deixar a Durruivos.

— Para onde vamos? — perguntei eu.

— Vamos viver em Lisboa. Teu pae diz-me n'esta carta que convém partirmos ámanhã. Vem esperar-nos a Villa Nova.

Ó primeira alegria da minha vida! Sê abençoado no céo, meu pae, de m'a haveres dado por aquella carta!

Já todo o dia se passou a preparar as coisas; ninguem em casa se deitou, senão eu, n'essa noite; e, na manhã immediata, montamos em burrinhos, sahimos da aldeia, e uma hora depois iamos já trepando as ladeiras da chamada Serra da Neve.

Respirei alli de toda a minha alma. As casinhas brancas do logar já lá ficavam muito em baixo, e a eira, e os moinhos... A ladeira ia trepando sempre, e girava, e voltava, e redemoinhava em innumeraveis séries de montes silenciosos e desertos. A fresca madrugada desprendia o seu manto de timida luz por aquelles campos que se avistavam, e sempre a serra a estender-se em ondulações rapidas e imprevistas, que mergulham o espirito nas mesmas meditações que o mar suscita, porque fluctua a mesma ideia do infinito n'aquellas curvas magnificas, que parecem a superficie inquieta das vagas cortadas ao longe pelo vento, se é que a impressão não é ainda mais irresistivel, porque na calma ou na tormenta tem vozes o mar que não se calam, e ondas que não descançam, mas a serra está sempre

muda, sem movimento, sem vida, confundindo nas nuvens a sua corôa de neve!

Ia o dia em meio, quando começámos a descer, descer, na direcção de Hotta, para uma paragem que se encontra antes d'essa villa, e a que chamam Aguas Espalhadas. Avistavam-se apenas, nas pastagens, alguns bois, que contemplavam com uma especie de ironia um capotinho de xadrez que eu trazia, e depois de parecerem satisfeitos da gentil attitude que eu ostentava, fazendo correr o burro que me conduzia, seguiam brandamente o seu caminho por aquellas charnecas, onde obstinados archeologos iriam debalde esgravatar a relva, se quizessem encontrar indicios de algum fundamento historico.

Apesar do mau estado das estradas e da preguiça dos meios de locomoção, uma jornada n'aquelle tempo era sempre tida em conta da maior das festas, de nenhum modo comparavel ao recreio actual de vir saltando por esses campos fóra atraz de uma locomotiva, que assobia insolentemente, dando-se a bruta pimponice de se enfeitar com um pennacho de fumo!

A que hoje se chama estrada antiga das Caldas, tornava-se pittoresca a cada instante pelos carros de bois, chiando pelo caminho adiante, com familias estiradas em bons colxões, olhando demoradamente para a pai-

sagem, como quem vê sem pressa e com pachorra amiga o paraizo por entre dois foeiros; as seges, os carros de matto, em que apinhadas, ás seis e ás oito, vinham amas para buscarem creanças á Misericordia...

Casa que se encontrasse pelo caminho, tinha o maior gosto de receber os viajantes; mandavam logo fazer pão quente, convidavam a que se passasse lá a noite...

Havia ceia, em que a *canja* superlativa, as perdizes assadas, um grande pão de ló supra-excellente, e o sorriso dos donos da casa, faziam esquecer as fadigas da jornada...

Traziam os viajantes o farnel bem embrulhado em papeis finos, envolto em alvejante guardanapo...

Carne assada...

Frangos...

Queijo...

Vinha incumbida ao criado uma borracha, digna da sêde de um frade antigo — exceptuêmos o tio de minha mãe, que esse, coitado, bebia pouco vinho...

N'um saquinho, á vinda, uns especiones; e, á ida, umas bolachas do Abraham, as unicas bolachas classicas de agua e sal, que brilhavam, loiras e magnificas, com o seu

W

gravado no centro...

*

Fazia o resto a fortuna adventicia.

Convite n'uma paragem, convite n'outra.

Tudo escoltado de abraços, offerecimentos, e uma prodigalidade de coelhos, guizados, n'um abrir e fechar de olhos. . .

Viajatas deliciosas, durante as quaes o que mais se via na paisagem eram tachos e pratos! . . .

VI

Os burrinhos n'aquelle tempo eram mais alegres, mais pittorescos; faziam parte integrante do caracter gracioso d'essas viagens! Já quasi não ha burros hoje. Acabou com elles a vida nova. Coitados, tentaram resistir ainda, quando, inesperadamente, principiaram as corridas de cavallos; depois das corridas de cavallos, vieram as corridas de burros: se téem feito isto em ordem transposta, era um progresso; d'aquelle modo, mesmo em gracejo, lembrava um pouco, como todas as nossas coisas, de dia para dia, uma decadencia!

O que perdeu de todo o burro foi pôl-o ao lado do cavallo; o cavallo é bonito, é airoso, é esbelto, é

elegante e nobre; o cavallo é para a guerra, para os dias de parada, para as balladas amorosas, para as arriscadas correrias da lucta, da vingança, do amor. O burro, coitado, está abaixo d'elle, e ser segundo é sempre diabolico; Cesar sabia-o, o grande Cesar, que tinha por maxima: «Antes ser primeiro dos ultimos, que segundo dos primeiros!»

A figura anda sempre por muito nas coisas da vida. Uma boa apparencia decide ás vezes da sorte. O burro tem grandes qualidades, mas por ser feio ninguem lh'as leva em conta. É dotado de impremiavel paciencia, é muito obsequiador, deixa-se sustentar por uma bagatella, tudo lhe basta, uns cardos que masca pelo caminho emquanto vae andando, uma folha secca, umas semeasitas...

Nem precisa de cocheira para habitar, nem de moço para tractar d'elle.

Póde immenso; carrega com tudo; não ha como elle para aguentar uns ceirões com decencia; empresta o lombo a quem lhe quizer trepar para cima, é o bem parado dos peões da estrada, dos rapazes pequenos, que andem a brincar pelo caminho, dos cantoneiros, que ao largar o trabalho, em o encontrando, o montem sem pagar nada, ajoujados, de enxada e cabaz de merenda.

Podia ao menos gosar de sympathias, ser bem visto nos sitios, ter amigos, haver quem se lembrasse de lhe fazer algum bem; mas nada d'isso; vive a levar lambada!

Desde a gente das aldeias até aos burriqueiros de Cacilhas e ao famoso *Lindi-Olhi* de Cintra — que já teve a honra de ser citado n'um livro de apontamentos de viagem, escripto por um lord inglez, que o destinou, diz elle, para os que vierem visitar o nosso paiz, *for travellers in Portugal* — e tambem desde o *Lindi-Olhi* até o janota que dá o seu passeio de burrico, ou á elegante que vae á Penninha e a Collares, todos entendem que o burro veio a este mundo para trabalhar e levar sovas, sem outra razão senão a de ser esse o costume e por se entender que seja de rigor conserval-o n'aquella escravidão aviltante.

Nas corridas do hypodromo, os burros pareceram estar vexados. Todo aquelle apparato de jury no seu palanque, *jockeys* e *gentlemen-riders* vestidos de setim, parecia-lhes talvez a ultima ironia e a ultima gargalhada com que o destino os zurzia.

Era a primeira vez que a multidão lhes dava importancia, e, por maior aggravo, a attenção que se lhes prestava era mais que nunca motejadora. Figuraram nos programmas os seus nomes, que elles até

esse dia não haveriam nunca julgado destinados á publicidade da capital, simples alcunhas campesinas com que talvez houvessem sido creados, o *Feijão Frade*, o *Cuco*, o *Rouxinol*...

Depois, adiante do nome, dizia-se a edade que tinham.

Nada havia esquecido! Nada... senão o *arre-burro* e o *arrocho*, a que o mundo os costumou quando andam; elles lá pareceram ás vezes lembrar-se d'isso, quando insistiam em ir devagar, quando paravam, ou quando atiravam comsigo ao chão, como dizendo a toda aquella gente que calçára luvas para ir rir-se d'elles:

—Ah! Sim? Pois então venha tambem agora o *arrocho* e o *arre-burro!*...

E' que, por fim de contas, o jumento é um philosopho, e vale-lhe isso para supportar o desabrimento, a afflicção da vontade, o abatimento de animo, por tantos incidentes que o enfadam e a que a sua aversão não póde obstar. Senão fosse philosopho, aspiraria a ser poetico, e ficaria tolo, como se não tivesse quatro pés. Basta lembrarmo-nos que, ahi onde o vemos, elle representa um desterrado. Anda fóra da patria, anda escravo e perdido, emquanto outros da sua raça vivem lá no deserto, que é a patria d'elles, a saltarem,

a correrem, á vontade, ou prestando galhardamente os seus serviços n'uma domesticidade acolhida com estimação.

Não sei como elle será tractado nos outros paizes; mas em Portugal parece haver a mania de não quererem consideral-o simplesmente burro e aprecial-o como tal. Tudo é pretenderem comparal-o ao cavallo. Para quê? Se elle é burro! Com isso lhe afeiam o credito. O pobre animal não é dado a ostentação vã, não tem de si presumpção sem fundamento, nem fumaças de bonito. A cabeça é grande, ratona, aquillo a que o povo chama *cabeçorra;* os olhos, muito separados, como que estão aos coices um ao outro; a beiçana é grossa; o rabo um pouco calvo; as orelhas por ahi além; e a voz, completamente fóra da ordem commum e da medida ordinaria, sem concorrente nem similhante, passa de oitava a oitava com tanta facilidade como elle passa com a dentuça de uma quarta de cevada para a outra, se lh'as derem de ração. Com taes prendas seria difficil ser bonito, e elle não se propõe a isso.

Na festa das *corridas,* um dos premios, o premio realmente mais gracioso, pareceu ter a intenção de vingar a reputação offendida da raça. Lembram-se? Era um burrinho alegre, bem feitinho, gentilissimo! O Tom

Pouce dos burros. Uma miniatura encantadora. Dotado de maneiras delicadas, collocava-se ao lado das pessoas muito cortezmente, como quem pedia não uma manjedoura, mas um talher!

E' possivel que, com a edade, elle tenha perdido a alegria e se tornasse meditativo, que é o que os perde a elles, e ás vezes a nós. Pensar de mais é mau. Bem sei que se alcança em profundidade o que se perder em graça; mas, quando mesmo aquelle burrico já esteja *burro sabio,* não logrará nunca agradar tanto como n'aquella tarde, em que todo o publico dos palanques, das cadeiras, do campo e do outeiro, acclamou n'um sorriso a sua galanteria!

E foi, diga-se a verdade, a primeira vez que eu vi gente a sorrir para um burro. O costume, de ordinario, é rir. Rir de o vêr, rir até de lhe ouvir o nome. Houve ha annos em S. Carlos um baixo profundo, chamado Porto; homemzarrão como uma torre, que cantou o *Attila,* e, entre outras operas, a *Chiara de Rozemberg.* N'esta *Chiara de Rozemberg* chamavam-lhe burro, e a plateia applaudia vivamente, e ria durante meia hora, porque o tal baixo profundo era conhecido como um bestiaga em *fá!*

Coppolla era o director da orchestra, e o baixo foi procural-o.

—O' Coppolla?

—Que quer vossê?

—E' preciso supprimir aquella brincadeira de me chamarem burro.

—Isso não póde ser, porque está na opera, e é preciso preencher a musica com as palavras.

—Pois se continuarem a chamar-me *jumento*, não canto mais. Revolta-me a chacota da plateia e fico furioso.

—Ha um expediente.

—Qual é?

—Em vez de jumento...

—Sim...

—Chama-se *onagro*. E' palavra mais fina, e não a entendem senão os litteratos. Só os litteratos. Mais ninguem!

—Pois, seja.

—Está dito.

A' noite cantou-se a opera. Ao chegar do caso, em vez de *jumento* chamou-se-lhe *onagro*, conforme o ajuste.

— *Tu soi un onagro.*

Largaram todos a rir, e a dar palmas, n'um regosijo, n'uma galhofa de que não ha ideia.

— *Corpo di Baccho!* resmungava o baixo profundo,

fulo de cólera. *Tutti litterati siano in la salla questa sêra!...*

Não havia, ha trinta annos, maior divertimento do que uma burricada. Associava-se para isso um rancho de pessoas amigas. As senhoras adoravam aquella folia; quanto mais cahiam, mais riam; os pequenos faziam galopar os burrinhos em que iam, á força de os picarem com uma verdasquinha, aparada para esse fim com o canivete dos lapis, e lhes fincarem os estribos na barriga. Foi a epocha de esplendor dos burricos do *Poço do Borratem,* do *Campo de Sant'Anna,* e da *rua do Arco do Bandeira;* foi o grande tempo da *albarda vermelha* de *Cacilhas,* das festivas correrias á *Piedade,* e ao *Alfeite!*

Havia burros célebres!

Sabia-se quem alugava um, que passasse sempre adiante de todos; quem tinha outro, que nunca cahia; quem possuia dois, sem eguaes, para cadeirinha.

Citava-se até um ou outro particular, possuidor de algum exemplar célebre e raro; o Maia, que foi camaroteiro de S. Carlos e mais tarde dono da bonita casa de pasto do Campo Grande; o Carlos do Casal; o D. Vicente florista...

O actor Pereira, alugava muitas vezes um burrinho, que, entre outras prendas, tinha a especiali-

dade de gostar de musica. Em ouvindo tocar algum instrumento, punha-se de ouvido á escuta, e prestava mais ou menos attenção, conforme lhe agradasse o que se estava tocando.

A flauta n'esse tempo estava muito em moda, e o Pereira chegou a aprender alguma coisa d'isso, para entreter o burro. O jumentinho gostava tambem muito de ouvir cantar; fitava logo as orelhas com viva satisfação, e, em escutando um duetto, electrisava-se de tal modo, que largava a zurrar com todas as suas forças, para tomar parte no concerto.

Tudo isso vae longe, e seria inutil querer reverdecer as garridices e meritos de tanto tombo, quero dizer de tanto tomo, d'estes animaes, outorgando-lhes em galardão do passado a voga antiga.

Já ninguem poderá livral-os do desaire a que chegaram, de estarem sendo inferiores á femea, em nomeada e em estimação, e permittir-lhes que possam ainda brilhar aos olhos da burra do largo dos Torneiros, que tem visto, por mais de uma vez, pessoas, que já não podiam comsigo, engordarem e nutrirem, mercê da caneca de leite que ella lhes dispensa todas as manhãs!...

VII

—Vá! vá! apostrophava o criado Antonio, tocando os burrinhos logo que nos apanhámos na estrada real. Não ha coisa que se compare a uma jornada de dia! Chegaremos a Villa Nova, se Deus quizer, ao entardecer.

—E depois?—perguntava-lhe eu.

—E depois dormir. A primeira coisa que eu hei-de dizer ao senhor seu pae, que sempre, apesar de meu amo, faz favor de me ouvir, é que conserve para o menino o costume em que de cá vae, de se levantar com o sol e deitar-se com as gallinhas. O seu tio frade, que era tão sabedor, dizia que de noite não se deve fazer outra coisa senão dormir, por ser de noite que

o reino vegetal fabríca, chamava-lhe elle, o oxygenio. Vinha a dizer, que vigilias fazem mal á saude. Eu vivi sempre em Lisboa, e muitas vezes tinha pena de que o snr. frei Fernando não explicasse isso bem circumstanciadamente aos meus amos, a vêr se elles se deitavam mais cêdo. E' a unica coisa em que Lisboa esteja abaixo da Durruivos. Luzes nas ruas não deveriam servir senão para a segurança publica; e nunca para divertimentos. Tambem o snr. frei Fernando muitas vezes dizia, com approvação, que os antigos se divertiam sempre de dia, e eram por isso mesmo mais sadios e validos que não são os alfacinhas.

— O que é alfacinha, Antonio?

— São os lisboetas, menino; uma gente que está a perder a saude de dia para dia. Ámanhã por esta hora, se Deus quizer, já o menino os ha-de vêr. Muito amarellos, muito fraquinhos, todos estragados! Não fazem nada, e parecem quebrados de fadiga. Moles e mandriões.

N'esse momento eccoou pelos campos um grito tremendo.

Estavam a matar um porco.

— Coitado — dizia o Antonio — este tambem vae para lá, mas já vae prompto. Os ouvidos d'aquelles senhores são delicados, gostam mais de machucar o

pão no toucinho e saborear as costelletas, sem mais incommodo do que metterem a carne do animal para dentro de uma canastra, com uns camoêses por cima, e despacharem aquillo tudo, como se fosse fructa, por dois patacos! Quem nunca viu matar um porco, no campo, não sabe o que é horror. Não ha animal que presinta mais a morte, nem mais certeiro em perceber a sua hora; lá em Lisboa ainda no anno passado enforcaram um homem, o tal Mattos Lobo, que matára uma familia inteira, e estiveram até á ultima com attenções com elle e sem lhe tirarem de todo a esperança de ser salvo; ao porco então, mostram-lhe a fogueira, como se elle não percebesse que toda aquella palha, que levam na sua companhia para o sitio onde hão-de chamuscal o, não tenha por fim servir para se lhe fazer a cama, nem é natural que a faca seja destinada a cortar fatias de pão com manteiga, para lhe offerecer!

Um almocreve que ia passando, e ouvia o discurso, dava a réplica conforme o costume na estrada, e dizia-lhe, rindo:

— Deixe lá, home! O dia em que se mata o porco, é o primeiro que elle tem de bom — para quem gosta de forsura!

Outro almocreve, retorquiu:

— Livra! Não ha morte mais certa!

— Qual?

— A de comer forsura. Não ha-de ser na minha bôca que ella entre, não!

— Porquê?

— É perigosa como mil diabos. Tive um primo que morreu logo d'isso, e de repente, assim que tal comeu!

— Teve uma indigestão forte, hein!

— Nada; cahiu n'um poço.

Riam.

— O que estão a matar, é o porco da Fortunata. Estava um rico porco. Nem ella o vendia a quem lhe désse duas moe las de oiro por elle.

— Se eu tivesse um porco que valesse para cima d'isso, tambem o não vendia.

— Então que é que fazias, comial-o?

O outro almocreve, scismando:

— Tambem não. Guardava-o.

A respeito dos bois que se avistavam, nem uma palavra, nem um gracejo. A gente do campo vê-os com certa poesia de imaginação, respeita-os, affigurar-se-lhe-hia profanação abominavel mettel-os á bulha; téem culto por elles; como que acreditam no pensar, no sentir, na alma evidente e santa d'esses animaes; entendem-lhes a linguagem, e suavisam, pela sympa-

thia com que os tractam, a sorte d'elles. Dir-se-hia que os bois façam parte da sua familia; com elles vivem em sociedade de coração e de espirito, mais do que com os homens em sociedade pensante.

Parámos em Otta para almoçar.

A antiga estrada real, que fôra aberta no reinado de D. Maria I, favorecêra a concorrencia por aquelle sitio; e a melhor estalagem que se encontrava por todos os logares, vindo das Caldas, de Obidos, ou de Peniche, era a de Otta.

Estavam alli á porta uns poucos de rapazes da Durruivos, por haverem sido sorteados para soldados. Comiam o seu pão de milho com uma sardinha salgada, chorando. Tinham sido costumados a trabalhar desde pequenos: primeiro, apanhando herva para o gado, ou levando-o ás pastagens; depois, cavando de enxada. A ambição d'elles era de viverem amanhando as terras, como seus paes, e casarem na aldeia. Contavam aos almocreves, tristemente, o que lhes succedêra; descreviam o sorteio; o ajuntamento á porta da casa da administração; os parentes e amigos nas casas de venda, comendo e bebendo, muito bem sentados, consolando os que a sorte não houvesse favorecido; suas mães na rua, aos soluços e aos ais; as namoradas d'elles, escondidas na multidão, com vergonha de estarem a

cahir-lhes as lagrimas, enxugando os olhos a furto nas mangas das roupinhas; a vozearia do povoréo rompendo em lamentos, ou em jubilos, de cada vez que se tirava á sorte um numero; a alegria de um còxo dos sitios; o rizo de uma noiva, que escolhèra para seu *conversado* um pittorra do logar, que não chegava á craveira; o desdem do filho de um lavrador rico, que comprára um homem para dar em seu logar.

O criado dizia-me:

— Vê, menino! É o destino dos homens, os trabalhos! Agora vae vossemecê principiar a saber o que é este mundo. Ha-de ter saudades da Burruivos! Agora acabou a léria de ajudar á missa, de cantar no terço, de descamisar na eira, de fazer barquinhos para correrem na agua do rio...

E, como estivesse concluida a refeição, o Antonio, voltando-se para minha mãe, perguntava:

— Vamos indo, minhas senhoras? Olhem, que o dia d'aqui a nada foge. Dèem-me as senhoras o meu quinhão, que eu vou comendo pelo caminho. Bebo aqui uma pinga, que o de Otta costuma ser bom para livrar das sezões, e vou buscar os burrinhos, que a esta hora já comeram tambem, coitadinhos...

Depois, virando-se para os recrutas:

— Deus lhes dè fortuna, rapazes!

Elles despediram-se de nós, e ainda tiveram, por entre toda a sua dôr, um sorriso para me darem.

— Então o menino vae para Lisboa?

Eu, com a minha vardasca e os ares pomposos de um Marialva, trepava-me n'um poial para d'elle saltar para o burro.

— Anime-os, menino — dizia-me o criado — Digalhes que ainda ha-de ser seu alferes, e seu capitão, e seu general, para lhes dar baixa quanto antes, ou para os fazer subir postos! Toca a espalhar tristezas, rapazes! Ha-de-lhes ficar bem a farda! Vossês estão aqui, estão sargentos! Vá, vamos embora, minhas senhoras, já não chegamos a Villa Nova antes da noite.

Deviam ser dez horas quando lá chegámos.

Havia tres estalagens, ao que nos disseram.

Procurámos meu pae, na primeira.

Não estava lá.

Mandou-se o criado á segunda estalagem.

O criado voltou, dizendo que tambem lá não estava.

— Ha-de estar na outra, minhas senhoras, o melhor é irmos já para lá.

Esse raciocinio, que parecia bem formulado, não o era tal. A terceira estalagem passava por ser a peor da villa, e isso devia indicar que não houvesse de ser aquella que meu pae escolheria.

Effectivamente, meu pae não estava na terceira estalagem.

Perguntou-se a duas ou tres pessoas, que eram talvez as unicas que se encontrassem em Villa Nova, pela rua, áquella hora: ninguem dava noticia de o ter visto.

Tomaram-se quartos: minha tia teve um no interior da casa; minha mãe e eu ficámos n'uma casa de fóra, que tinha porta para a rua.

Eu estava n'uma anciedade. Havia tres annos que não via meu pae; quasi que já não me lembrava bem como elle era; a ultima vez que elle estivera na Durruivos, tinha eu apenas cinco annos.

Comemos sem alegria o resto do farnel que levavamos, e que nos serviu de jantar e ceia. O criado, querendo dissipar a inquietação em que via minha mãe, dizia á criada da estalagem, emquanto ella fazia as camas:

— Ó rapariga, vossês téem chá?

— Chá?!

— Sim, chá; téem?

— Elle ha ahi um, não sei onde pára.

— Então vae buscar isso, mulher, avia-te.

E a criada, serenamente:

— Mas as senhoras véem doentes?

— Não, graças a Deus não véem doentes.

— Então não vou esperdiçar o que ahi tenho, que póde ser preciso.

Não houve explicar-lhe que se tomasse chá em saude, nem que ella o podésse vender a sãos.

Démos-nos as boas noites.

Eram mais de onze horas...

— Ámanhã de manhã — disse o criado — está por ahi o senhor Machado, se Deus quizer.

— Mas porque não está hoje? — pensava minha mãe.

Deitámo-nos.

Alta noite, estando eu a dormir, bateram vivamente á porta.

Acordei em sobresalto; minha mãe começou a vestir-se...

Ouviu-se de fóra uma voz:

— Sou eu!

— É teu pae! — exclamou minha mãe.

E, embrulhando-se n'um chaile, correu para a porta, e abriu-a.

Vi apparecer um homem embuçado n'uma capa, alto, elegante, de physionomia suave e intelligente, mãos compridas e delgadas, dedos finos, e o indizivel què da seducção nos olhos, no sorriso, nas maneiras... Imagine-se a fusão da aristocracia de raça, a aristo-

cracia natural, com a burguezia digna e séria: foi o que eu senti, sem poder, sem saber exprimil-o, olhando para meu pae e para minha mãe. Nem era fidalgo, nem descendia de nobres, meu pae; mas tinha a nobreza que dão a intelligencia, a physionomia, a figura; havia n'elle o *quid* da superioridade, o tom especial do gosto. Minha mãe era uma mulher forte, que parecia moldada em bronze florentino, d'aquellas mulheres como que destinadas a alcançarem que suas filhas pareçam ser suas irmãs, por tal modo se conservam moças; como as mulheres do Egypto, nubeis dos dez para os onze annos, avós aos vinte e quatro, bisavós aos trinta e seis. Quantas vezes, hoje, quando se admiram, os que me conhecem de ha muito, por notarem que eu aguente, na vida movediça e fatigante que tenho levado, certa inverosimil mocidade, me lembro eu de minha mãe, que aos sessenta annos não tinha cabellos brancos, e lhe attribuo o segredo d'esta serodia e estranha primavera apparente! A nossa época é uma democracia de trabalho; a base d'ella reside no que produz cada um; aquelle que adquira uma ideia, uma ideia só que seja, em toda a sua vida, vale mais do que outro que se haja conservado na sombra, como n'uma fabrica uma roda que não gire á vontade de quem a emprega; mas

d'antes não era assim; era a edade dos cadetes, dos filhos de viuva, dos herdeiros ricos, que começavam o viver novo, dispendendo os haveres, pacientemente e laboriosamente ganhos pelo viver velho. Meu pae vivêra, divertira-se, dispendêra tres fortunas no florescer d'aquella quadra. Em parte, porque lhe fosse natural, e em parte, porque a vida elegante dê um cunho especial, como que a sua marca, o seu sêllo, aos que a cultivam, tudo n'elle respirava a cavalheiro; era um *gentleman*, era um senhor. Olhava para elle pasmado, encantado; que differença dos sujeitos de sobrecasaca, que appareciam alguma vez na Durruivos, o administrador do concelho, o medico da villa proxima, o conego que vinha visitar o parocho... Nunca vira um homem assim! Não sabia no que mais attentasse, se no bigode longo e assedado, se nos cabellos finos e compridos, se no casaco justo ao corpo, com alamares e debruado de pelles, como era a moda de então, se no annel que lhe vi brilhar no dedo, se na capa, se nas botas altas... Direito, agil, intrepido, cabeça erguida, em tudo o homem costumado a vêr satisfeitos os seus desejos, e a quebrar as resistencias todas. Minha mãe abraçava-o, como que sem poder ainda acreditar que o estava vendo, e saltavam-lhe as lagrimas, sem resolver-se a desprendel-o dos

seus braços, na attitude honesta, desaffectada, grave, que lhe deu sempre não sei que ares de mulher sancta, a esposa modesta, a mãe digna, a *res sacra* do velho poeta latino.

Não existe a felicidade na sua plenitude, porque no adejar das azas frementes aspira sempre a ir para mais longe do que a ilha encantada do momento; aliás eu poderia dizer que fui feliz n'aquella noite... Mas a felicidade, verdadeiramente, nunca chega a servir senão para se lembrárem d'ella os que a desgraça instruir. Em todo o caso, a querer pôr em linha de conta o tempo que em toda a minha vida tenho empregado em dormir, em esperar, em duvidar, em me enganar a mim, em errar, em prevêr, em evitar estar doente, em o estar devéras, em deplorar penas, que eram bens, e passar por mágoas verdadeiras, em desprezos e illusões, em derrubar e erguer altares até se desfazerem em pó, talvez não vivesse completamente para a felicidade, absoluta, inteira, completa, mais do que essa hora! Nos compridos dias da Durruivos, ir para meu pae, havia sido o meu sonho; e o meu sonho cumpria-se.

Na manhã immediata, depois de almoçarmos, embarcamos n'uma falua, que meu pae affretára, e seguimos para Lisboa. Toda a gente tem viajado em

diligencia, em caminho de ferro, em vapor; mas raros são os que saibam o que era viajar nas faluas de Villa Nova! No tempo em que vamos, de vias ferreas, de grandes estradas, de machinas sabias e complicadas, aquellas embarcações primitivas, que bastavam a nossos paes, deviam estar nos estaleiros reservados, para observação dos curiosos, como destroços de uma civilisação sumida, se não fosse a teima das carreiras de Aldeia Gallega persistirem em as conservar em actividade de serviço.

A entrada em Lisboa estonteou-me e surprehendeu-me. Tive grande pena quando me fizeram entrar n'uma sege, ainda no Terreiro do Paço; começavam a accender-se os candieiros da rua do Oiro: seguimos na sege por essa rua adiante, e logo fizemos alto no quarteirão fronteiro ao *Pote das almas.*

—Que vamos fazer aqui?—perguntei.

Meu pae largou a rir:

—Vamos visitar tua avó.

E, como visse o pasmo em que esta palavra me deixou:

—Não é a que morreu, não é a mãe da mamã; é minha mãe, e duas tias a quem nunca viste; não vás para lá com essa seriedade toda, vê se te alegras, faze a diligencia de sorrires, ficas muito feio assim,

vaes metter-lhes mêdo. Vamos lá, dá cá a mão, entraremos juntos como dois amigos; beija a mão a minha mãe, mas dá-lhe um beijo na bôca; quero que as deixes admiradas da tua gentileza; sê amavel, sê muito amavel, vá...

Estas exhortações tinham logar emquanto subiamos a escada; eu, contentissimo de ir pela mão de meu pae, e, principalmente, de que elle me tratasse com uma affabilidade alegre que eu não conhecia, que ninguem me havia dado nunca; elle, parecendo contente commigo, d'aquelle contentamento dos paes, que se vê nos olhos e se respira no tom de voz com que nos fallem.

A avó e as tias esperavam-nos; estava a porta aberta, e a criada segurando a cancella. Depois dos abraços ás senhoras, que iam adiante de nós dois, ouvi minha avó dizer:

— Ora venha cá o meu neto! Chega-te aqui para a luz, quero ver-te bem...

As tias inspeccionaram-me tambem attentamente. Uma d'ellas achou-me muito trigueiro:

— O' pequeno, tu és tão trigueirito! Vens queimado dos sóes, ou és sempre assim?

— Sou sempre assim!

— É preciso fazeres-te mais bonito, já foste melhor em pequeno; deixa apertar-te o nariz; deves fazer

sempre isto, olha, assim, assim, apertal-o bem, senão ficas com essas ventas muito abertas...

E apertava-me o nariz.

Meu pae ria. Minha mãe e a irmã, a boa de minha tia Brites, que me havia creado e sempre nutrira a ideia de que eu era uma perfeição, pareceram resentir-se d'aquella franqueza *ex-abrupto*.

Minha avó a esse tempo puchava-me a capinha, e dizia-me, gracejando:

— Tens uma capa celebre; deixa-me ver isto bem...

Eu acudi em reforço á opinião em que ia ser considerada a capa:

— Fez-m'a a tia Brites.

E a tia Brites, sorrindo:

— Era um chaile; elle gostava muito d'esse chaile, e fiz-lhe essa capita para o abafar...

Minha avó acrescentou logo com cortezia:

— Está muito bem, e ha-de agasalhal-o.

Meu pae retorquiu, para serenar as impressões:

— Ámanhã trataremos de lhe comprar fato...

Uma das tias retrocou:

— E botas; estas, que elle traz calçadas, parecem proprias para passar o Tejo...

Minha mãe calava-se. A tia Brites não poude conter-se, e sempre foi dizendo:

— É o que ha na Durruivos. Muitas vezes me lembrei eu, que, se estivesse em Lisboa, lhe teria mandado para lá do calçado fino que por cá se usa.

A intenção era cortante. Tudo que por essa occasião se disse, apesar dos abraços da chegada, deu-me logo a ideia de que não estavamos alli n'uma perfeita atmosphera de sympathias.

Meu pae cortou a situação, como nas antigas peças de theatro, por uma mutação á vista:

— Bem, vamos para casa. Até ámanhã!

— Até ámanhã, se Deus quizer! — disseram a avó e as tias — Querem alguma coisa para esta noite?

— Não; o criado foi adiante, e está em casa a criada a preparar tudo...

— Pois sim, vão descançar. Adeus, minhas senhoras, adeus pequeno, dá cá outro beijo, e não te esqueças de apertar o nariz...

Dez minutos depois chegavamos ao Salitre, dobravamos a esquina, voltando para a travessa do Moreira, e paravamos na primeira porta.

A mesma casa em que móro hoje; — differença unica, o numero hoje ser 2, n'aquelle tempo ser 10.

VIII

Contentava-se toda a gente n'aquella época com casas modestas, e vivia sem se queixar da sorte nem dos senhorios. Convencionára-se tacitamente que deviamos passar na penumbra de uma suave e honesta mediocridade, sem tirar d'isso inducções da tyrannia funesta dos proprietarios, e da timida e martyr innocencia dos inquilinos. Havia tres ou quatro fidalgos que habitavam casas grandes, que lhes haviam deixado seus illustres avós, e ás quaes se costumava chamar palacios.

Não o eram; boa duvida; eram casas grandes: mas, emfim, chamava-se-lhes por essa maneira para as con-

tentar, e elles, coitados, com isso se satisfaziam, e a cidade, e nós, e todo o reino.

Paris, que é Paris, não tem palacios, quanto mais Lisboa! Paris tem grandes predios, tem habitações magnificas, mas o que lá se chama *hotel*,—não confundir com hospedaria;—e não o que deva chamar-se palacio. A Italia, essa sim, que os tem!

Iamos, por exemplo, pelas portas de Santo Antão. Viamos uma casa amarella muito comprida, que ainda vemos, porque ainda lá está, e diziamos, como dizemos ainda:

—Aquelle é o palacio do Conde de Rio Maior!

Ninguem hoje ainda pestaneja ao ouvir isso, quanto mais então!

A casa do Salitre, para aquelle tempo, era excellente, e, como as patrulhas no theatro da rua dos Condes, que figuram de regimento sem ninguem protestar contra isso, representava e era tida em conta de ser um dos predios maiores do sitio. . .

—Tres andares!—dizia o criado Antonio—E sotão! E' como quem diz quatro andares! Rico predio. A escada é das melhores: larga, aceada, e clarissima. Não ha escada com mais luz em nenhum paiz!

A falua de Villa Nova parecia dever ser de acacia, pelo muito que abria o appetite.

—Aposto que as alegrias de familia, e a satisfação de te achares na capital—dizia-me meu pae, brincando commigo—estão despertando em ti o nobre sentimento da conservação, dando-te vontade de cear?

O criado acrescentava logo:

—A falua é um bonito andar, mas debilita muito! Se o senhor assim o manda, talvez seja bom ir buscar alguma coisa a uma casa de pasto. A criada não tem ahi senão biffes. E mesmo as senhoras hão-de precisar uma canja... Chego alli á rua das Pretas...

Foi a primeira impressão notavel que tive em Lisboa...

Rua das Pretas!

Eu nunca vira pretos; na Durruivos nunca appareceu nenhum, nem no Carvalhal, nem em Obidos, nem no Cadaval...

Ouvir de repente uma coisa d'estas!

Melhor ainda que pretos—pretas!

E uma rua cheia d'ellas!

Pedi logo para que me deixassem ir com o criado; meu pae tinha grande estimação por elle, era o seu criado predilecto, e só o deixára ir para a Durruivos na intenção de elle me acompanhar sempre que eu sahisse, ao que eu correspondia gentilmente, acompanhando-o a elle aos sabbados, quando ia buscar a carne a

Obidos, até que de uma vez, na volta, noite já, encontrámos um lobo, que, apesar de haver desprezado não só a carne que compráramos, mas a nossa, foi pretexto para nunca mais me ser permittida aquella pittoresca excursão.

—Então póde ir o menino commigo á rua das Pretas?—perguntou o criado, agarrando o competente cesto, sem o qual por esses tempos um criado que se respeitasse não dava um passo pelo meio da rua.

—Vá o menino comtigo.

Fomos nós.

O Salitre era um bairro extremamente solitario. A casaria quasi acabava no predio em que residiamos; d'alli em diante, para todos os lados, campos de trigo, campos de cevada; casas, nem meia.

Quando se espalhava a vista para a travessa da Horta da Cera presentiam-se capitulos de Anna Radcliff, que era a romancista da quadra, uma novelleira aterradora, que creava phantasmas e visões, como outras senhoras criam coelhos e gallinhas. A travessa, estreita e tortuosa, apenas tinha um candieirito de azeite logo no principio, o sufficiente para se perceber que d'alli em diante, cortando do Salitre á rua de S. José, estava toda ás escuras...

A travessa das Vaccas era digna emula d'esses sen-

timentos de soturnidade: a illuminação consistia n'uma lanterna que um dos moradores, não sei se o pae de Henrique Midosi, mandára pendurar ao meio do tecto no pateo da sua escada, como convidando por este meio os ladrões a escolherem outra qualquer escada, que não essa, para se recolherem.

A solidão n'aquelles sitios era digna de Zimmerman; e com o dar-se a circumstancia de existir alli uma verdadeira celebridade, os famosos rebuçados de alteia de uma confeitaria pequena que ainda lá está, e serem grandemente procurados esses rebuçados beneficos, succedia ouvir-se dizer com frequencia nas familias:

—O criado que jante quanto antes...

—Está a jantar...

—Que se avie. Que despache. Tem que ir ás velhas do Salitre buscar rebuçados, e é prudente que não deixe escurecer. A tarde já vae em meio. Não é sitio onde se vá de noite!

Imaginem!

A renda das casas n'este bairro era diminuta, e, ainda assim, estavam quasi todas sempre com escriptos. Pouca gente se sentia animosa ao ponto de arriscar-se a ir morar em sitio tão abandonado; outros tinham ideias especiaes a esse respeito, e davam-se ares de considerarem perigoso para o temperamento

*

o viver em tal solidão, que tornaria mais acanhado ainda o espirito que já o fosse, e só poderia ser util ao que de seu natural fosse singularmente superior, correndo risco, assim mesmo, de o inclinar para o absoluto e de o fazer baixar até o que se chama *systema*.

Um homem de excepção, que percebia tudo, estudava tudo, adivinhava tudo, e sabia tudo, o grande Garrett, não lhe escapou a vantagem que este sitio offerecia com o seu retiro e o seu isolamento, e saltitou por alli uns poucos de annos, antes mesmo de lá morar, o que só teve logar no ultimo tempo da sua vida e quando já começava o Salitre a não ser o ponto deserto da cidade. O amavel maganão do illustre poeta — téem estragado por ahi tanto os qualificativos, que quando a gente falla do Garrett e lhe chama illustre, quasi que tem escrupulo de não achar termo mais digno! — tinha sempre por alli algures alugada ora uma casa, ora outra, como casa de campo, e ia espairecer alli, como em França os senhores do tempo elegante da regencia tambem usavam, em proporções talvez menos campestres e menos pittorescas...

Assim como o ouvido e os olhos se enganam na solidão das noites e exageram os sons e os objectos; está um pouco exposto, quem viver só, a forjar fantasmas e a engrandecel-os, se não fôr prendado com uma

solidez cerebral de primeira ordem; mas o certo é que os santos, quasi todos, se desenvolveram no isolamento, o que lhes faz honra a elles, á solidão, e, por consequencia, ao Salitre; este é o caso: e prosigamos.

Teve o criado uma canceira inaudita para me convencer que em Lisboa houvesse uma rua chamada das Pretas, na qual não existisse uma preta só que fosse, para eu a poder vêr; e assim perdi n'essa noite, ao chegar á capital, a minha primeira illusão! A questão não está tanto em as perder, como em não as poder substituir; aquella, confesso a verdade, tendo eu depois, pela vida adiante, perdido mais algumas, como é de suppôr, foi talvez, mesmo assim, a de que eu mais vivamente senti a falta.

Depois da ceia, que teve os geitos patriarchaes de boa e honesta ceia de familia, disse-me meu pae:

— Agora vae deitar-te e trata de dormires; a que horas estás no costume de te levantares?

— Ás oito.

— Muito tarde. Rapazes que se levantem a essa hora aos nove annos, levantam-se ao meio dia em tendo vinte, e aos quarenta nem já se levantam. É preciso adquirir bons habitos; acha-se a gente a todo o tempo com isso. Ámanhã ás seis horas, Antonio, has-de chamar o menino; ouviste?

— Sim senhor; ás seis horas, se Deus quizer.

— Lavar, arranjar; e, ás sete horas, comer um prato de assorda de alho. É necessario que ás oito horas esteja despachado isso tudo, porque ás oito horas havemos de ir a um collegio.

Só quem haja ouvido alguma vez o *dó de peito* de Tamberlick, poderá calcular o effeito que produziu na assembleia esta famosa palavra:

Collegio.

Houve um silencio.

Depois, sem nenhuma interrogação que cortasse o pasmo em que tal nota nos immergira:

— Boa noite! — acrescentou meu pae — Resa, beija a mão a tua mãe, e marcha para a cama.

Meia hora depois, a vivenda do Salitre estava entregue á austera serenidade das antigas noites portuguezas. Um velho relogio de parede batia gravemente dez horas. Toda a familia dormia — á excepção de meu pae, que dormia apenas quatro horas sempre, e que, lendo, fumava o seu charuto.

IX

Cumpriu-se á risca, conforme os preceitos dados, o programma; chamaram-me ás seis horas, enxarcaram-me em agua fria ás seis e um quarto, restauraram-me com assorda ás sete;—ás oito horas, dormiam ainda as senhoras, appareceu meu pae já vestido e prompto; bebeu a sua chavena de café matinal, calçou as luvas, e disse-me simplesmente:

— Vamos embora.

Dirigimo-nos á rua de S. José, ao chamado collegio de Santa Martha, dirigido pelos senhores Pontes de Attayde, de que ainda dois são vivos: o snr. Antonio e o snr. Vicente Pontes.

Casarão antigo: grande e escuro pateo, enormes azulejos, representando caçadas em todas as paredes; entrada claustral, corredores solemnes, grandes salas por onde se espreguiçava o som do conjugar dos verbos, do declinar dos substantivos, da leitura para confronto dos treslados... Muitos pequenos sentados gravemente em altos bancos, na attitude timida e respeitosa de ensaiarem com exito um todo de applicação estudiosa... Ao entrarmos, e logo que espalhei a vista por todos esses amaveis esopinhos, enfiei de pasmo... Lá estavam os pygmeus, já tão fallados pela antiguidade — vinte e sete pollegadas de altura, heroes destinados a montarem carneiros, gente que não envelhece nunca, mas morre entre duas edades. Mil variedades que a natureza produz na especie humana... Alguns de carinhas muito espertas; outros tendo no rosto aquelles stygmas de estupidez invencivel, que chegam de ordinario até á quarta geração; uns, aqui, a rirem á sucapa, o que se chama fazer escarneo dos mestres, dos condiscipulos, da visinhança, dos parentes que iam vêl-os, de tudo; propriamente macaquinhos sem instincto senão para a *troça;* outros, de cabeça nos livros, olhos piscos e já cançados, creanças tristes, irremediavelmente inaptas para a rapidez de ideias, para a vivacidade de affeições, para

as impressões grandes e vehementes, grupo especial, alma immovel, uniforme nos da sua especie, meninos-mônos; além, á janella da sacada, expostos ao riso dos que iam passando, os garotos do collegio, dois intransigentes, traquinas ferozes, fedelhos temiveis, que atavam um rato ao badalo da campainha do prefeito, e davam de vez em quando testemunho notavel da sua imaginação, em formidaveis farçadas, que faziam scismar os professores e os guardas do collegio, sem que ninguem acertasse com o inimigo senão a poder de pesquizas; espertos, maus, e mandriões; não sabendo nunca a lição, não se prestando nunca a estudal-a: bichos damninhos, que a severidade escolar se via na obrigação de atirar, de tempos a tempos, para a varanda, expondo-os publicamente com uma mitra de papel, em que se lia em lettras maiusculas — *incorrigiveis.*

Aquelle espectaculo não poderia deixar de produzir uma impressão profunda n'um esopinho como eu, completamente alheio a scenas por tal arte caracteristicas do viver da infancia. Todos aquelles pequenos, mais ou menos, tinham certo uso das coisas do mundo; experientes ou não experientes da vida dos collegios, haviam, pelo menos, ouvido fallar d'isso; e os outros pequenos, seus conhecidos, decerto lhes teriam con-

tado como as coisas por ordinario lá se passavam... Para mim tudo aquillo era novidade; vinha do èrmo... Como que tive saudades!

O èrmo! Não ha meio termo: o èrmo é a mais triste coisa, ou o que ha mais commodo e mais suave n'este mundo... Cincinnato, depois de consul, voltou para a charrua; ha quem se tenha espantado d'isso, como se, de preferencia ao consulado, não devesse agradar-lhe a solidão, em que poderia levar a vida abrindo rego a seu geito.

Não téem d'essas satisfações os vaidosos. Quantos ha que podiam viver felicissimos, maridos ditosos, paes florescentes, homens com saude e com meios, e que, por entenderem em certa occasião que tudo isso seja èrmo, correm a metter-se na politica e a sacrificarem-lhe felicidade e socego, para fazerem umas vezes de trapalhões e outras de trapalhecos, batidos, chasqueados, cobertos de injurias, dizendo-se-lhes nos jornaes as ultimas offensas, ao ponto de não poderem as esposas deixarem de lagrimejar e de dizerem mal á sua sorte, murmurando doloridamente:

— E então, meu bom Jesus, não fui eu casar com um malvado, um homem desacreditadissimo nos papeis publicos!...

E o homem, coitado, é um pobre e excellente ho-

mem, que têm só o defeito de haver querido ser deputado, e até ás vezes ministro, por paspalhice, sem vocação para tal, e unicamente por fazer como fulano, como sicrano, para mecher em politica, e transformar-se em homem publico! A opposição chama-lhe tolo, diz-lhe clara e positivamente que é um asno, e elle tem que sorrir: dão-lhe o nome de biltre, e elle a isso tem que se sorrir ainda mais; talvez mesmo o qualifiquem de ladrão, e a isso então tem elle que arreganhar o dente, sorrindo o mais que é possivel, visto como, se porventura se zangasse, poderia comprometter o ministerio! Chega a não saber o que ha-de fazer de si: se pensar, se trabalhar, se fizer alguma coisa, se tiver uma ideia, aqui d'el-rei que é um fagulha perigoso, um *intrujão,* como diz o povo; se deixar ir as coisas seja como fôr, oh! que inhabil, oh! que *podão,* de que insignificancia crassa se mostra o bipede!...

E ninguem lhe encommendára o sermão; foi elle á procura d'aquelle supplicio, para sahir da paz, da dignidade, do brio, da ventura, do êrmo!

E ha êrmo em tudo: na sociedade, na riqueza, na abundancia... Elle é rico, elle tem salões magnificos, dá bailes estrepitosos, armaram-n'o em fidalgo, elle tem tudo, mas é insignificante e não póde ser o que

aspira a representar; a sorte far-lhe-ha o êrmo, não na tristeza, elle não tem tristeza, estes nunca téem tristeza, mas na ironia das coisas, porque as coisas téem muita malicia em si, e apezar do homem estar em grande pé, figuremol-o visconde, por exemplo, e ter a cidade inteira a deixar-lhe bilhetes de visita, que é a mania de Lisboa, onde ninguem vae procurar um homem para conversar com elle, mas sim para lhe deixar em casa um cartãosinho com o seu nome, que obrigue o desgraçado a ter de ir, ás vezes, a cascos de rolhas, deixar-lhe outro bilhete a elle: apesar dos bailes, dos salões, dos trens, dos camarotes, da casa de campo, a sorte, a caprichosa, a cassoista sorte hade encontrar modo de o chamar ao êrmo, por entre toda a lufa-lufa da moda e do mundo, e, como se o mettesse n'uma sorveteira, gelal-o com esta palavra — insignificante...

O figurão encommenda, por exemplo, para a China, a um amigo, a um homem que tem de lá ir, ao consul, seja a quem fôr, um serviço de loiça finissimo, com o seu nome e o seu brazão, tudo bem marcado, do mais perfeito que por lá se fizer, e envia n'um papel os desenhos necessarios, escrevendo-lhes por baixo:

Meu brazão e da viscondessa.

Passado tempo, chega-lhe a loiça. É inutil registar a anciedade em que elle a esperaria. A familia, gente ostentosa, *f*ortuna, *f*ama, e *f*idalguia *f*resca — quatro *ffff* assoprados — assiste ao desencaixotar da encommenda, com ares *f*austuosos e *f*arofias, mais dois *ff!*

A loiça é explendida. O brazão está soberbo. Mas... em cada chavena lèem-se estas palavras:

Brazão meu e da viscondessa.

Tem que esconder a loiça!

Diacho!

E' o èrmo!

Ha desterros penosos. A solidão das noites no mar — as *hermas* ondas; o viver no meio de um povo sem se saber a lingua, o prender a existencia a uma creatura que nos não entenda... Tudo isto será triste. Mas a iniciação de melancolia leva a peor que tudo isso, o èrmo no coração. Deve-se considerar esse o mais despovoado, o mais solitario, o mais deserto.

Para alguns está no sahir do poder; para outros no despedir da gloria... Para muitos está nos cincoenta annos: os janotas, os foliões... Então lhes surge o nada das mentiras do mundo, e, como diz o poeta nas *Folhas cahidas*, lhes entra pelo vão da vida. Já não

querem bem a ninguem; estão incapazes de amar e de serem amados: são o D. João a conhecer que se enganou em cuidar que a voluptuosidade fosse o intuito e o fim do destino humano; exilam-se e morrem para o mundo, sem poderem lograr o doce bem das commoções nobres e castas, nem conseguirem que da pedra que téem no peito por coração brote a agua limpida e pura dos affectos e da ternura...

De todos, o unico êrmo suave e consolador na sua melancolia, é o campo! As creanças, principalmente, quanto mais cêdo as habituarem ao isolamento, mais duradoiras téem de ser as tendencias e a attracção d'ellas para a vida solitaria.

Não ha ninguem a quem não tenha acontecido, quando se põe a olhar para uma pintura, sentir desejos de embarcar na galera doirada, com velas de sêda, verdadeira concha de Venus, levada pelos zephiros, n'um azul ideal, para as paragens nacaradas de um paiz da carochinha... Nem ha quem não tenha sonhado, ao olhar para alguma estampa, que vae ser mudado em personagem de egloga — e até se chega a estender a mão para passar a prancha, ponto interceptivel entre a praia e a barca, a alguma d'aquellas figurinhas que o desenho mostrar na tolda... A' noite, principalmente, ao apagar a luz, e emquanto já se sonha

meio acordado, é uma delicia pôr a ideia em coisas phantasticas, e chega a acreditar-se em tudo, até nos cordeirinhos de sêda froixa, que d'antes eram moda bordados a ponto de marca... Mas, de todas as illusões formosas e risonhas, nenhuma se compara á de avistar a casa e a familia, á de pensar a gente pequena que vae para o conchego dos seus d'alli a horas, quando se vê mettido entre as frias paredes de um collegio!

Era o collegio dos snrs. Pontes de Attayde, um dos melhores e mais acreditados de Lisboa, n'aquella época.

Logo em seguida ao collegio chamado do Marquez de Tancos, por se achar estabelecido na calçada d'este nome, vieram o collegio Santos, que era, creio eu, no ultimo ou penultimo quarteirão de uma das ruas da baixa; o collegio do Garcez, no Rocio; o do Penaguião, á Praça da Alegria; e o de Santa Martha.

Era dirigido este por um padre muito instruido, o dr. Fragoso, que fôra lente em Coimbra, cavalheiro muito relacionado com a sociedade mais distincta e mais conceituada; os irmãos Pontes leccionavam differentes classes: Luiz Pontes de Attayde, linguas; Antonio Pontes, mathematica; Vicente Pontes, portuguez; era lente de philosophia D. Jorge Eugenio de Locio

Seilbtz, que de ha muitos annos é um dos redactores do jornal *A Nação*.

Estudavam-se alli os preparatorios para as escólas superiores, que se accommodavam facilmente com qualquer coisa que cada um tivesse ares de saber; era um collegio de humanidades; ia-se para lá todas as manhãs, com o saquinho de livros na mão, das oito horas para as nove; trabalhava-se até o meio dia, folgava-se uma hora, empregada em brincar e em comer a refeição; á uma hora começava de novo a tarefa e durava até ás quatro.

X

De cada vez que eu via aquelles azulejos, e as suas caçadas, proezas mithologicas, e heroismos guerreiros; aquelles tectos velhos, a palmatoria de dimensões terrificas, o lavatorio, não *inodóro,* onde se lavava a cara e as mãos na mesma agua; a casa das aulas, o banco alto, para onde se trepava sem que as pernas conseguissem nunca chegar ao chão, banco melancolico, onde ás escondidas se lavrava o nome a canivete, nos intervallos de desenhar, ás furtadellas, bonecos nas margens de livros de capa roida nos cantos; cada vez que, por um piscar de olhos casual, um espirro sem malicia, o espreitar da janella quem ia pela rua, rir

á sucapa, retribuir beliscões ao companheiro, ir de castigo para o meio da casa, formar em linha com outros criminosos, levar uma excellente duzia de palmatoadas, ficar privado da marmelada, dos figos passados, das cerejas, do *lunch:* cada vez que, de repente, ouvia a voz do prefeito:

— Que estava a esconder, menino?

— Snr. prefeito...

— Que está a esconder? Abra a mão...

— Não é nada...

— A outra...

— Snr. prefeito...

— Aquella...

— Mas...

— A outra...

— Já não tenho mais nenhuma!

— As duas...

— Snr. prefeito...

— Um cigarro!

— É de alfazema, snr. prefeito!

— Misericordia! Para que é esse cigarro?

— Para estudar.

— Responda.

— Era para aprender.

De cada vez que eu via, em acção, essa fallada fe-

licidade que corre em maxima na sabedoria das nações, estereotypada como axioma nos discursos dos pedagogos, de que o tempo do collegio seja o mais feliz... tinha vagas apprehensões de que a chronica andasse um pouco alheia á verdade!

Na manhã em que alli cheguei com meu pae, estava um rapazito a despedir-se dos professores, já em disposição de partir com o auctor de seus dias, que fôra buscal-o porque elle houvesse terminado os primeiros estudos.

O snr. Antonio Pontes dizia-lhe gravemente:

—Hoje o menino estima talvez deixar o collegio, hein?

E o pequeno, de olhos baixos, sem animo de mentir, e de lhe dizer que não...

—Pois vá, meu menino, e seja feliz na sua carreira, como lhe eu desejo. Mais tarde terá saudades de nós!

E o pae do rapaz dizia:

—É verdade que sim, snr. Pontes!

E lá comsigo:

—Chó mosca! Saudades! Está feito...

Tractaram-me n'aquelle collegio com grande bondade. A noção do dever, que é, ao que dizem, a mais difficil de entrar em cabeças de rapazes, era uso

*

d'aquelle tempo implantal-a no miolo, á gente, pelas mãos. Palmatoada de rachar, por causa da maldicta arithmetica. No mais, tractavam-nos com amor, e, no dizer do prefeito, tractavam-nos com amor até n'isso!

Já hoje não se sabe que coisa seja a ferula do contínuo; os costumes novos substituiram isso pela impaciencia dos paes, ataques de ira, irritação de nervos, de verem que os filhos só para saltarem o exame de portuguez tenham que dar contas, entre outras prendas, de oratoria, poetica, e litteratura. E como é raro que os paes se contentem de que os filhos gastem tres annos em vez de um, e fiquem sabendo as coisas — tractam de carregar os esopinhos de agora com quatro aulas, para que andem em todas, como outros tantos Pilatos no credo, e, á ultima hora, dá-se aos meninos o conselho paternal de que estudem por atacado — o sufficiente para atirar poeira aos olhos do mundo — e mettem empenhos, dizendo desafogadamente que nada importa que os rapazes saibam, e que, o que se quer, é que passem! De vocação nem se tracta. Quem é que pensa em observar e encaminhar a vocação dos rapasitos? Ha grandes conciliabulos a respeito do destino d'elles; mas nunca essa palavra nem essa ideia vem perturbar a harmonia das dissertações caseiras.

Vocações como nós as tinhamos n'esse tempo, isso sim, que eram vocações; e não tinham contra si senão serem pouco consideradas, tendencias tão sinceras para a arte de deitar *busca-pés,* de armar de uma canna uma espingarda, fazer sentinellas, figurar batalhas, deitar o pião, representar mudanças com o encarapitar trastes, atal-os com cordeis, fazendo um menino de criado e outro menino de amo; brincar com agua, fazer bomba, engendrar uma carruagem com uma cadeira atada á argola de um bahú, escarranchando-se um na cadeira, em ar de boleeiro, e sentando-se no bahú o outro, como quem vae de trem, zás, trás, e toca, chicote para a frente, *hip, hip,* galopando, galopando, sem se passar do mesmo sitio!

A vida era a mais tranquilla; chegava de algum modo a ser melancolica. A casa era velha e fria: o inverno enregelava a gente alli. Ás quintas-feiras havia sueto. Iam, o prefeito e o lente de mathematica, passear os pequenos; nunca se soube, não seria facil decidir quaes eram mais tristes, se os dias de aula, se os de passeio.

Havia no collegio de Santa Martha grande numero de nobres por nascimento.

O Belmonte, os Lapas, Manoel e Fernando, etc.

Entre esses alumnos, alguns pertenciam a familias conhecidas por suas opiniões realistas.

Os snrs. Pontes de Attayde mesmo, para não deixarmos de principiar por elles, eram realistas, toda a gente o dizia e elles não o escondiam.

Não sei se seria isso que serviu de ponto de mira ás pesquizas e intrigas politicas; o certo é que, n'um bello dia, foi assaltada a casa, a pretexto de que alli houvesse arrecadação de polvora e armas, por se preparar uma revolta, e o collegio appareceu fechado.

Tableau!

Coisa curiosa — até nós, os estudantes, tivemos pena d'isso.

— Para que collegio irei agora? — scismava eu.

Marchei logo para o collegio militar na semana immediata.

O collegio militar estava então no edificio que serve hoje de hospital para os doidos, e creio que serve tão mal os doidos como nos serviu a nós. E' uma casa impossivel, um castello de chucharamello, de que não ha ideia.

O rigor alli ia até á crueldade.

Um diabolico mestre de latim que lá havia — guardemos o seu nome o mais que nos seja dado, para exercermos o direito de *vendetta* — um snr. Mesquita,

de que se lembram por certo ainda hoje as mãos de todos os capitães, tenentes, e alguns majores, que n'esse tempo eram seus discipulos, inspirava um terror de tal ordem, que, Deus me perdôe, sempre se me figurou que espalhava das ventas, e do cachaço rubido, um fumo infernal como os diabos das magicas.

Por uma syllabada, a mais modesta e a mais graciosa, logo o labrego gritava iracundo e medonho:

— Vá de pé para a parede!

Em menos de dez minutos a parede possuia quasi todos da aula, e o resto ficava reservado á espera de vez, por falta de accommodações...

Então, tremia o mundo.

Um feroz contínuo, de ferula em punho, começava de nos zurzir de um modo implacavel.

— Forte! — berrava o Mesquita n'um mugido tremendo.

Era um côro afflictivo de ais e gritos.

Os rapazes suffocavam-se em choro e em supplicas. A bruteza do professor ainda mais se irritava com isso, entregue a um furor de espantar bois e carro.

Quizemos-lhe mal, a esse *senhor mestre* da edade média; odiámol-o profunda e enraisadamente, como elle parecia desejar e como elle merecia. Vamos hoje para velhos, todos que o aturámos. Atravez da historia

d'aquelle tempo, ouve-se o estalido das palmatoadas que nos mandou dar ás duzias, e o vento do outomno já nos deixa ouvir tambem o som do cahir das folhas; d'estes ruidos o que resôa mais, assim mesmo, ainda é o da ferocidade d'aquelle tyranno de Rilhafolles, que parecia querer elle fundar o hospicio que está hoje n'aquella mesma casa, e dar-se o *chic* brutesco de o povoar de creanças.

Fazia excepção, aquella féra de chapéo alto, á bondade dos lentes do collegio. Todos estimavam os velhos professores Thimoteo, Rogero, Pacheco; ao Mesquita ninguem podia vêl-o, nem os empregados. Creio que se deve a elle o pavôr que o latim tem inspirado aos rapasitos...— «Napolitano quer dizer *lâche*» —diz encolerisada a Maria Tudôr, na tragedia d'este nome, ao pérfido Fabiani. Assim nós diziamos aterrados: —«Latim quer dizer Mesquita; Mesquita quer dizer pancadas, bater até saltarem as unhas, bater até saltar o sangue!»

O terror dos rapazes n'aquelle tempo foi o latim. O latim teve propriamente inimigos; ainda hoje os tem, creio eu, e é isso decerto o que origina os parabens da imprensa aos meninos que se afastam da selecta, e sobretudo da alta latinidade.

Entretanto, o latim não só dá grande segurança a

um homem, mas póde muitas vezes distinguil-o de seus contemporaneos. O sujeito escreve o discurso com muito mais *chic;* ha até quem affirme que um bom latinista se conhece desde logo, mesmo á vista desarmada...

— Queres tu apostar — dizia um sujeito a um amigo, mostrando-lhe um boleeiro — queres tu apostar que aquelle homem sabe latim?

— O boleeiro?!

— Sim, o boleeiro. Estudou para padre, em seus principios, ou coisa semelhante, quem sabe! Em todo o caso, aquella cachaceira, aquella caraça... alli anda latim!

O cocheiro, na almofada, dormitava suavemente...

— Queres apostar? Vamos a vêr...

E, parando de subito diante do trem, gritou:

— *Auriga!*

O boleeiro sobresaltou-se; mas, tornando logo a ser senhor de si, fingiu não ter ouvido.

— *Auriga!* — repetiu o outro em tom imperioso.

Então, o cocheiro, como se o picassem ao desafio, metteu a cara ao freguez e replicou:

— *Loquere, domine, quia audit servus tuus!*

— Que dizia eu? — ponderou o cavalheiro, muito contente — Está a responder-me em latim de egreja. Vou fallar-lhe na sua lingua: «*Duc me* — proseguiu,

dirigindo-se novamente a elle —*Duc me ad dirigendum pedex meos in Ameixoeiram. Tibi dabo ad bibendum!»*

O boleeiro não disse mais palavra; abriu a porta do trem ao freguez. Meia hora depois estavam na Ameixoeira!

Mas, vá lá explicar aos rapazinhos todas estas vantagens! O latim é-lhes odioso, tira-lhes o appetite, faz-lhes gastricas, como as fructas verdes, produz-lhes insomnias, olheiras e lombrigas...

Fallem-lhes em todos os estudos, mas evitem pronunciar, na presença d'esses imberbes melindrosos, a palavra assustadora: *latim.*

Vêem n'ella uma serie de embaraços... O segredo da construcção, o preceito do accentuar das syllabas, o cruel *silicet,* e depois o verso, aquella perplexidade em que se encontram perante o hexametro, e, principalmente, aquelle inimigo pessoal da estudantina miuda, o

Thema!

Entretanto, essas composiçõesinhas, ás vezes ficam bem boas. Téem poucos erros de grammatica, não se tornam escandalosas por solecismos nem barbarismos, e observam com cortezia as regras da syntaxe; só téem comsigo nunca ficar latim! Mas é um bem agrupado

conjuncto de palavras alatinadas, coisa engenhosa, comquanto inverosimil, série de phrases apparentemente regulares, onde a unica difficuldade seria o poder adivinhar um sentido qualquer... Ás vezes vem a ressumar no aranzel uma phrase de Cicero, que attrahe as attenções de um modo desagradavel; parece uma nodoa, chega a tirar-lhe a graça.

Um ou outro, já se vê, é mais forte n'esses trabalhos, mas é muito raro. Os pequenos não só embirram com o latim, mas não gostam de dizer que andem ainda a estudar isso. Mais tarde, quando homens, insistem em inculcar que o aprenderam. Estão como a tia do outro:

— A minha tia nunca está contente. Quando eu era pequenino e que lhe chamava Rita, queria que eu dissesse «minha tia», e agora, que lhe chamo tia, deita-me cada olho...

O peor do caso, e principalmente o peor d'aquelle estudo, é que, por mais que se faça, não ha leval-o em menos de dois annos! e hoje quer-se tudo tão depressa, que até se aprende a dançar pelo correio: — «Dançando-se no club das Caldas todas as noites, e desejando eu não ficar atraz dos outros, peço a v., como distincto professor de dança, o dar-me d'ahi algumas lições por escripto, visto não poder eu agora tirar-me d'aqui.»

Ha coisas que não se provam e são exactamente as mais sérias e as melhores — revelam-se. Uma pessoa comprehende o amor, amando; a caridade, dando; a fé, crendo; e o latim, sabendo-o: mas sem esperar por isso, dizem os rapazitos:

— Não se falla latim, não se escreve latim, para que nos serve o latim?

No dia em que chegarem a deputados ou ministros — todos o hão-de vir a ser — serão talvez capazes de o abolir por inutil. Os parabens que lhes damos devem fazel-os sorrir! Não o dizem elles; e calam o seu plano com prudencia, por causa dos paes... E' que os paes lembram-se que foi aquella a educação que receberam e a que devem o que sabem: e consentir em que se lhes diga mal do latim, figura-se-lhes peor do que ensinar as creanças a magoar com uma vardasca o seio da mãe que as creou!...

Mas, para não deixarmos de nos servir da lingua, como quem, na expressão do povo, cura a ferida do cão com o cabello do mesmo cão: — *est modus in rebus;* e no latim do collegio militar não havia *modus* senão *in manibus,* e levava-se isto á perfeição de bater até ferir os nós dos dedos, quando o alumno, movido da dôr, fechasse as mãos.

Assim o permittia n'esse tempo o collegio militar,

creio que no intuito de formar guerreiros quebrando-lhes os ossos!

N'um dia, no melhor de uma sova que o contínuo me estava dando, larguei a correr pelos corredores fóra, sahi pela cêrca, desci, correndo á desfilada, a rua de Rilhafolles, a calçada dos Capuchos, e a rua do Telhal, e, trepando airosamente pelo Salitre, fui metter-me em casa.

Dadas as explicações devidas ao poder paterno, e uma vez narrado o tormento que me infligiam, com illustração ao texto — que eram as minhas pobres mãos roxas e inchadas — deu-se-me alta do collegio militar, e passei a cursar preparatorios no Lyceu.

Tudo bom, alli. Estudava-se por gosto com o excellente Gomes, com o Rocha, com o Henrique Henriques, com o Montaigu, com o Witnik, com o Mauperrin. Vida alegre; rapazes turbulentos, já senhores de si e da sua liberdade, durante aquellas horas em que a distancia a que se sentiam do poder immediato da familia, que nos collegios não se deixava esquecer nem por instantes, lhes dava o ante-gosto da independencia. E depois, a ideia da egualdade; a grande ideia, o sonho bonito! No collegio havia mais attenções para o filho do snr. conde, para o filho do snr. marquez. Faziam honra ao collegio, por seus nomes.

Nos dias de chuva iam para a escóla de carruagem; os visinhos notavam isso; quem passava, vendo a carruagem, a libré, e os meninos que se apeavam, perguntava na tenda que havia ao lado, ou no barbeiro que havia defronte:

— O que é isto aqui, é um collegio?

— É um collegio.

— Collegio bom, hein?

— Muito bom collegio.

— Como se chama? Este é que é o do Sicuro?

— Nada; este é o de Santa Martha.

— Ah!

E não lhe esquecia mais o que vira...

Meninos delgadinhos, pallidos, transparentes, de orelha fina e branca, a apearem-se de uma carruagem alta e espaçosa, e irem aprender á escóla... Repetia isso; inculcava-o como testemunho de quanto aquelle collegio fosse importante... E os directores estimavam, e pagavam-lhes em amabilidade a gloria que d'elles provinha para a casa: faziam-se-lhes perguntas faceis, perguntas para fidalgos, redigidas por modo que já de si indicassem a resposta; não se lhes davam castigos, evitava-se até que elles os merecessem; ia-se á porta acompanhal-os á sahida:

— Muitos cumprimentos á senhora condessa!

— Os nossos respeitos ao senhor marquez e á senhora marqueza!

No Lyceu nada d'isso.

O contínuo, no dia de abertura de aulas, estabelecia os nossos logares, que ficavam sendo os que n'esse dia houvessemos escolhido; tinha um livro de ponto, fazia a chamada no principio da aula, marcava faltas aos que não respondessem, prevenia-nos que em dando certo numero de faltas não poderiamos fazer exame: e estava tudo entendido. Nós chamavamos a isso a egualdade; e era-o até certo ponto, e não o era mais porque nunca o póde ser, e porque procede tão pouco da ordem natural, que a natureza mesma não exprime senão desegualdade, isto é, diversidade, e não manifesta nem affirma senão privilegio: haja vista a supremacia

da saude,
da intelligencia,
da força,
da formosura,
da moralidade,
do triumpho,

que é dote de uns e miseria de outros. Mas, emfim, não era da nossa edade querermos uma egualdade de ordem *sobrenatural*, da que não se acha senão no Evan-

gelho; na vida, perante a obra da natureza, perante as condições sociaes, perante o destino terrestre, ninguem conseguiria ser mais egual do que nós o eramos perante o contínuo Zepherino das Merceeiras.

Com o Telemaco, com o Tito Livio, com o Virgilio, por força acordam as manias litterarias n'aquelles em que taes tendencias hajam de revelar-se um dia... Acresce que, n'esse tempo, eram moda os jornaes litterarios, e um d'elles, a *Semana,* justificava realmente o seu titulo, além de justificar as largas aspirações do seu programma, e todos os sabbados entrava o competente numero pela casa do assignante. Meu pae era assignante da *Semana,* e eu lia a *Semana.*

A *Semana* era um jornal excellente a mil respeitos; bem dirigido, bem collaborado, e, á excepção da ultima época, bem administrado.

Teve tres épocas, a *Semana.*

Na primeira, foram redactores d'esse jornal Ayres Pinto de Sousa, João de Lemos, Manoel Maria da Silva Bruschy, Jacintho Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro — auctor da peça *O Magriço ou os Doze de Inglaterra,* com que abriu o theatro de D. Maria.

Na segunda época, foi director Silva Tullio.

Na terceira, Lopes de Mendonça e Sant'Anna e Vasconcellos tomaram a si o jornal e dirigiram-n'o o pouco

tempo mais que elle durou. Estava-se na primeira época.

«...Este Julio Cesar Machado, diz Camillo Castello Branco (no livro *Esboços e apreciações litterarias:* Porto — Em casa da Viuva Moré, editora — 1865), conheci-o ha treze annos, com todas as meninices de espirito e rosto. Não sei como elle foi dar commigo a escrever o *Anathema* n'um cubiculo da rua do Ouro. O que me lembra, é que fiquei admirado quando me elle disse que tinha um romance em começo, e muitos romances embryonarios. Parece-me que o romance começado se chamava *Estrella d'alva.* Mandei publicar na *Semana,* jornal litterario, o começado romance do pequeno, cuidando que elle se deteria a compôr e recompôr a continuação por algumas semanas. Um dia, sentou-se Julio á minha banca, pediu-me papel, e escreveu alli mesmo a continuação do romance, conversando ao mesmo tempo em variados assumptos academicos, desde a escóla realista da novella franceza até ao nariz aquilino da minha visinha.»

Era effectivamente eu, que, prevalecendo-me da circumstancia de que muito boa gente que nunca soubera que coisa fosse escrever, prosa ou verso, não deixasse por isso de escrever o mais que podia e tão mal quanto podia: ao passo que a alguns escriptores da

época, auctores de poemas, romances, dramas, conviria recommendar-lhes que escrevessem em certos casos menos bem, para ser natural, e porque sendo natural seria arte, e com o abuso d'ella nem sequer satisfaziam á verdade de convenção; me resolvêra, pela calada, a compôr o meu romancito, e, conhecendo Lopes Cabral, chamado então Cabral das Ilhas, porque meu pae o conhecia a elle, lhe pedi para me apresentar a Camillo, visto elle conhecer Camillo. Seguida esta escada biblica, achei-me no quarto da hospedaria em que Camillo Castello Branco residia; fui acolhido com o agrado affectuoso que só os homens superiores sabem dar a alguem, de quem não só elles não dependam, mas que dependa d'elles: e o romance, oito dias depois, appareceu publicado na *Semana.*

Perguntam-me que tal era? Devia ser bom; devia ser em tanta maneira bom, que bem quizera eu estar n'aquelle tempo a escrevel-o, em vez de estar agora a escrever este. Tinha treze annos, com pae e mãe! Calculem, se não seria melhor.

E depois, aquillo ajudou-me a levar com mais alma as latinidades e a philosophia; estava a estudar como quem se compraz em ser bom camarada, e não desdenha aprender nas obras dos collegas. Venha o collega Tito Livio! dizia eu. Vamos a esta logicasita de

um collega nacional, encostada ao collega Condillac! Logo, em casa, se Deus quizer, lerei um bocado do *Fausto,* para recreio, do meu collega Goethe!

A primeira vez que tivera á minha disposição papel, pennas, e tinteiro, não coubera em mim de contente...

Sujei os dedos em tinta, e o rosto, e o fato, de proposito...

De proposito, para toda a gente saber que eu escrevia!

Ia para a rua, com um ar não sei bem dizer, se soberbo, se humilde, e ficava parado um bocado, para os visinhos poderem olhar bem para mim e verem-me á sua vontade.

Dizia commigo:

—Toda esta gente está a fazer a meu respeito os seus juizos... Dirá cada um entre si: —Aquelle rapasinho escreve muito!..

XI

A pouco e pouco a mania litteraria foi irrompendo...

Conheciamo-nos uns aos outros, quantos tinhamos ou julgavamos ter essas tendencias...

Como é que se fazem os conhecimentos, n'aquellas edades?

Não ha sabel-o.

Um pequeno larga um compendio, que já não lhe é preciso, por haver feito exame das materias que elle ensina; e deseja possuir um canivete.

Quem quer trocar?

Pergunta-se a um e a outro.

Este era das Merceeiras; havia tido um canivete:

trocára-o com outro que era de S. João Nepomuceno; esse já o havia cedido a um que deixára o Lyceu pelo conservatorio... Onde apparecia este? Ia á novena, ás tardes, a Santo Antonio da Sé. O que se punha em practica para o encontrar? Ir a Santo Antonio da Sé, á novena. O pequeno estava lá, com outros. No adro, á sahida, fazia-se o ajuste; e ficavamos amigos dos amigos d'elle.

Alguns tiveram nome mais tarde.

Morreram outros.

Um dos que eu mais conheci, e dos primeiros, era Antonio da Silva Mendes Leal. Emprestava-me livros, recitava-me versos: todo elle era theatro e poesia. Tinha talento, esse moço; uma facilidade rara, propriamente o que se chama habilidade para tudo: fazia versos, compunha peças dramaticas, traduzia *vaudevilles,* conservando-lhe a graça dos *couplets* em chistosissimas coplas de sabor nacional, representava com arte e com graça, foi actor nos ultimos annos da sua vida.

Morava n'esse tempo com a sua familia na Calçada de Santo André, a casa grande, do topo. Elle, seu irmão mais novo, Caetano, e eu, ás tardes jogavamos a malha no quintal. Duas, ou tres vezes, de repente, o quintal pareceu illuminar-se para nós, ao cahir do dia:

o irmão mais velho, a celebridade da familia, e uma das celebridades do paiz, o auctor dos *Dois renegados,* foi jogar a malha comnosco.

Nós julgavamol-o...

Apesar da leviandade e da tontice da infancia, é para admirar com que finura, com que profundeza ella observa, compára, sente e adivinha, aprendendo comsigo, de si para si, mercê de qualidades de percepção, de tacto, e de memoria, que não estão gastas, que não estão ainda cançadas sequer! De mais a mais, emquanto se é novo, o bom acolhimento, o bom modo, figuram-se-nos serem coisas de tal fórma naturaes, que se alguem nos dirige uma palavra aspera, um gesto de ameaça, o primeiro movimento que a gente tem é de quem não quer crêr; e d'ahi provém o ser preciso accentuar exageradamente a reprehensão, o que nos deixa pasmados, ou nos faz cahir n'uma decepção profunda, quando nos não leve a manifestar sentimentos de revolta. No conceito da gente pequena, ha para ella uma lei que lhe assegura indulgencia, amor, protecção, e lhe offerece isso para seu disfructe.

Mendes Leal comnosco, a jogar a malha!

Não se acerta ás vezes facilmente com a razão, por que a gente em pequena faça ou diga certas coisas; mas se a procurarmos na precisão que sentimos n'essa

edade, de nos darmos importancia, lá a iremos encontrar, provavelmente.

Eu ia a correr do Salitre ao Arco de Santo André, ás tardes, sempre na ideia e na esperança de que o auctor da *Auzenda*, da *Pobre das ruinas*, da *Madresilva*, apparecesse por lá no quintal, para eu fallar com elle!

Vive-se a sonhar.

Não se estabelece differença de estar acordado, ou de estar em sonho; a realidade é a mesma, tanto mais que o estar acordado participa do estado de sonho, n'aquella edade, basta não contar o tempo, não medir distancia, nem mil coisas que se põem de banda em se estando a sonhar. A ideia de soffrimento, por exemplo, não existe; é o que explica o que os rapazes são de maus; não téem dó, não téem compaixão, não téem remorso; até gostam, mas propriamente gostam e saboreiam com delicia o fazer mal; quantos maiores martyrios infligem aos animaes, mais gostam d'elles; figura-se-lhes que o gato se recreie de estar fechado na janella, a miar por que lh'a abram, que as moscas se divirtam muito em cahirem na agua, ou em pucharem carrinhos de papel.

Basta um caso, para marcar bem a crueldade d'elles...

Ao longo do rio, em redor de uma azenha, n'um sitio a que chamam o Carvalhal d'Obidos, verdeja um oasis, onde parece morar a primavera; alli, com um estremecer de luz prodigiosa, tudo respira e canta; a agua anima e refresca o ar, e a roda da azenha gira espumante por entre uma auréola de neve; curvam os ramos e banham-os no rio os freixos, os chopos, os urmos, com as raizes rosadas como ramos de coral a sahirem pela ribanceira; debruça-se de uma quinta um cedro; por cima vinhas, quintaes com jorros de agua, que vertem para o rio; n'um outeirinho uma ermida. Um campo de nogueiras parece sorrir-se d'uma suspeita de castello feudal que está para alli, ruinas sem nome, onde hoje se guarda palha; defronte, n'umas sebes altas e tufosas, um enxame de passaros a chilrar...

Estão brincando no açude, que represa a agua do rio para a encaminhar á azenha, uns poucos de pequenitos, que foram para alli attrahidos pelas arvores, pela agua, pelo encanto d'aquelle sitio delicioso; por signal que já a presença d'elles fez grasnar dois patos, coitaditos, que em cima do tapume dormiam de bico na asa, e não tiveram remedio, assim que elles os acordaram, senão ir para a agua outra vez.

O calor que está cahindo e a frescura do rio ten-

tou os pequenitos a darem um mergulho na presa de agua, e ahi principiam a despir-se, qual d'elles mais ligeiro, para saltar primeiro á agua. Dão-lhes ar de tal rusticidade os andrajos com que cobrem o corpo, que é pasmo vêl-os, depois de nús, parecerem deuses pequeninos! Formosos, innocentes, brilha ainda n'elles a elegancia e a graça da mão creadora que os formou!

Saltinham, gritando, guinchando, e, como um bando de passarinhos, atiram comsigo á corrente que espuma de encontro ás margens; é acolhido por um côro de risadas o ultimo que se deita á agua; vão aos tombos e aos encontrões, trepam-se aos ramos e balançam-se até os quebrar; depois, como a inconstancia da edade lhes fez deixar logo aquelle recreio, foram de gatinhas a sahir do banho, apegando-se ás hervas do vallado; e d'alli, estendidos no açude, pozeram-se a seccar ao sol, quando déram com a vista no coitado de um cão, que, talvez por fome, andava a cheirar-lhes o fato e a lambiscar umas migalhitas de pão de ralla que haviam ficado nas algibeiras.

Tiveram todos a mesma ideia a um tempo, e no mesmo instante o disseram: atirar com o animal ao rio!

Levanta-se um do rancho, vae todo surrateiro bus-

car um pedacito de pão á jaqueta e offerece-o ao cão esfomeado, que, sem desconfiar e já com ar de gratidão, avança para o abocar. Mas, ainda mal abre timidamente a guela, e já lhe poisa em cima a mão do saloíto, que o enrosca pelo pescoço; e elle ahi fica em poder dos inimigos, servindo de brinco aos rapazes.

Tão depressa o apanham, levam-o para o rio. Atiram com elle á agua, defronte mesmo da azenha; desapparece o pobre animal por um instante, vem acima, e vae a nadar para a margem opposta; com o encontral-a inaccessivel, ganha outra vez o lado onde estão os pequenos, que o repellem; não consegue tomar pé sósinho; escorregam-lhe as patinhas pelo açude e de cada tentativa que emprega mais depressa se afunda; espalha a vista com inquietação para um lado e para o outro, e, não vendo como haja de escapar, parece resolver-se a ir seguindo encostado ao tapume, até que se lhe depare por onde sahir; mas os pequenos, armados de vardascas que alli mesmo á pressa vão arrancar das arvores, obrigam-o a cortar o caminho.

A poder de andar d'um lado para o outro, mette-se debaixo de uns troncos de nogueira, no sitio em que começa o açude, e alli descança com agua até ao lombo. Correm sobre elle os pequenos para o desalojarem d'aquelle ultimo asylo, mas os ramos da nogueira co-

brem-o com uma especie de abobada, que os não deixa chegar-lhe.

Voltam para o outro lado aos gritos, na diligencia de lograr com ameaças que o infeliz, que olha para elles com ar de supplica e de angustia, se metta a nado outra vez. Timido, encolhido, tiritante, já sem forças, meio afogado em agua, fixa os olhos, com inveja de não ter azas, em um passarinho que lhe passa por cima, soltando um pio com dó d'elle e voando!

Vão buscar pedras e apedrejam-o; soffre elle por momentos a saraivada que o persegue e o faz ganir com a dôr, mas não póde permanecer alli e mette-se á agua outra vez.

O bando impiedoso exulta e prorompe em exclamações de triumpho e de jubilo. O cão vae-se encostando penosamente á margem; topa n'um tronco, agarra-se-lhe, e, com o esforço supremo de quem está a ponto de se afogar, consegue maranhar até á terra: e fica salvo!

Mas haviam-se-lhe gasto as forças, já não póde fugir, deita agua pela bôca: e cahe...

Dá isto tempo aos pequenos de se lhe approximarem. Correm todos, barbaros e más, como selvagens, e seguram-o. A victima sem já se lembrar sequer de morder, incapaz de se vingar, põe-se a implorar com o olhar

e com a voz. Dir-se-hia que a vista intelligente, com a expressão de quem presente a morte, se lhe fixa estonteada e supplicante, ora n'um ora n'outro, estatico, perdido, e sem saber qual foi o que lhe armou a traição de lhe offerecer um bocado da merendeira.

Levam o cão ao sitio mais fundo e atiram com elle. Defende-se por instantes, mal podendo nadar e mergulhando-se mais cada vez. Já lhe custa a suster a cabeça de fóra do abysmo; gane, guincha, grita, principia a engulir a agua, vae mergulhando, vae descendo, agita-se e estorce-se nas convulções horriveis da agonia dos afogados — até que, deixando de luctar contra a sorte e já sem dar por ella, encrespa-se todo e morre.

Ha já um pouco de tempo que não se meche, e ainda os pequenos estão a olhar para elle — observando a morte depois de haverem observado a dòr. Estão para alli todos no açude, uns de pé, acocorados outros, outros estendidos sobre a relva. Por entre a rama das arvores vem brincar a luz e a sombra por cima do corpo d'elles...

Crueis! crueis!

Tem sido moda, ultimamente, escrever a respeito das creanças. Poesia, quasi tudo. Dizia a isso o illustre Gaudissart, do Balzac:

— Hei-de publicar o *Jornal das Creanças*, para cahir tudo com assignaturas. Nunca tiveram jornal, hão-de estimar muito!

A razão por que ellas se inclinam sempre mais para as pessoas de condição inferior, o que o povo na sua humildade, coitado, chama de *baixa esphera*, e estas se inclinam mais para ellas, os criados, o pedreiro que vae fazer um concerto, pôr uns tijolos na cosinha, tapar uns buracos na escada, e se torna logo n'um grande amigo do pequeno da casa, é porque essa gente está mais perto da natureza, está mais em harmonia com a infancia, que é um estado que ignora ainda a civilisação.

Mendes Leal era muito amigo de seus irmãos. Cito esta circumstancia, e n'ella insisto, porque em mais de uma vez as aggressões maldosas da politica quizeram attribuir-lhe um sentimento de indifferença ou de desdem para com esse irmão Antonio. A ruindade é por tal arte engenhosa nas pequeninas invenções pérfidas, que até se lembraram de insinuar que, de algum modo, certo sentimento de despeito affastava de Antonio Mendes Leal o seu illustre irmão, offuscado pelo talento d'elle. Não ha mais ridicula, nem mais brutesca invenção! Originou isso uma peça representada no Gymnasio, escripta por Antonio, e em

que pretenderam encontrar allusões. Tinha por titulo essa peça *Abel e Caim;* drama romantico, erriçado, lamurioso; escripto com fluencia, fazendo-se valer por uma situação de effeito — um adolescente, cheio de talento, de aspirações, de amor, e de vontade de comer, cahe desfallecido, no meio de um baile, no melhor de uma walsa, por ter fome!

Antonio Mendes Leal tinha verdadeiramente talento, muito talento, mas, bem se sabe, isso por si só é muito, e é pouco. Não se faz nada bom sem talento, mas só com talento tambem não se faz nada bom. E' preciso estudar, é preciso trabalhar, mas trabalhar muito, estudar muito — e ter a virtude do boi: paciencia! Elle não a tinha. Levou uma vida inquieta, cortada de amarguras. O theatro attrahiu-o de mais: entregou-se-lhe ao ponto de se fazer actor, actor de companhias nómadas, actor ambulante. Levou a vida em jornadas, por entre nuvens de poeira, mettido em carros de matto com outros comicos, com as bagagens de veludilho e lentejoulas, trouxas em lenços rotos, caixas de papelão sem tampa, canastreis, saquinhos, cabelleiras, corpetes de papel prateado, barbas postiças... Caravanas originaes, curiosas; as mulas aos cumprimentos umas ás outras; porque os carros sejam de differentes donos, os arreeiros a praguejarem; as actrizes a darem gritos de

susto... Noites de inverno pelos campos: os actores embuçados, amarrando os queixos, as mulheres com capas, chale por cima da capa, outra capa por cima do chale, sete lenços na cabeça, e a competente touca de lã... Tudo em calada: a ouvir-se apenas o rodar dos carros; este ou aquelle a petiscar lume; o *galã* a bichanar com a *ingenua;* o *barbas* com a *lacaia;* o *pae nobre* com a *mãe nobre;* o *ponto* com o *vigete*...

O theatro, de mais a mais, n'esse tempo, dava pouco; e o da capital, que não póde deixar de ser o primeiro como lucro e como gloria, estava-lhe vedado por que elle attendesse a considerações de familia.

De uma occasião, muitos annos depois, estando na Nazareth, fui ao theatro: um bonito theatrinho, de duas ordens de camarotes, plateia, e galeria para o povo. Estava a sala cheia; era pelo tempo das festas; cada espectador tinha um varapau enorme, a que se encostava, varapau que o não desamparava nunca, que elle de manhã, na egreja, encostára á parede: n'alguma sala, onde fôra, collocára atraz da porta, com o bonnet em cima: e no theatro guardára comsigo, conservando-o na mão, por fórma que, quando subiu o panno viam-se mais os varapaus do que os espectadores, e os actores pareciam estar representando... a um canavial; o publico gritava, ria, batia com os ca-

jados: a bulha era o melhor d'aquella alegria toda; representava-se uma oratoria, que tratava da lenda de D. Fuas Roupinho, alterando-a agradavelmente, por modo que na peça fosse a filha de D. Fuas, e não o proprio D. Fuas, quem descobria a Virgem, por se entender que até para as coisas sacras não haja boa funcção sem dama.

— Ha actores de Lisboa, este anno! — dizia-se na plateia.

Effectivamente estavam lá alguns actores conhecidos nos theatros populares da capital; mas o ponto importante não era ainda esse; acrescentava-se logo, como n'um crescendo:

— Vem o Mendes Leal!

A popularidade é uma coisa mais rara do que se cuida; de toda aquella gente que para lá estava a divertir-se, muito poucos sabiam quem fosse Mendes Leal. A popularidade pelas lettras nunca chega bem a correr o reino, penetrando até ás camadas inferiores. Mais facilmente o consegue a politica, e essa mesma o não consegue de todo; de ha muitos annos, em Portugal, ao povo das terras pequenas, não chegaram nunca senão dois nomes nas azas da popularidade: Saldanha, e Loulé. Talvez isto pareça um conto. E' a verdade.

Por isso, ao nome de Mendes Leal, alguns que ti-

nham noticia d'elle, mas um pouco vaga, explicaram aos que a não tinham, nem vaga nem nada, que era elle um sujeito de grande doutrina, aguia capaz de registar o volume do sol; e que, apesar de erudito e prudente, se entretinha em ir representar á Nazareth.

Em duas palavras, só dez ou doze pessoas na Nazareth sabiam de certeza que não fosse o afamado escriptor, tão celebrado por suas composições lyricas, por suas obras theatraes, e até pelos seus artigos na *Lei* e na *Imprensa e lei,* quem fizesse parte d'aquella companhia volante!

O administrador da Casa de Nazareth, D. Francisco de Salles, contava-me, rindo, que ouvira dizer na plateia a varias pessoas, que a companhia do theatro, n'aquelle anno, era tão excellente, que até um dos actores já havia sido deputado, o que de algum modo induz a crêr que os deputados sejam os primeiros comediantes.

Era o caso de paraphrasear o *Hyssope,* e exclamar:

Por certo que não póde duvidar-se
Do augmento, senhor, que em nossos dias
Tem tido...—a Nazareth!

Mendes Leal Antonio parecia ás vezes soffrer com

isso. O fundo d'esse moço, o seu coração, os seus sentimentos, eram bons. Entristecia-se de se vêr n'uma situação de sentinella perdida da arte dramatica, artista para caminhadas, correndo o reino com companheiros sempre inferiores á sua educação, á sua intelligencia, e á sua cultura, levando n'um sacco todas as alegrias e todos os receios, risota e furia, corôas e chinós, acceitando qualquer publico, ensaiando as peças nas estalagens, com as janellas abertas, *ás escancras,* como diz o povo, trepando e baixando pela gamma das paixões humanas, a tostão a entrada, n'um celeiro, dormindo uns a fazerem cabeceira aos outros, o *plaustrum* de Thespis sem as vindimas, vida de purpura e de trapos, com colletes de papel almasso e cabelleiras de aparas polvilhadas com farinha!

Ha gente de grande prestimo, ás vezes, n'essas companhias. Antonio Mendes Leal foi por certo o mais notavel por seu talento, por sua educação, e pela cultura do seu espirito.

No seu tumulo deveria mandar-se gravar uma mascara, a mascara da comedia, e um bordão de peregrino...

A vida do Lyceu tinha epochas grandemente alegres.

O carnaval, que n'aquelle tempo ainda se chamava

entrudo, era fertil em diabruras por todo aquelle bairro, graças á nossa inventiva.

Já pelo Natal se dava a perceber de quanto fossem capazes essas *esperanças da patria,* trepando aos hombros uns dos outros, até que um chegasse á janella de sacada onde se avistasse o pimpão de algum perú, destinado á festa da honrada gente da casa, e arrancado corajosamente pela rapasiada á barbara fome com que o esperavam... Não se vendia, o perú; não o queriamos para matar, nem para comer: dar-lhe a liberdade era o nosso intento, salvando-o do appetite voraz do comilão burguez...

Mas, o entrudo!

Em chegando esse doce tempo, já se apertava affectuosamente a mão aos companheiros com um molhinho de ortigas...

Já se levava de casa o firme proposito de na primeira occasião opportuna puchar a corda do sino, para incommodar a freguezia e fazer sahir a bomba...

Já se tinha uma rica luva de areia, que, em apanhando o hombro de um homem, lhe rendia logo a clavicula com infinita graça...

Já se assopravam tremoços por um canudo, para irem bater no rosto a quem passava...

Perguntava-se á criada:

— O' Maria, ha por ahi hortaliça velha, que já não sirva senão para o barril do lixo?

— O' menino, credo! Que ideias são essas? Não vá metter isso na panella!

— Não é para a panella, mulher!

— Então para que é?

— E' cá para uma coisa. Uma boa cabeça de nabo, bem dura, é o que se queria!

— Ahi tem duas. Mas para que é isso?

— O' Mariquinhas, que pechincha! Isto é para dar com ellas n'algum chapéo.

— N'algum chapéo?

— Sim, a gebada! Tu não sabes o que é a gebada?

— Então não sei; é ovo batido com agua quente e assucar.

— Isso é gemmada, tola!

— Pois que diz o menino?

— Digo *gebada*, uma brincadeira que se usa no Lyceu; é a arte de fazer o chapéo n'um figo! Nas Merceeiras não é tanto, assim mesmo; mas em S. João Nepomuceno, por este tempo, é uma folia: enfarinha-se a gente, pinta-se, besunta-se, esmurra-se, impingem-se rebuçados de pêz para amofinar o céo da bocca...

— Com effeito!

— E' uma frescata, Maricotas, é uma frescata! Dá

cá os nabos, e se tens por ahi algum caco para atirar á cabeça dos gallegos, ainda melhor funcção vae ser.

— É melhor uma bexiga, que não prejudica, e serve de brinquedo pelo mesmo modo.

— Pelo mesmo modo, não; a bexiga não quebra a cabeça aos gallegos! Quebrar-lhes a cabeça é que tem graça!

— Se o seu pae vem a saber isso...

— Era bom, se eu ainda estivesse no collegio; isto lá são outros ares; e d'aqui por diante cada vez peor; á porta da Polytechnica pucha-se pelo nariz a quem passar!

— Alguma vez haverão de ensinal-os com bons puchões nas orelhas, que ainda se agarram melhor do que o nariz!

— Isso é que se quer vêr! Que venham para cá!..

Era temivel.

A outra festa, de genero mui diverso, consistia em vêr armar o largo da Sé, em junho, para a procissão do Corpo de Deus. Tão depressa terminavam as aulas, corriamos para alli, a animarmos os carpinteiros com a nossa presença. Doces dias!

Appareciam por lá varios amadores d'esse recreio, velhos que precisavam entreter as manhãs, e aproveitavam aquelle pretexto para tomarem sol.

E' sabido quanto os velhos se entretéem com creanças, e alguns contavam-nos particularidades curiosas que dissessem respeito áquella procissão célebre, e deleitavam-se de nos terem por ouvintes e de explicarem ao mesmo tempo aos operarios, na hora da sésta, do meio dia á uma, o caso memoravel de todo aquelle esplendor antigo...

— Isto já não é nada! — diziam elles.

E os carpinteiros:

— Sim senhor, sim!

— E cada vez irá a menos! Foi festa. Já meu pae a viu mais luzida que eu. Um sonho, senhores! Não se faz ideia. Quando el-rei D. João v, porque o levasse o seu animo imaginoso e rasgado a querer exceder as procissões memoraveis que Carlos v em Ausburgo, Francisco i em França, e Philippe ii na Hespanha, haviam realisado, determinou restaurar a grandeza primitiva da procissão do Corpo de Deus, por modo que correspondesse em magnificencia ao que um pontifice santo instituira, e que os concilios da egreja latina haviam confirmado; o senado de Lisboa deu-se com tal ardor a executar as resoluções do principe, que fez um milagre de arte, de diligencia, de tempo, de fausto, e de triumpho!

A armação da egreja foi da mais rara pompa. Por

todos os lados ouro e sêda; cortinas de tela branca, com largas franjas; finissimas lãs de côres differentes, confundindo as suas flôres de ouro com o brilhante dos velilhos; damascos carmezins; galões que pareciam molduras; passamanes que imitavam folhagens; telas cobertas de rosas de ouro sobre campo de prata; sanefas de veludo bordadas; toalhas de cambraia, guarnecidas de rendas de Flandres...

Na tribuna real, tudo armado a pannos de damasco, encaixilhados em volantes de prata orlados de galões e passamanes, fingindo almofadas. As alfaias, preciosas. Tudo grande, tudo rico, tudo raro. O toldo, de damasco carmezim, sustentava-se em mastros de enorme altura, e tinha seiscentos palmos de comprido...

As ruas do transito cobriam-se com toldos presos em mastros, ornados de ouro e sêda; as janellas eram cobertas de cortinas preciosas; as lojas, de pannos de arraz brilhantissimos.

Na vespera pozeram-se luminarias, e parece que os ourives do Ouro capricharam por tanta maneira em abrilhantar a sua rua, que, a poder de luzes, como que mudaram a noite em dia...

Ao romper da manhã, o estrondo dos sinos da Sé, dos conventos, das parochias, estreiou o alvoroço do dia...

As ruas appareceram cobertas de areia, alcatifadas de flôres, guarnecidas de tropa em grande uniforme de gala...

Adiante da procissão rompiam as bandeiras dos officios mechanicos, representando as imagens dos santos que na vida tiveram este ou aquelle officio; e alguns simplesmente escolhidos por se ter devoção com elles.

Depois das bandeiras seguia a imagem de S. Jorge, protector do reino contra as armas de Castella, nos conflictos mais perigosos.

Iam adiante da imagem os tambores. E, n'este ponto, é para observar que uma das grandes curiosidades de todo este caso, é que nada se saiba nem se possa conseguir saber de uma das particularidades mais notaveis d'elle, e que, como que para melhor corresponder ao assumpto, se tem conservado sempre no escuro: — os pretos.

Sabe-se de todos que iam na procissão antiga, em suas diversas epochas: os carniceiros, os hortelões e pomareiros da cidade e seu termo, com os pendões da sua diviza enramados e pintados; as mancebas de partido, as pescadeiras, padeiras, fructeiras, regateiras e vendedeiras; os almocreves com os castellos pintados da sua diviza, bandeira, atabaque e pendões;

os carreteiros e estalajadeiros, levando os tres Magos; os sapateiros, com o seu imperador e dois reis *muito bem vestidos*—e com o dizer sapateiros, a referencia não se dirige apenas aos que, como se diz agora, tinham *loja de calçado*, senão aos surradores, curtidores e odireiros;—os alfaiates, os besteiros do Couto com suas bestas enramadas, os espingardeiros, os besteiros da camara de el-rei, os homens de armas com as espadas núas nas mãos, os ferreiros, armeiros, cuteleiros, esteireiros, latoeiros, fusteiros e serralheiros; os falcoeiros e penteadores de lã, levando S. Bartholomeu e um diabo prezo por uma cadeia; os correeiros, dragoeiros, sirgueiros, levando S. Sebastião; os lapeiros, levando S. Miguel com sua balança; os oleiros, telheiros, tijoleiros, com Santa Clara e as suas duas companheiras; os carpinteiros, pedreiros, taipadores, calçadores, caeiros, cavoqueiros, carvoeiros, monteiros, serradores, levando Santa Catharina *muito bem arranjada;* os tozadores e cerieiros com suas tochas e seus castellos de estanho; os ourives e pichelciros, levando S. João; os trapeiros, que eram os mercadores de panno de linho, e os mercadores de panno de côr; os tabelliães de notas, os do judicial, os procuradores do numero, e inquiridores, almotaçaria, escrivão dos orphãos, escrivão das armas... Já n'isso

de escrivães uma turba multa: os de el-rei, o dos Coutos, o do almoxarifado, o da cisa dos pannos, o das baetas, o dos vinhos; e ainda, depois d'esta sociedade, os juizes e os vereadores, e, atraz d'elles — *bagatella!* — os evangelistas e os anjos...

— E os pretos? — perguntavamos nós.

— Ah! — retorquia o narradar — Tudo se sabe, tudo consta, tudo se averigúa e se acha; mas o que não se acha, o que não se averigúa, o que não consta, o que não se sabe, é essa historia dos pretos! Vá o mais pichoso vasculhar no pó dos tempos o melhor das grandezas passadas, pergunte, inquira, pesquize, leia, releia, escogite, não conseguirá saber d'isso senão que téem sido hereditarios esses empregos de preto de S. Jorge, que nossas mães contavam ganharem cinco réis por dia; irem tocar, na semana anterior á procissão, ás repartições do estado, ao paço, ás cavallariças reaes, e pelas ruas; morarem n'uma casinha, caiada por parentes d'elles, junto ao castello; serem seis, em memoria da primeira meia duzia d'elles que para cá vieram de Guiné, e ser o ultimo descendente de taes dignitarios um certo *paesinho,* que o povo affirma por tal modo amante da harmonia, que sempre recommendava aos companheiros, no melhor da musica, que afinassem os pifanos com as caixas:

Afina os pifare peras caixeras!..

Mas, emfim, do seu caso, das suas tradições, da sua historia, do que motivou terem na festa um papel, como diriam os romanticos, de *tanta côr*, é que não ha saber. Quando appareceram? Onde e quando figuram na procissão! Tambores havia, esse é o caso, e acompanhavam a pé S. Jorge, logo adiante dos trombeteiros a cavallo, fazendo lembrar, pelo toque das caixas e dos clarins, os triumphos gloriosos de que o santo fôra instrumento. Immediatamente a elles seguia um cavalleiro, o homem de ferro, alferes da milicia antiga, vestido e calçado de ferro; conductor de quarenta e seis cavallos da casa real, com os seus xaireis de ouro tecido, jaezes de prata, de bronze lavrado, levados á mão por quarenta e seis moços das cavallariças... S. Jorge montava um cavallo branco; vestia armas brancas prateadas, gorro de veludo na cabeça, guarnecido de diamantes. No braço direito empunhava a lança, como derrubando os inimigos da cruz. Acompanhava-o um pagem, o pagem famoso da milicia de outros seculos. Era um pequeno, vestindo á heroica: peito de armas, capacete, cocar de plumas, lança ás costas, com bandeira farpada junto ao ferro. Seguiam as irmandades, que eram cento e dezesete, com as suas cruzes de prata com preciosas mangas de bro-

cado, e compridos guiões de sêda... Caminhavam todos a dois e dois, formando alas. Tinham o primeiro logar os seculares, depois os ecclesiasticos, os ministros dos conselhos, tribunaes, cavalleiros da ordem de Christo e de Santiago, e, assim na fidalguia do nascimento e da posição, como no culto e distincção das lettras, o mais nobre e illustre do reino: o conselho de Estado, as ordens militares, os pagens com as suas tunicas rôxas, as famosas *zimarras,* como se lhes chama em Italia, os cantores, o cabido, os diaconos, os presbyteros... Então, depois de tudo isto, o pallio, magestoso, esplendido, com os seus nove pannos, e as suas oito varas douradas, em que pegavam os beneficiados, e, ao largal-as elles, o rei e a côrte. O povo, deslumbrado, nas ruas do transito, rompia com razão, d'esta vez, no sentimento natural de cada geração, de se julgar maior do que a que veio antes e maior do que a que virá depois, e achava que a festa levava vantagem até ao sol, por se poder olhar fixo para ella! Não é dado á nossa natureza limitada supportar nada que dure muito; mas aquella maravilha durava um dia, e a admiração podia sustentar-se mais vivaz. A ideia religiosa acordava, desenvolvia-se, invadia, dominava, suscitada pelo espectaculo de toda essa magnificencia, e encantava a multidão, entre-

abrindo o seio do incommensuravel! Ao recolher a procissão, repetiam-se as salvas de artilheria e mosqueteria dos regimentos, navios, torres, fortalezas; e os sinos acompanhavam todo esse estrondo de festa com a alegria ruidosa dos seus repiques...

Nós escutavamos, pasmadinhos, a narração d'aquellas maravilhas...

— Parece impossivel! — diziam os carpinteiros.

— Custa a crêr, custa! — ponderava o marcador do bilhar do botequim a Santo Antonio da Sé, que no intervallo das suas funcções ia para o largo aproveitar da conversinha — Eu acredito porque o senhor o diz; mas acredita o senhor o que nos disse a nós?!

Memoravel botequim, memoravel marcador, e memoravel bilhar! De uma occasião, attrahidos pelo segredo prohibido, fomos alli, dois ou tres, vêr jogar. Era n'um dia escuro e triste. O marcador, nosso conhecido, parecia de mau humor, e logo nos reprehendeu por alli entrarmos:

— Isto não é para meninos. Rua! Vão para a eschola!

Ouviam-se uns ais, de vez em quando.

O jogo parecia animado e vivo.

— Doze! — Quinze! — Dezesete! — Dezenove!

Tacadas sobre tacadas.

De vez em quando, os ais.

— Vá! Vinte! Vinte e tres!

— A' vermelha! Vinte e sete!

E os ais, de vez em quando...

— Cala-te, mono! O diabo com os ais nem deixa jogar a gente á vontade!

Era um dos moços, que estava com sesões, deitado debaixo do bilhar, e curtindo a febre ao som dos tacos e das bolas.

Nunca me esqueceu isto.

Como não esquece nada d'aquelles tempos; como muitos annos depois me lembraram as manhãs do largo da Sé, estando a vêr a procissão do Corpo de Deus, n'uma tarde historica, em que a maior das trovoadas a surprehendeu. As senhoras riam, choravam, gritavam, e ainda depois riam mais, apesar dos vestidos e dos chapéos novos! A chuva era torrencial, medonha. Não se via nada. Os maridos todos que assistiam á festa, estavam furiosos, e ficavam doentes, doentes dos chapéos e dos vestidos d'ellas.

Só um exultou, só um se divertiu com o caso...

Quando principiou a escurecer, tudo incerto, sombrio, ameaçador, olhou para sua mulher e pareceu dizer-lhe:

— E' bem feito!

A trovoada a esse tempo estava no mar, e entretinha-se a agital-o, emquanto o vento, sem deixar de soprar, ora perdia, ora augmentava em força. As aguas davam mesmo de longe testemunho da guerra dos elementos, e, a qualquer ponto de distancia, as nuvens amontoadas escondiam o horisonte; e o relampago, atravessando a nuvem, dizia lá de cima que a trovoada ia ser medonha.

A esposa estava a uma janella de sacada, gosando de um amavel convite que lhe haviam feito; o marido, de traz d'ella, olhava-lhe para o vestido, um vestido de sêda clara, de grande folho, e cauda de metro e meio; depois olhava para o céo, depois outra vez para ella e para o vestido, e sorria-se...

Ella começava a franzir a testa, e a morder os beiços, com ar meio raivoso, meio de os refrescar.

— Seccam-se-te os beiços!? — disse-lhe elle com a meiguice magana que a ironia póde alcançar.

A senhora ia responder, mas viu cahir um grosso pingo de agua na borla do leque; ergueu irresistivelmente a cabeça, viu tudo negro por cima de si; a chuva batia no parapeito da janella com uma bulhasita sacudida, agreste: ella baixou a vista para a rua e disse vagamente, como que absorta n'uma ideia:

— A procissão vae bem bonita!

Vinham passando os pretos, sacudindo um pouco a cabeça, por sentirem uma frescura inesperada na carapinha, o que lhes alterava a nota de vez em quando, e os levava a recommendarem-se mutuamente a maior cautela na afinação dos pifanos.

As pingas de chuva eram já do tamanho dos tambores... O homem de ferro, a escorrer todo, parecia querer tomar-se a si mesmo como um remedio, *ferro em sôpa;* S. Jorge luzia mais, mercê da agua, do que no tempo em que tinha o seu chapéo novo, aquelle chapéo que valia muito dinheiro, o chapéo de tres contos, que lhe emprestava o duque de Lafões; os escudeiros amparavam-lhe as botas de prata, e pareciam lembrar-se que se uns eram espadeiros, outros freeiros, tambem alguns eram caldeireiros, o que, no dizer do povo, é sempre gente que chama a chuva... A' roda, o piquete de cavallaria da municipal via a natureza regar-lhes com prodigalidade os raminhos de flores que levavam no arção da sella; os relampagos douravam o capacete do pagem; e as ordens terceiras, com os seus commissarios e ministros, viam a capa cada vez mais parda!..

A chuva era torrencial: o povo, tão depressa viu o homem que levava a umbella abril-a para se resguardar, e os que levavam as mitras na peanha esta-

rem quasi a pôl-as na cabeça, largou á desfilada, e encheu as escadas e as lojas. Os que tinham chapéo de chuva não se lembraram de o abrir, tanta era a commoção em que ficaram. Alguns donos de casa, homens amaveis e caridosos, vinham á porta e diziam ás senhoras, encolhidas como pintainhos no patamar:

— Entrem vossas excellencias! Offereço-lhes a minha casa!

A titulo de parentes das senhoras entravam-lhe pela sala dentro quarenta homens:

— Eu sou primo!

— Nós somos manos!

— Eu sou tio! — O genro! — O sogro!

— Somos sobrinhos, nós somos sobrinhos, palavra de honra!..

E ninguem se podia mecber em casa; e já não havia sophás nem cadeiras...

— Não se incommodem — diziam os que iam chegando — eu sento-me aqui em cima d'este senhor...

— Não faça ceremonia, por quem é, nós sentamo-nos no piano...

O marido, o tal marido, dizia a sua mulher:

— Estás contrariada, perola? E eu estou gostando!

Ella suspirava.

Elle ria.

As pessoas que os ouviam mal cuidavam de prescrutar este mysterio, devoradas de profunda raiva e tristeza, pensando nas suas roupas. Os chefes de familia sahiam em procura de sege e voltavam ensopados, com o fato encolhido:

— Não ha sege! Querem uma libra, e ainda assim ha a maior difficuldade em encontrar trem! Não me apanham n'outra!

E logo, um

CÔRO DE MARIDOS

Nem a mim!!
Nem a mim!!!

Elle dizia suavemente a sua esposa:

— Não havemos de ficar eternamente n'esta casa; é melhor descermos, para chamar a primeira sege que passe?

— E se não apparecer sege.

— Iremos a pé. Nem a todos é dado ir de sege: *non licet omnibus adire...*

— Isso é latim a respeito do vestido?

— Não, o vestido é escusado pôl-o em latim, basta pôl-o a seccar.

— Como estás contente! — dizia-lhe ella.

*

— Assim, assim! — retorquia elle com modestia, piscando o olho — Vamos embora!

O caso era este: elle tinha a balda, que muita gente tem, de não fallar senão das suas coisas, e entender que não se póde conversar agradavelmente senão do que diz respeito ao emprego ou officio proprio. Levavam-o estas tendencias a pregar massadas infernaes. A mulher costumava dizer-lhe:

— Não sejas massador! És bom homem, tens uma presença séria, não és tolo, e és bem parecido; mas, francamente, és massador! Ha uma coisa que nós não perdoamos — é que um homem seja bebedo: logo, depois d'isso, está o sêr massador!

E elle ahi contava, centos de vezes, o que lhe succedêra n'esse dia; repisava qualquer historia, qualquer dicto. A mulher fazia-lhe boneca, — e elle proseguia...

Haviam, por fim, feito o ajuste de elle ser multado n'um vestido novo em pregando massada. Conforme a massada, assim seria o vestido; — e esse era de folho largo — que tal ella teria sido! — o tal, que ella estreára na tarde da procissão; por isso o marido, fresquissimo de vingança, estava a regalar-se de vêr que a chuva, principiando a estragal-o na janella, fosse de todo arruinal-o na rua!

— Não ha sege, marchemos!

Que espectaculo de desolação! Senhoras de saia á cabeça, homens de lenço por cima dos chapéos... E este marido a rir! As mulheres diziam aos seus homens:

— Olha, aquelle sujeito não está furioso como tu, por se estragar o vestido!

— Deixa molhar! — dizia o marido, rindo — Deixa molhar!

A alegria com que assistiamos aos grandes preparos decorativos do largo da Sé, era de tanto mais largo folego quanto a época da procissão se approximava já do tempo das férias. Ainda hoje nos avistamos com certo gosto retrospectivo, todos que por alli passeavamos aos pulinhos, de livros debaixo do braço, e chapéo á *zamparini!*

Era o Paes Gago, moço excellente, qualidades delicadas n'um corpanzil formidando; quatorze annos e a altura d'uma torre; quando molhava os pés, levava quinze dias antes de espirrar, e ás vezes mais: tanto tempo era preciso para que o defluxo lhe chegasse lá acima. Enorme!

Era Severo Ernesto dos Anjos, hoje conservador do Museu de Marinha, lindo rapázinho n'esse tempo, mimoso, de um natural cheio de *ronha*, como diz o

povo, isto é, ironico, malicioso, cassoista, e, ao mesmo tempo, muito sereno e amavel. O Chiado havia de conhecel-o um dia, e elle, pelas duvidas, antes de estreitar esse conhecimento, passou pelas lettras e com distincção; a *Gazeta de Portugal*, de Teixeira de Vasconcellos, teve n'elle um dos seus collaboradores mais estimados; lia-se uma noticia d'elle com prazer. De um natural muito engraçado, realçava os chistes pelo esmero da escripta; esse alegre companheiro das folias de theatro e de *restaurant*, é um espirito que tem o sentimento e o gosto litterario, e que, por entre as distracções da vida de rapaz, encontrou sempre uma hora de nobre e curiosa applicação.

Os irmãos Magalhães, dos quaes um é hoje empregado na camara municipal, e outro é engenheiro; — dois filhos do banqueiro Gonçalves Franco, Pompilio Franco, e o Visconde; Mouta e Vasconcellos, deputado; Francisco de Moraes Quintella, hoje morto; Manoel Bento de Sousa, o medico; Henrique de Sousa, hoje padre; Rodrigo Paganino, auctor dos famosos *Contos do tio Joaquim*... O Lyceu é o *microcosmo* perfeito d'aquella época, como Pompeia o é da antiguidade; assim como escaparam á destruição alguns papyros, que conservaram o espirito da litteratura lati-

na, tambem alguns de nós vamos resistindo para darmos o typo dos meninos das Merceeiras.

Nas férias visitavamos-nos; a vida portugueza era de uma sinceridade e bonhomia encantadoras; eram nossos paes os primeiros a aconselharem-nos que fossemos vêr de alguma vez aquelles companheiros com quem nas aulas vivessemos em maior intimidade e em melhor sympathia.

Agora quasi que se não percebe a alegria das férias! Já o fechar das aulas parece acto melancolico! Já os tres mezes de julho, agosto e outubro não fazem differença do resto do anno!

Vejo nos jornaes todos os dias: «Parabens ao menino fulano, que fez o seu exame de latim» — e o marotinho do menino fulano, por essas ruas, parece olhar indifferentemente para o chegar das férias e tirar apenas a sua alegria de que o latim se despedisse d'elle. Ah! mausinho!

Antigamente, ao chegar esta quadra, ficava a cidade n'um inferno, mas n'um *inferno delicioso*, á moda do saibo a *ferros velhos*, que tinha no paladar o sapateiro de Garrett das *Prophecias do Bandarra*: «*Ferros velhos, mas bons!*» Misturem Tyro e Sidonia, a nova Jerusalem, Sodoma e Gomorra, um bocado do céo e um bocado do inferno, e terão ainda assim uma

imagem pallida do que era d'antes a Babylonia d'aquelle largo de S. João Nepomuceno, no dia em que rompiam jubilosamente as férias!..

Foi por entre um d'esses regosijos, que José Pedro Nunes, encontrando um lente, Antonio Caetano Pereira — que n'essa época se andava batendo ao folheto com Alexandre Herculano, por causa da apparição de Ourique — se ajoelhou diante d'elle e lhe disse:

— Grande escriptor...

— O que é?

— Grande escriptor, deite-me a sua benção!

E Antonio Caetano Pereira ficava pasmado, a olhar para elle...

— Deite-me a sua benção, ou não me levanto d'aqui!

Principiava a juntar-se gente...

— Tire-se, homem! — dizia-lhe o arabista...

— Que folheto! — insistia José Pedro, agarrando-se-lhe ás pernas — Que folheto que v. s.ª fez contra o Alexandre Herculano! Que rico folheto! Vou regalar-me de o lêr n'estes tres mezes! Vão ser para mim tres mezes de ventura! V. s.ª é que ensinou bem aquelle homem!

— Mas quem é vossê? — perguntou-lhe o lente já furioso.

E logo José Pedro Nunes, na toada da *Barcarolla*, que então se cantava no theatro de D. Fernando:

Ó tu que as almas feres
De um fogo inspirador...

O arabista tinha mêdo d'elle, suppondo-o doido, e fugia...

José Pedro Nunes foi célebre no Lyceu.

O horror que ha hoje pelo latim, havia n'esse tempo pelo inglez. A lingua ingleza não era exigida como preparatorio para as escólas superiores: resultava d'isto que a coisa mais rara que aquella cadeira lograva ter, era discipulos. Resava até a tradição, que, n'um anno, ao abrir o professor o curso, vira com alegria sete jovens, sentados nos seus respectivos bancos, e ficára contentissimo...

No dia immediato, porém... reduzira-se esta enchente a quatro rapazes.

Á terceira lição estava só um ouvinte.

Era José Pedro Nunes.

Esse, diga-se a verdade, muito assiduo. Ia todos os dias cedinho, entrava na aula com a maior ponctualidade, sentava-se, abria o seu livro, traduzia para alli com facundia no *Class-Book*, ouvia gravemente os re-

paros e advertencias do mestre, tomava seus apontamentos, portava-se que era uma joia.

N'um bello dia, porém, não appareceu.

— Tão assiduo! — ponderára o lente — Tão assiduo, e faltar-me hoje!..

Vivamente inquieto, o professor esperou durante um quarto de hora. Passado o quarto de hora, esperou outro quarto de hora. Ninguem!

Então, com resolução:

— Vou procural-o! — dissera.

E começára animosamente a correr tudo por ahi, á cata d'elle. Visitou todos os bairros, á direita e á esquerda, até conseguir apanhar o discipulo, que estava n'uma agua-furtada, muito abafado, espirrando a miudo, com uma constipação formidavel.

Installou-se-lhe á cabeceira, e tratou-o, porque assim digamos, paternalmente. Não lhe faltava nada: rebuçados de alteia, xaropes peitoraes, sinapismos, suadoiros...

— Que tal vae isso? — perguntava-lhe de vez em quando.

— Melhor.

— É arribar, é arribar! Dentro de mais dois ou tres dias, poderá talvez sahir.

— Ainda estou muito rouco!

— Sim, isso para a pronuncia é desfavoravel; temos na lingua ingleza uns finaes de palavras em que toda a clareza que se exija é pouca; mas, emfim, com geito e paciencia tudo se alcança. Lá para quarta-feira espero que já possa ir á aula...

— Estou em duvida de continuar os meus estudos. Preciso tractar da vida, e vêr se me accommodo por ahi algures, a ganhar algum vintem.

N'este ponto, refere a lenda que o lente olhára para elle com circumspecção; em seguida, meio a rir, meio a sério, dissera-lhe:

— Olhe, olhe, vossemecê precisa d'um mestre de inglez, e eu de um discipulo, para me entreter, e para justificar a existencia do meu curso. O que posso fazer é dividir comsigo e dar-lhe metade do ordenado.

— Agradeço muito e muito, mas não me permitte o animo acceitar. Antes sim, solicito da sua bondade a promessa de me empregar em eu fazendo exame?!

— Está dito! Não precisamos fallar mais n'isso!

Dois dias depois, na tal quarta-feira, lente e discipulo foram de braço dado para S. João Nepomuceno. Chegados lá, cada um sentou-se no logar que lhe competia: o professor na sua cadeira e o discipulo no seu banco.

As lições continuaram com zêlo e austeridade de

quem ensina por gosto, e de quem por gosto aprende. O lente estava satisfeitissimo por ter de novo o seu publico, e no dia do encerramento das aulas fez-lhe um discurso... no plural: Eis-nos chegados, meus senhores, ao fim do curso!

XII

Os que se sentiam attrahidos para as lettras, aproveitavam o passeio de cada dia, das Merceeiras para S. João Nepomuceno, consagrando sempre alguns minutos de attenção á litteratura de barbante, as famosas novellas, comedias e poesias, que cavalgavam alegremente em cordeis por baixo do arco da rua Augusta, e por toda a rua do Arsenal...

Era a *Princeza Magalona...*

A *Historia de João de Calais...*

O *Convidado de pedra...*

A *Confissão do marujo...*

E o *Manuel Mendes,* e a *Castanheira,* e o *Poeta*

hollandez pagando o mal que não fez, o *Peralta malcreado*, o *Doutor Sovina*...

Custavam trinta reis, um pataco, quatro vintens, essas obras, que foram a seducção litteraria da nossa infancia...

A pouco e pouco, já paravamos á porta dos livreiros, já perguntavamos o preço dos *Oculos da velha*, do *Homem dos tres calções*... Depois, quando compravamos um compendio, faziamos conversação com o caixeiro da loja, e não levavamos a *Moral em acção*, a *Chorographia portugueza*, ou o *Class-Book*, sem mugirmos essa compra ao ponto de ella nos render o lermos, alli mesmo na loja, algumas paginas do *Vizinho Raymundo*, do *Han d'Islandia*, ou dos *Mysterios da Inquisição*...

O livreiro Pereira, Antonio Maria Pereira, hoje estabelecido na rua Augusta, foi o meu primeiro conhecimento de livraria. Era caixeiro elle, n'esse tempo...

Filho de paes pobres, havendo tido apenas de instrucção litteraria a do *a b c* da escóla regia, professada por um lente conspicuo que escrevia a palavra inglez *emglez*, achou-se aos doze annos na loja de livreiro do célebre Antonio Marques da Silva, livreiro côxo, grande partidario das ideias liberaes, pelas quaes soffreu bastante no tempo de D. Miguel, mas sectario

ainda mais exaltado do systema purgativo de Le Roy, que elle applicava com a maior frequencia e liberalidade a si e a todos de casa, familia e empregados, á mais leve suspeita de incommodo de saude.

— Que é isso — dizia elle de uma occasião ao Pereira — que tem vossê nas mãos?

— Não sei, apparecem-me os dedos inchados...

— Os dedos inchados?!

— Ha occasiões em que me dóem; de outras sinto uma comichão inaturavel...

— Deixe cá vêr isso...

— Eil-os aqui!

— A outra mão?

— Aqui está ella...

— São frieiras!

— Ah!

— Frieiras, nada mais. E' necessario tratamento...

— Talvez isto passe.

— Não passa depressa. Logo ha-de tomar o xarope.

— O xarope Le Roy?!

— Está visto; não ha outra coisa.

E não havia resistir-lhe.

Em elle ordenando, era forçoso engulir o remedio.

— Venha cá; eu lhe preparo isso...

E preparava o remedio pela sua mão.

— Vossê anda doente; tome isto.

Tal era a formula singela com que elle exprimia a sua auctoridade medica.

Em 1847 estabeleceu-se Pereira como livreiro. Tinha então vinte e tres annos, muito animo, nenhum dinheiro. Seguindo á risca a doutrina mais consoladora, que é por certo a de não pensar no dia de ámanhã e deixar isso ao cuidado do nosso Pae celeste, como elle nos recommendou no sermão da Montanha, alugou uma loja grande de duas portas, na rua Augusta, sem ter dinheiro, nem fazenda, nem protecção.

Velou por elle o Pae celeste...

E arranjou-se tudo!

Carlos Augusto Pinto Ferreira, que n'esse tempo era carpinteiro, e que, pelo seu engenho e applicação, é hoje primeiro machinista do arsenal da marinha e auctor de algumas obras profissionaes bem conceituadas, encarregou-se do trabalho de carpinteria; João Christino, o mallogrado professor de pintura que o paiz perdeu ha pouco tempo, tomou a seu cargo pintar o balcão e a taboleta; e o proprio Antonio Maria Pereira, sob a direcção d'elle, pintava as prateleiras e desempenhava-se bisarramente de tudo que fosse trabalho de broxa.

Era uma risota!

Christino havia concluido com distincção o seu curso de pintura na Academia das bellas-artes, e aquelle foi o trabalho importante com que elle inaugurou a sua vida de artista.

— Diabo do balcão! — dizia Christino, tomando aquelle caso a peito — Ninguem calcula o que este taful custa a pintar! A taboleta vae feita com paixão: bons arabescos. Ninguem pensará nunca o que isto, assim mesmo, tem que pintar!

Depois da tarefa iam jantar juntos.

N'um bello dia, abriu a loja.

Abriu vazia, mas abriu.

Para vender havia só a *Revolução de Setembro,* que era o grande jornal, e o famoso *Rabecão,* que obrigou o Pereira a ir quarenta vezes á Boa Hora como testemunha de venda, por causa de egual numero de querellas que o redactor soffreu e pagou no Limoeiro.

Era o *Furibundo* d'aquella epocha, o *Rabecão!*

— Vossê merece ao menos uma coisa! — dizia-lhe o padre Carvalho, João Candido de Carvalho, famoso redactor d'essa folha.

— Qual é a coisa?

— Merece. Tem sido incommodado tantas vezes, coitado, tem passado tanto a miudo por essa sensaboria... Tem perdido tanto tempo por causa d'isso...

— Mas qual é a coisa?

— Merece uma collecção!

E deu-lhe uma collecção completa do *Rabecão*, que elle conserva ainda hoje, como lembrança da funesta gratidão d'aquelle redactor.

Desconsolavam-o, porém, as prateleiras vasias...

A loja parecia antes uma casa fallida, do que um estabelecimento nascente...

N'isto,

De novo lhe valeu o Pae celeste.

João Pedroso, o notavel gravador e pintor distincto, Christino, e Leonel, tinham nas suas casas grande quantidade de quadros, que consideravam sem valor, *croutes* de que não faziam caso; — mandaram-lh'os todos para a loja, para que encobrissem a nudez das prateleiras.

— E então os diabos dos quadros, postos aqui não parecem bem bonitos?! — exclamava o Pereira, n'um extasi de amor artistico.

Venderam-se effectivamente muitos d'elles com vantagem para os artistas e para a loja — por ser o primeiro negocio que lá se fez e em que se ganhou dinheiro.

Os socios eram tão ricos como elle; póde calcular-se que alegria teriam na hora do repartir, em se vendendo algum quadro.

— Devemos ter uma attenção com o benemerito comprador! — dizia um.

— E' de justiça. Beberemos á saude d'elle!

— Exactamente; com Madeira.

— Isso para mim é um caso de consciencia; hei-de beber Porto para saudar o homem, porque os vinhos brancos irritam-me, e seria um contrasenso que eu ficasse irritado por elle ter comprado o meu quadro!

— Alto! Esse homem, verdadeiramente não te fez um simples favor, a ti; esse homem honra a patria; protege as frescas artes, protege o commercio do seu paiz, que diabo não protege elle? protege tudo; beberemos Porto e Madeira, á saude d'elle!

— Não chega! — dizia o Pereira.

— Ah! Não chega?

— Com certeza não.

— É raro!

— Oxalá fosse impossivel!

O preço dos quadros era de quartinho a meia moeda. Unicamente uma Virgem, de Pedroso, quadro grande, de um metro de altura, se atreveu ás ambições de quatro mil e oitocentos.

XIII

De livraria não tinha a loja mais do que esta palavra na taboleta. Por dentro era um bazar, um museu, um *atelier* de pintura, tudo, menos uma loja de livros! Depois, a pouco e pouco, a fortuna, que chegára primeiro como que disfarçada ainda com esses artistas, corações de ouro, que se divertiam no bem e faziam o seu recreio de auxiliarem aquelle moço amigo, foi medrando. Começaram a apparecer os freguezes — ainda tem alguns d'esse tempo; — foram os quadros cedendo o logar aos livros; e a livraria sem livros, que Christino annunciára ao publico na taboleta, foi sendo uma livraria em realidade, até chegar a ser uma das primeiras do paiz.

O meu conhecimento com elle data d'esses tempos, e já vamos vêr como eu o aproveitei mais tarde, e porque fórma elle tinha de ser um dia editor do pequenote, que, ao passar pela sua loja quando ia apenas a sahir do ovo, lhe dizia muito alegrinho:

— Bom dia, senhor Pereira!

E elle:

— Adeus, menino.

— Quer comprar esta selecta, snr. Pereira?

Ou:

— Faz-lhe conta trocar este *Tito Livio*, este *Mauperrin*, este Virgilio, e mais este Horacio por um Atlas, snr. Pereira?

E, no fim do anno:

— Não lhe causará transtorno, snr. Pereira, trocar este Atlas por um volume do *Archivo theatral?*

Elle ria...

— E então que volume ha-de ser?

E examinava-se a fazenda, e discutia-se o contracto, e chegava-se a um accordo, e eu ia-me pela rua Augusta acima, livre e despachado do *Atlas*, todo ufano com uns folhetos que se chamavam o *Cabrito Montez*, o *Bergami*, o *Ramo de carvalho*, a *Freira sanguinaria*, as *Victimas da clausura*, os *Sete infantes de Lara*, o *Urso e o Pachá*...

Aos domingos encontrava-o ás vezes no theatro do Salitre, assistindo ás representações do *Rei e o Aventureiro,* da *Ciganinha, Gaspar, o pescador...*

Esse era então o theatro das grandes peças tétricas.

Quem ha em Lisboa, desconhecido ou illustre, que nunca em sua vida fosse a esse theatro?! O que alli se passou! O que alli se tem feito!

Já de si o bairro é optimo. A calçada, em lhe dando o sol, fica linda, a serpentear entre montes e valles: nas costas, em rapido declive, terras e terras, que ora baixam, ora sobem, até irem dar comsigo a S. Sebastião da Pedreira; havia um velho muro á direita figurando habilmente de ruinas pittorescas; viam-se rebentar e cahir as folhas, ouvia-se soprar o vento na rama das arvores, e avistavam-se de um lado e do outro campos de trigo e de cevada... Que coração de cidade!.. As edificações téem prejudicado tudo isso; mas o bairro é sempre bom. As travessas são primorosas, e téem nomes que exprimem superiormente o genio bucolico: — chamam-se *travessa das Vaccas, travessa da Horta da Cêra, travessa do Valle do Pereiro...* Seria injusto esquecer a do *Moreira,* não pelo nome, que não póde dizer-se que seja da mais levantada poesia, — e quem sabe se em tempos seria *amoreira,* e perderia o *a,* como se perdem as

coisas?! — mas pela feição que a distingue: serena e branda como um ninho; para alli costumam ir os namorados depois da missa, ou até durante a missa, aboborarem no silencio seus amores e projectos.

Os habitantes téem sido sempre dos melhores. Um povosinho delicioso! Laboriosos, prudentes, jucundos. A' hora da sahida das repartições, todos os empregados que moram ao Salitre fizeram conhecimento ao trepar da calçada, devagar, com paragens, tirando o chapéo, queixando-se fraternalmente da canceira quotidiana, e acabaram todos por ser amigos. Hoje é uma familia!

Tudo por alli se vê passar; o rei, o pastor, artistas, magnates, muitos inglezes, o homem do realejo, um general, o bando dos toiros, os gatos pingados, muitos noivos, e algum trapeiro que pareça uma gallinha preta a debicar na lama!

Em havendo cavallinhos espalha-se toda a companhia do circo pelas casas pequenas da rua. E' um recreio. Não se vêem senão amazonas pelas janellas, acrobatas, homens das forças, volteadores, elasticos, phenomenos! Pagam um tanto por mez, quantia modica — mediante a qual lhes dão de comer e lhes fazem a cama aos dois e aos tres no sotão: — industria que enriqueceria ainda mais o Salitre se as decimas não comessem e bebessem tudo!

O theatro, que é o monumento, o edificio illustre do sitio, tem estado ás vezes para alli, como que amuado, por muitos annos. De tempos a tempos boceja, e n'esse abrimento de bôca vae a inauguração e o encerramento de uma empreza. Sempre illustre e sempre popular, em a gente o julgando morto—já elle renasce de suas proprias cinzas como a phenix! Com elle se crearam nossos paes, a vêrem representar famosos dramas, entremeados de testamentos roubados, rasgados, queimados; certidões de baptismo perdidas, achadas outra vez; marchas, contramarchas, surprezas, traições, resurprezas, retraições, venenos, contravenenos, casos de fazerem a gente doida—sem darem tempo a que se voltasse a cara um instante a procurar o lenço na algibeira, a limpar os vidros do oculo, a olhar para um camarote: acontecimentos mais extraordinarios do que comporta a vida de um patriarcha antigo; nem explicações, nem phrases, nem dialogos; factos, factos, e mais factos; poetica ao sabor d'isto:

—Tu aqui! Porque prodigio! Não morreste tu ha dezoito mezes?

—Silencio! Quem te diz que estou vivo!?

E ia-se para diante sem hesitar. Hesitar? Nunca no Salitre se hesitou. O que dava forças áquellas peças era a seriedade, a convicção inabalavel d'ellas. Actores e

publico estavam persuadidos que tudo aquillo tinha acontecido. Foi o theatro do amor paternal, da constancia, dedicação, pontos de honra, e outros motivos nobres que determinam o proceder dos homens.

Sempre no Salitre se acatou em tanta maneira a virtude, que eram pateadas as peças em que triumphasse o crime! Para não as levar a bréca era necessario emendal-as em o traidor vencendo.

—Como ha-de ser isto!?—exclamava o famoso Emilio Doux, ao vêr periclitante a virtude no final de um drama—A peça é boa, mas o tyranno mata a ingenua—adeus peça!

—Se a ingenua matasse o tyranno?—lembrava um.

—Está preza. Está atada de pés e mãos!

—N'esse caso—acudia outro—só vejo possibilidade de bom exito em apparecer um ancião!

—Um ancião!

—Um ancião venerando, que, no momento em que o traidor se arregace para chacinar a victima, salte das profundas de um alçapão—para ter mão n'elle e lhe suspender o ferro.

—E' bonito! E' scena tão arrepiativa para a pelle como o intervir do anjo no sacrificio de Abraham. Vá feito!

Fazia-se; e cahia tudo com palmas em apparecendo

o ancião a salvar a ingenua, sem o publico querer ser abelhudo no tocante aos segredos d'elle, apesar de o vêr apparecer a talhe de fouce, sem se saber d'onde vinha, rebentando no palco como um cogumello com o feitio da Providencia! E ia continuando a peça; apenas ao chegar do desenlace, estando o publico todo pelo beiço, anhelante de curiosidade, com os olhos cravados no velho, lhe perguntava algum dos personagens da peça, singelamente:

—Porém, quem és tu, ancião?

E o ancião levantava um dedo para o ar, e respondia:

— E' um segredo que me ha-de acompanhar á campa!

Ahi é que eram palmas! — «Que mysterio! Que mysterio!» — diziam todos — e havia gente que voltava lá todas as noites, esperançada sempre de que elle alguma vez dissesse quem era. E nada de novo! Ia levando todas as noites o segredo para a campa, sem que se podésse nunca saber quem fosse aquelle velho.

Esses dramas sahiam do mundo dos despauterios e assustavam pelos seus ares carrancudos e sombrios; voltadas ao facèto e á chalaça, são hoje as actuaes composições dos Offenbach e dos Lecoq! E' isto. Tudo vae do modo de dizer as coisas. Havia um mordomo de

casa grande, que costumava acompanhar a fidalga, senhora idosa, nas suas devoções; gostava muito d'isso a fidalga, mas o mordomo ás vezes enfadava-se, e, para se vêr livre da tarefa, da primeira occasião que se offereceu de lêr uma meditação, pegou do livro, metteu-lhe entre duas folhas uma meditação composta por elle a respeito da vassoira, e pôz o livro no logar em que costumava estar...

Na sessão immediata, quando a fidalga quiz mais leitura, abriu elle o livro no sitio em que mettêra o papel, e leu com o maior sangue-frio: — *Meditação ácerca de uma vassoira.*

A fidalga pasmou do titulo.

Mas, ponderou logo que os maiores talentos são os que sabem tirar um partido util das coisas apparentemente mais triviaes:

— Oiçamos! — disse.

Principiou o outro a lêr no mesmo tom em que lia sempre as differentes meditações; e a fidalga, sem desconfiar do caso, fallou d'isso a toda a gente.

— O snr. mordomo tem andado agora a lêr-me uma meditação! Que joia!

— Uma meditação?

— Uma meditação, sim. Que belleza!

— Qual é?

— A da vassoira.

— A quê?

— A da vassoira. Excellente meditação!

Uma das pessoas presentes custou-lhe a suster o riso, e, abrindo o livro, achou com effeito a meditação, mas escripta pela lettra do outro...

Foi uma risota magnifica, e a propria fidalga dizia:

— Que maganão!

Todas as coisas téem direito e avêsso; quem poderá gabar-se de fazer obra que necessariamente haja de ser tomada ao sério, e não possa nunca fazer rir?

Só as peças de Ferrea Aragão tinham, no seu modo de julgar, esse privilegio; quando esse auctor do velho Salitre fez representar alli o seu drama: *Affonso e Virginia, ou as duas infelizes victimas da mais negra das traições,* dizia aos actores:

— Não vos digo (tinha por costume tratar toda a gente na segunda pessoa do plural; muitas vezes, quando abriu o theatro de D. Fernando, o ouvi fallar a Ernesto Biester nos seguintes termos: Como estaes, joven? Tendes algum novo parto litterario?) que a minha recente producção seja algo; só vos affirmo uma coisa — é que eu deva conhecer a peça, por isso que a produzi; devo, ou não devo?

— Deve.

— Bem. Pois hontem, quando a reli da primeira á derradeira falla, derramei copioso pranto!

Com essas peças modernas, que não são outra coisa senão parodias dos dramas antigos, carregando-os bem de barbas postiças, de sobrancelhas a carvão, e de gritos ferozes, tambem se faria chorar cada vez e hora que se quizesse.

Por que todas as qualidades naturaes pareçam sérias, o segredo no theatro é que tudo chegue a parecer natural; este é o *quid*. Nos dramalhões havia preceitos impreteriveis para a declamação: ferir as syllabas com voz profunda, ir dando força e pressa, empurrar as palavras, amontoal-as, fazer com que as vogaes gemessem e as consoantes assobiassem: nas peças gaiatas da escóla alegre de hoje, a *Grã-Duqueza, et cætera,* ha tambem isso, se observarmos bem; mas é a *troça* d'isso. O juizo dizem que é uma prenda; mas um enredo rasoavel e typos de gente de juizo, ainda hoje não produzem mais effeito do que no tempo das peças assopradas do Salitre, porque o juizo tem isso contra si, é original, mas... pouco interessante!

Foi n'esse theatro, e por esse tempo, que Isidoro, o comico Isidoro, appareceu no tablado.

Estreou-se em novembro de 1849, n'uma farcita intitulada *Uma fraqueza,* e recitou uma poesia, *A baixa*

do soldado, de um poeta que tinha a facilidade funesta de encarreirar vinte versos por minuto. Não queria ainda n'esse tempo fazer rir o publico. Dava-se ao desempenho de papeis dramaticos, e posso mesmo dizer que nunca perdeu completamente essa mania; ainda muitos annos depois, n'esse mesmo theatro, representou o *Kean,* de Alexandre Dumas; Kean, o ideal do galã!

Quando o theatro estava fechado, ia o Kean representar para a Ericeira. O theatro da Ericeira n'esse tempo era n'um celleiro!

Não admirará tanto isto, se nos lembrarmos que o *Fr. Luiz de Sousa*... nunca agradou tanto a uma plateia como de uma occasião, na provincia, em que foi representado em cima de um balcão!

N'essa Ericeira os interesses eram tão bons como o theatro, e a companhia tinha de partir ás vezes de repente para Torres Vedras, onde representava grandes tragedias, *O amor maternal,* e *O preto vingativo,* melodrama com carapinha, como a cabeça do protogonista; repartiu-se de uma vez ás primeiras partes, depois de quatro dias em que não houvera espectaculos, a 70 reis por cabeça!

Ser *preto vingativo* para ganhar setenta reis, vexava-o. Contava elle que fôra esse facto principalmente

que começára a affastal-o da tragedia. Fugiu de lá, horrorisado: foi parar á Alhandra, sem dinheiro para o vapor. Parou na ponte, a scismar. — «Os doentes costumam ir de graça! disse entre si. Será bom gemer.» Gemeu. Passava um e outro: ninguem fazia caso. — «Ah! a tragedia! resmungava elle. E' um genero morto. Villões!» Engenhoso heroe d'occasião, não teve remedio senão desmaiar, para vêr se assim excitava alguem a soccorrel-o e a atiral-o *de graça* para o vapor, que já vinha tocando o caes.

Como os animos não estivessem propensos á caridade, encheu-se de razão, levantou-se de um salto e embarcou. Qual foi, porém, a sua perturbação, quando viu o homem do barco, com a caixa de folha na mão, a vender os bilhetes, vir direito a elle severamente.

Teve a ideia de se deitar ao mar, mas não foi a mais fresca que lhe occorreu; porque, a este tempo, lobrigou o despenseiro no seu beliche a mecher em dinheiro, e correu para elle em todo o fogacho da inspiração:

— Olá, homem! Olá, homem! — gritou-lhe o dos bilhetes.

— Que quer vossê? — redarguiu o viajante.

— E' escusado pedir á despensa, cá tenho trôco!

— Tem, o quê?

— Trôco!

Esta advertencia despertou-lhe a ideia de pedir oito vintens emprestados ao despenseiro, sobre o seu chapéo de chuva.

— Agora — disse-lhe o actor, abraçando-o — vossemecê proteja as artes! Para um «despenseiro» já não será «despensar» pouco, se me dispensar o chapéo de chuva!

O outro, rindo, não quiz o penhor.

Dizia o Izidoro que conhecêra n'esse dia que tinha graça, e que d'ahi proviera a sua determinação de ser actor comico, em vez de actor sério.

Em todo o caso, e por boa cautela, logo jurou aos deuses, tão depressa arribou á ponte do Terreiro do Paço, não sahir mais de Lisboa sem maquia certa ou banqueiro de credito na villa a que se dirigisse! Em toda a sua longa carreira, em se tractando de escriptura para fóra da capital, dizia elle sempre aos emprezarios:

— Homem, eu sou aquelle da Alhandra... O meu amigo não sabe esta historia; deitemos um véo sobre ella, e venha um adiantamento para cima do véo!

Conhecemo-nos muito, e desde os primeiros passos da carreira de ambos. Em 1849, tinha eu quatorze annos, escrevi para o Salitre uma pecita, *As calças de*

listra; Izidoro estreava-se oito dias antes, na farça *Uma fraqueza,* como lhes disse. Dez annos depois, esse mesmo theatro teve por empreza uma companhia de accionistas. Eram directores Henrique Mouchett, Freire Cardoso, Joaquim Maria Rodrigues; da meza da assembléa geral era presidente o conde de Farrobo, vice-presidente D. José de Almada e Lencastre; eu fui vice-secretario, e tão *vice* que nunca lá appareci; o theatro abriu com a *Loteria do Diabo,* magica immortal; Izidoro era o pagem. No melhor das representações da *Loteria,* appareceu-me elle em casa, a pedir-me que escrevesse uma peça, nas condições que elle me indicasse; estava descontente com os papeis que tinha, e vivia no desejo de representar um papel sério.

Assegurou-me que era esse um grande empenho para a popularidade do seu nome, por ter a consciencia de que não se perderia a si, nem ao papel, nem á peça, por mais dramatica que a peça fosse.

Durante os dias que se seguiram, insistiu tenazmente para que eu principiasse a trabalhar, e um mez depois tinhamos obra.

A peça chamou-se *O tio Paulo.*

Tinha tres actos.

Entrou logo em ensaios, os jornaes do tempo an-

nunciaram-a bem, e, ao chegar a primeira representação, a casa encheu-se.

Antes do levantar do panno, fui vêl-o ao camarim.

O homem estava caracterisado de velho respeitavel, conforme o papel pedia.

Puz-me a olhar para elle, a vêr se me fazia rir.

Não me ri.

Durante o decurso da representação houve-se com extrema habilidade, e na scena final do drama teve um momento em que as lagrimas lhe saltaram espontaneas, vehementes.

Izidoro a chorar!

Izidoro a fazer chorar!..

O publico não cabia em si de admiração...

— E' elle, é o Izidoro, é elle mesmo... Como nos tem enganado! Fazer-nos chorar!..

A peça foi representada muitas vezes; mas era preciso voltar ás magicas, tanto mais que eram as magicas que davam dinheiro, e que devia ser por ellas que elle o ganhasse.

As magicas por um lado, e por outro lado o publico especial que ellas attrahiam, o famoso e permanente publico do Salitre, deviam ser o bastante para tornar farçolla o actor mais delicado. Foi o que aconteceu. Izidoro estudou a maneira de representar aquelles

papeis, para armar á galhofa o mais que podésse, e tornou-se o melhor actor de magicas que tem havido no Salitre, que tem sempre sido o reino d'ellas.

Como aquelle nariz inchava de pilheria! Como elle abria a bôca fulminantemente! Que caretas homericas! Que fungar sobre-humano, mais que sobre-humano, sobre-Izidoro!

Havia o que quer que fosse fatal no destino d'esse alegre artista. Quando, em 1859, escrevi a biographia d'elle para uma collecção de biographias de artistas, emprehendida por Aristides Abranches, encontrei que as datas que marcavam os acontecimentos mais importantes da sua vida sempre davam o numero treze, ou uma sexta-feira, á excepção do seu nascimento, que esse... foi em dia de finados de 1828!

Elle proprio, para se entreter, desencantou curiosidades n'esse genero, que téem todo o ar de um capitulo de romance phantastico...

Fôra baptisado em 2 de janeiro de 1829 — era uma sexta-feira.

Em janeiro de 1842 foi aprender o officio de tecelão, na fabrica de Xabregas, e foi tres annos numero *treze!*

Trabalhou dois annos no tear numero *treze.*

Depois de official foi obrigado a dar seis mezes de

aprendiz, em castigo de uma falta que commetteu em sexta-feira de Passos de 1845, e ficou tendo o numero vinte e seis...

Mas, vinte e seis... é *duas vezes treze!*

Em 1846 assentou praça no segundo batalhão movel, e durante oito annos foi numero *treze.*

A primeira vez que representou em theatro particular, foi a treze de junho de 1846...

Em theatro publico n'uma *sexta-feira,* 30 de novembro de 1849.

Escripturado para o Porto, embarcou para lá no dia *treze* de maio de 1851.

De uma occasião, rindo muito, disse-me:

— Lembrou-me ainda outra curiosidade.

— Qual é?

Elle ria, ria...

— Casei em dia de S. Bartholomeu!

Assim como Hermann achava tudo em qualquer coisa, assim elle encontrava horrores cabalisticos até no seu proprio nome:

Izidoro Sabino, *treze lettras.*

O actor Izidoro Sabino Ferreira, *treze syllabas.*

Actor Izidoro Sabino Ferreira, *treze vogaes.*

Actor Izidoro Sabino Ferreira, *treze consoantes...*

Do mesmo modo que os marinheiros, os artistas são

quasi sempre supersticiosos. Comquanto o modo de vida d'elles, as suas occupações, o meio em que se acham, sejam tão differentes, que seria pueril procurar assimilações, entretanto, em tudo que diz respeito a crenças e a superstições, ha entre elles notavel conformidade.

Não só os seduz por egual o lado pittoresco, ingenuo e sensivel, da lenda catholica, mas ficam sempre sendo, por mais que cresçam, um pouco creanças; e os sustos vagos, os receios sem fundamento, uma oppressão que de subito se apodéra d'elles, fazem com que, em scenas tão diversas, uma terrifica pelo seu infinito, a outra ridicula por sua pequenez, principalmente se as compararmos, sejam do mesmo modo supersticiosos, comicos e marinheiros, talvez por terem de luctar tanto uns como os outros contra o acaso.

Os homens do mar, em havendo temporal, fazem promessas a Nossa Senhora; muitos actores, os principaes talvez, porque, quanto mais talento tem um homem, mais duvída de si, em vesperas de alguma batalha theatral accendem o oratorio, se o houver em casa d'elles, e encommendam-se a todos os santos...

Izidoro, já nos ultimos tempos da sua vida, de uma occasião que o encontrei no largo do Carmo, cançadissimo de haver subido a calçada do Sacramento para

ir ao ensaio da Trindade, contou-me, emquanto descançava, encostado a uma parede, respirando com difficuldade, que quando era rapaz, audacioso, folião, dado a theatrinhos particulares, e ainda tecelão na fabrica de Xabregas, vira muitas vezes Epifaneo, o famoso Epifaneo, primeiro actor do seu tempo, e que os actores portuguezes téem considerado como o mestre da arte de representar em Portugal, ir á Madre de Deus, nos decantados domingos, rezar na capella, sempre que estava em vesperas de peça nova.

— Homem! — acrescentou elle — Quanto mais uma pessoa tem o sentimento da sua fraqueza, mais precisa recorrer áquelle que é verdadeiramente forte, e eu agora por meu gosto ia já áquella egrejinha — uma egrejita pequena, que ha no Carmo — rezar um bocado... Mas é a hora do ensaio, não ha remedio, cá vou para o theatro, adeus!

E lá subiu, derreado, tossindo, a pequenina ladeira que conduz ao theatro da Trindade, onde elle fizera o *Bobeche* do *Barba-Azul*, com a alegria pantagruelica que nenhum actor teve nunca como elle, a grossa e ruidosa alegria que não suscita o rizo contido e mitigado:

— *U... u...*

Que se applique á alta comedia n'um salão...

Nem mesmo o

— Ah! ah!

Que possa traduzir-se por:

— E' galante! Tem pilheria!

Mas o rizo formidavel, quasi brutesco:

— Oh! oh! oh! oh!

Que significa:

— Ai que morro! ai que arrebento! ai que já não posso! Deixem-me torcer e rebolar, que eu estalo com rizo! Oh! que diabo este!..

Passados dias, sem ter batalha nem peça nova, como elles, mas simplesmente por distrahir-me, lembrou-me o que Izidoro me contára do Epifaneo e da sua devoção com a capella da Madre de Deus, e propuz-me a ir até lá de passeio, para vêr essa fallada romaria, meia christã, meia pantheista, que vae não só adorar a Senhora na sua capellinha, mas tambem o rio, o ceo, as arvores, tudo que vive e vegeta...

O dia estava bonito; todo o caminho era apinhado de gente: homens, creanças, mulheres velhas, mulheres moças, exactamente o preceito do rifão antigo, que ás romarias e ás bodas vão as loiças todas...

Conversava-se, ria-se, contavam-se casos, como na Romagem de Gil Vicente:

— Ora este caminho é comprido,
Contae uma historia, marido!
— Bofé, que me praz, mulher!

Propriamente uma festa popular; não o amor da patuscada, mas o sentimento da poesia no folgar do povo.

— D'antes é que era isto bonito! — dizia uma velha — Havia sermão! Agora até a egreja está fechada já! — Não tem duvida, mãe, porque a Senhora lá se vê ainda: está agora na capellinha da casa do marquez de Niza; vamos rezar-lhe alli. A Senhora é a mesma, o caminho é o mesmo, o rio é bonito como d'antes, e o sol, coitado, que ainda se conserva esperto e alegre, doura a estrada e as hortas como as dourava ha cincoenta annos!

Ha paixões hereditarias: gostar de comer bem e de beber melhor, ser dado ao jogo, ás brigas, ao assassinato, ás bellas; naturalissimo: é sabida a analogia que ha entre a loucura e a paixão; se uma é hereditaria, porque não havia a outra de o ser? Mas o melhor do caso é que tambem ha gostos e sensações innocentes, que se transmittem de paes para filhos: o não gostar de peixe, de queijo, de certas fructas; n'uma ordem mais elevada, gostar do mar. Assim tambem, o ir passear á Madre de Deus — paixão hereditaria!

Antigamente, que não havia americanos, nem musica no passeio, era um verdadeiro phrenesi, em chegando os famosos domingos, abalar para lá. Em casa de certa familia havia uma sogra, que estava com geitos de querer despedir-se do que por cá vae; perguntava o genro ao medico:

— Em que altura vão as cousas?

— Mal figuradas. Desconfio que ámanhã... Resignem-se.

E o genro:

— Ámanhã é domingo. Se o snr. doutor a podésse entreter até segunda-feira! Eu estava com vontade de ir ámanhã á Madre de Deus...

Pelo caminho fóra tudo eram bolacheiras com os seus taboleirinhos, vendendo a famosa limonada de cavallinho, a fava torrada, os tremoços, as marquinhas...

Havia sempre musica na estrada; um realejo, ou dois, um flautista com a sua cantora, o cego improvisando, e um rebequista que era certo n'aquellas paragens: via-o a gente passar, de rebequinha debaixo do braço, taque, taque, em passinho de pulga, com um casacão muito comprido a bater-lhe nas pernas, um chapelicoque na cabeça, um pouco esburacado, para arejar umas farripitas de cabello que parecia que se punham de janella, olhos ora melancolicos, ora tragi-

cos, parando de repente quando lhe parecia que era occasião propria, afinando a rebeca, e zás, uma muzica magnifica, escancarando a bôca até ás orelhas com um sorriso que lhe illuminava o semblante, ao tempo a que os pés lhe dançavam a polka nos sapatos e as abas do casacão dançavam tambem alegremente. Ria de gosto toda a gente, por mais que o arco chorasse nas cordas da rebeca; tanto prazer dava vêr o musico a pular; e, á ultima arcada, sempre um ou outro lhe dava dez réis.

O povo n'essa tarde, conversando alegremente:

— Ora coitado do homem! — disse um, cortando essa alegria — estou com pena d'elle... Tinha muita graça aquelle *reinadio!*

— Deixe lá isso. Então que se lhe ha-de fazer. E' a sorte que havemos de ter nós todos.

E já outro atalhava essas melancolias:

— O' compadre?

— Diga.

— Ia eu a dizer aqui ao Manoel Estriga que me repare bem n'este caminho. D'aqui para diante, é uma joia.

— Pois não é! E recreia-se um homem de o andar com a companheira. A companheira é indispensavel n'estas festas!

— Está bem fallado. Que o sujeito vá ao seu emprego e não leve a mulher para a repartição, está bom; que vá uma vez por semana á loja maçonica e não a faça passar a noite a ouvir toques de malhete e a vêr individuos de avental, vae direito; mas que nunca saiha com ella, e, em se tractando de divertimento, vá sempre sósinho, tem perigos, compadre!

A vanguarda honesta e moderada vae de manhã. Faz a sua prece na capella como que preparando-se para o dia, nos campos, contente de sentir em si uma vitalidade real, que o frio aguça e o céo faz alegre.

Os grandes ferventes vão ás tres horas, já jantados, e são festejados na sua passagem pelas tascas com um acolhimento maternal.

O preceito de Platão, de que a inacção é o peor dos males para o corpo, parece ser-lhes querido; giram, pulam, correm, e de repente ponderam, pondo-se sérios:

— Não ha nada melhor para a saude do que é trabalhar; para a saude, para a moral, e para o progresso; comtanto, já se deixa vêr, que o alimento, a *paparoca*, amigos, forneça a reparação devida ás forças que se gastarem... Olá! Salta peixe-espada, bife e sallada!..

A' volta, fumando o seu cigarro, o seu charuto, dei-

tam um olhar de saudade para a casa das Varandas, para a do Bateira, para a das Cannas...

Depois os ranchos deliberam, continuando conversações encetadas...

Ajustam funcções futuras, despedem-se tres vezes sem se separarem nunca, e assim passa o tempo de aperto de mão em aperto de mão, como que a esquivarem-se á ideia de irem para casa...

Mas a casa está vasia e fechada: não ficaram lá a mulher e os filhos esperando: os filhos e a mulher vão alli tambem.

— Não ha-de ser por causa d'estas — diz um, olhando para as companheiras — que alguma vez appareça nos jornaes: — «Lá houve mais um alcance...» Coitadas, contentam-se com pouco. Toma lá mais uma fava torrada, mulher!

E riem.

Dá o caso, quasi sempre, em se acompanharem uns aos outros: o rancho da Pampulha acompanha o dos Cardaes de Jesus; depois este entende que a cortezia o obriga a acompanhar aquelle, e, se algum botequim tiver a imprudencia de se deixar vêr, podem contar que não ha-de passar alli debalde a preza que a fortuna lhe envia!..

A essa hora, estão ainda outros, que ficaram mais

atraz, esmaltando o caminho com ditos engraçados, qui-pro-quos galantes: vem, por exemplo, a companheira arregaçando o vestido; e o marido, ao chegarem ás portas, diz-lhe em tom de segredo, mas de modo que se ouça:

— Esconde os presuntos!

Os guardas-barreiras, ouvindo isto, redobram de vigilancia... A mulher perde-se de riso. O marido, passadas as perguntas do exame, diz com jovialidade:

— Fallava dos pés d'ella. Ia a arregaçar-se muito!

E ainda o tascante se está a despedir de alguns, que se demoraram mais, sahindo da horta como quem diz adeus ao paraizo, e parecendo-lhes vêr n'elle um novo archanjo a agitar um guardanapo em ar de espada...

N'esse domingo, contentissimos todos, aos abraços uns aos outros, e por entre a berraria jubilosa dos Estrigas e dos seus compadres, havia, de vez em quando, um ou outro que cortava o hymno por uma nota triste:

— Ora o diacho do homem! Não se me pode tirar da ideia!

— Ainda aquelle vae a pensar no outro! Vossê a modo que está com suas ganas de lhe ir fazer companhia!

— Não está mais na minha mão; faz-me assim saudade aquelle *reinadio*...

— Tambem a nós. Olhe, só eu á minha parte fartei-me de rir uma vez, que até quebrei a cabeça, de um carolo que dei a bater com ella na esquina das varandas, lá na Trindade. Lembras-te, ó Maria?

— Foi no Barba-Azul, n'uma noite de Santo Antonio!

— Ai o que aquelle demonio me fez rir!

— Coitado!

— Elle dizem que andava doente...

— Com o Izidoro já a gente não torna a rir!

Izidoro havia morrido, o pobre Izidoro que da ultima vez que nos encontrámos me fallára dos domingos da Madre de Deus!

Ao chegar á noite a Lisboa, já toda a gente me fallava n'isso. Elle era extremamente popular; basta dizer-se que era o actor das magicas, para que se avalie bem o quanto o povo folgaria com elle. Foi o mestre por excellencia n'esses typos. A morte d'elle surprehendeu toda a gente; estava-se costumado a consideral-o tão engraçado e tão alegre, que a morte parecia ser coisa séria de mais para elle.

— Adeus, magicas! — disse o povo — Adeus, alegres noites de risota; adeus, unicas peças portuguezas que se parecem com o viver de cá!

E disse bem.

Porque, emfim, a magica é o genero mais verdadeiro e o que de todo o feitio quadra mais a primor ao nosso viver nacional.

Essas peças do Dumas, filho, por mais que façam e por mais que agradem por esse mundo todo, comnosco não fazem jornada; não temos nada que vêr com as *Esphynges* e as *Princezas Georges;* ao passo que uma magicasita serve-nos como uma carapuça!

Tudo em Portugal é magica.

Anda o imprevisto em constante brincadeira.

E' o acaso quem superintende nos negocios publicos.

Lembremo-nos, por exemplo, de quando — não ha muito tempo — andava a população inteira de lingua de fóra a queixar-se de não ter agua...

Que era uma calamidade...

Que era um horror...

O cumulo da catastrophe!

Que convinha gritar contra a Companhia das Aguas, porque a companhia fazia *assim*, e porque a companhia fazia *assado*...

Principalmente *assado!*

Mas não á portugueza; assado á portugueza é com agua; *carne assada n'agua*, se lhe chama; e a com-

panhia queria-nos a carne assada... sem agua!.. Chegou a recear-se que a exaltação dos animos levasse os cidadãos a algum excesso...

N'isto, annunciou-se um *meeting*.

Um *meeting* no Casino.

Parecia dever ser para tractar d'isso...

Já se figurava, naturalmente, á gente sensata, que ia levantar-se o povo.

E vae d'ahi?

E vae d'ahi, era para tractar do *frontão*.

Qual frontão?

Um frontão; aquelle frontão da camara municipal, que tanto nos inquietou!

Magica!..

Queixava-se o Hamlet da balburdia do mundo; se elle cá se visse!

Quando as coisas vão bem, não se fia n'ellas a gente portugueza.

Quando vão mal, não ha pôl-as a direito.

Por mais activo que um homem seja, não será por isso que vá mais depressa.

Ha paragens inevitaveis, que succedem por artes de breliques, e só se suspendem por artes de breloques!

Ninguem tem por cá opinião sua.

Pede aos outros que lh'a façam.

Poderia dizer-se talvez que é um paiz de doidos.

Mas, não; é talvez só a ratice, a celebreira...

E não havia o povo de adorar o unico actor que correspondia á vida que vae levando...

A magica!..

Era um bom homem, o Izidoro: homem de principios austeros em tudo que dissesse respeito ao dever, aos preceitos da honra. Foi sempre bom chefe de familia, tendo o amor dos seus, e o empenho constante de adquirir para os deixar amparados, na hora em que a morte, surprehendendo-o, se é que, para o estado em que elle se sentia, era surpreza que ella chegasse antes da velhice, não ficasse pobre e de todo infeliz a que fôra companheira dos annos, ora difficeis, ora alegres, da sua vida.

A grandeza, o fausto, a gloria, deu por vezes ao seu espirito a ebriedade que os grandes banquetes dão a quem chega de viagem, cançado, mal dormido, e com o estomago fraco. Tomou em conta superior á significação que isso tinha, a sympathia com que o tractou o conde de Farrobo; pelo facto de não encontrar outros artistas de theatro á meza e nos salões do fidalgo, julgou que a sua presença alli era a revelação definitiva da excepção que formavam na sociedade e na arte o seu talento e as suas aptidões.

O conde de Farrobo tinha o amor do theatro e dos artistas, e se a sua casa não iam todos, os principaes, é claro, os que realmente merecessem o nome e a consideração de artistas, era isso resultado apenas de que os actores, por ordinario, não são propensos a frequentarem as grandes casas, e comprazem-se antes em conviverem com os seus pares, ou, quando muito, na boa burguezia sincera, desenfeitada de etiquetas e de ceremoniaes.

Izidoro era-lhe querido, e isso comprehende-se: activo, folgasão, bom companheiro, e bom conviva, juntava a tudo isso a prenda de ser um actor comico chistoso, e ensaiar as peças do theatro de Farrobo, tomando ás vezes parte no desempenho d'ellas com a melhor vontade e o melhor prestimo.

Tinha o conde a mania de traduzir comedias; teve-a sempre, e o Gymnasio antigo, o Gymnasio do tempo em que eu fui traductor, representou uma alluvião de *vaudevilles*, com que elle fazia, de graça, funesta concorrencia ao meu pequeno ordenado. Eram, por signal, traducções de surpreza, como as caixinhas da loja do Seixas, das quaes saltam coisas que ninguem espera; *mes lunettes*, por exemplo, traduzia o conde *as minhas lunetas*...

—Onde poria eu as minhas lunetas?—pergun-

tava o Pereira á Emilia Candida, na comedia — Viste-as?

E a Emilia Candida, muito serena, ia buscar os oculos e dava-lh'os:

— Estão aqui, senhor!

Essa nem sempre acertada tendencia para as lettras, influiu talvez em Izidoro; quiz tambem brilhar por ellas. Entendeu que devia ter por força disposições para isso, e que, se as cultivasse, como tantos outros, chegaria como elles a fazer admiração aos seus contemporaneos, pela habilidade com que manejasse a penna.

Dito e feito.

Escreveu primeiro uma revista do anno.

Esperava-se d'ella este mundo e o outro...

— Isso é que vae ser graça!

Ninguem se riu, por não haver de quê.

Uma sensaboria lugubre; sem chistes, sem talento de escripta, sem se salvar ao menos pelos segredos, pelos *trucs* de theatro, em que a sua experiencia o poderia haver encaminhado.

Foi viajar, e tomou os seus apontamentos.

— O proverbio affirma que cada qual tem a sua maneira de matar pulgas; para matar o tempo é que não póde haver outra que mais valha, que a de tomar nota

de tudo que se faz e se diz. A arte bella, que prima em dizer em fórma seductora coisas que não querem dizer nada, e a que se chama poesia, tambem não deixa de me captivar. Hei-de fazer memorias, e versos. O segredo d'essa prenda já está divulgado; é conhecida a anatomia do verso: não deve ser difficil imitar-lhe o mechanismo e a toada. Acresce a circumstancia de ser uma fórma tão agradavel, que até os erros grammaticaes passam por ousadias, quando não passarem por bellezas, e impõe aos que não sabem da léria, a ponto de fazer admiração a toda a gente em as rimas tinindo umas nas outras, como as esporas na dança da *cracovianna!*

E fez versos, e fez memorias!

Os versos appareceram publicados em jornaes e almanaks.

As *Memorias* sahiram em volume.

O conde de Farrobo foi a unica pessoa a quem elle deu a conhecer as primeiras paginas d'essa obra, que podia haver sido verdadeiramente interessante, se elle não se tivesse occupado de si mesmo exclusivamente; o proprio conde haveria podido fornecer-lhe apontamentos curiosissimos, que nunca deu a outro, que lhe offereceu a elle, e que teriam dado ao livro o attractivo de descrever a historia das Laranjeiras, a do

Farrobo, a da antiga empreza do conde em S. Carlos, a do Conservatorio, e em grande parte a dos theatros portuguezes no nosso tempo. O conde de Farrobo tinha de tudo isso mil casos interessantes para contar; fidalgo bizarro e elegante, vivêra caprichosamente, e tinha anedoctas historicas para um volume. A ultima fôra a de Vivier, o célebre trompa de Pariz, que appareceu em Lisboa em 1854 ou 1855, e o conde contava-a com graça, pelo tom de pasmo em que descrevia o prologo de disparates com que o celebrado artista precedêra o conceito que o proprio conde se viu obrigado a formar de sua excentricidade.

Vivier, que veio a Lisboa, foi convidado a tomar parte n'uma recita do theatro das Laranjeiras; e, no dia immediato ao do espectaculo, achando-se no quarto da hospedaria em que residia, a sós com uma caixinha que lhe déra o conde, caixinha que tinha dentro tres bonitos botõesinhos de camisa, e considerando-os, ou antes desconsiderando-os por algum tempo, escreveu ao conde, pouco mais ou menos, isto: «Snr. conde.—O artista Vivier toca de graça para os seus amigos, mas, em não sendo para os seus amigos, o preço por que toca é quarenta libras...» E enviou-lhe os botõesinhos, que dizem que eram bonitos, mas que, na opinião d'elle, seguiam demasiadamente á risca o pre-

ceito delicado de que não seja o valor das coisas que lhes dê o merecimento.

O conde de Farrobo mandou pagar immediatamente, e, tão habituado como devia estar ás irregularidades e caprichos nem sempre discretos dos artistas, por haver sempre vivido com essa gente, não pôde deixar, apesar d'isso, de conservar do trompa grande resentimento.

Izidoro, que sabia isso, dizia-lhe ás vezes, para o fazer rir:

— Mas, ó senhor conde, amigos, amigos, trompas á parte; os botõesinhos valeriam doze mil réis?

O conde, sempre generoso e cavalheiro, redarguia logo, enfurecido:

— Eram pequeninos brilhantes...

Depois, percebendo que o actor gracejava:

— Valiam doze vezes mais do que elle, isso sim!

Quando Izidoro passou do Salitre, *sua patria,* para o Gymnasio, o Gymnasio já não tinha bem a inimitavel alegria antiga; fizera-se o theatro novo, elegante, vistoso, mas desapparecêra com o antigo theatro-barracão a folia tradicional das comedias do Gymnasio. O repertorio que vinha de França era já mais fraco, e a companhia d'este theatro perdeu em pouco tempo tres dos seus primeiros artistas: Vasco, Moniz e Pereira.

Restava Taborda, que ia no despontar da gloria.

Taborda não podia ser o theatro *per si só,* como no dizer de Duarte Nunes de Leão é *un reyno per si sóo Lisboa;* e o Gymnasio espalhou as suas vistas para um e para o outro lado, na intenção de convidar actores *ao seu seio,* como se dizia então para qualquer coisa, em prosa e em verso: *no meu seio, no teu seio, no nosso seio...*

Chegou a vir um do *seio* do Brazil.

Chamava-se Areias.

Antonio José Areias, celebridade do Rio de Janeiro, homem engraçadissimo, original, quasi original de mais, porque a extrema originalidade no theatro não convém muito: dá em resultado que por entre a sinceridade dos papeis, o actor, por maior que seja o seu talento, fique sempre o mesmo homem. Areias era inimitavel no *Doutor Grama,* que eu traduzira de uma comedia de Varin.

Areias agradou em Lisboa. Dos tres actores brazileiros que nos visitaram, foi elle o que por mais tempo se demorou entre nós. Era talvez dos tres o que valesse menos, e, em todo o caso, se não era inferior a Joaquim Augusto, attenta a diversidade de genero em que trabalhava cada um d'elles, seguramente o era de João Caetano, sol brilhante e vivido, primeiro actor

brazileiro, verdadeiro artista, verdadeiro homem de talento, que não se mostrou isempto de incorrecções e de defeitos, mas perfeitamente desculpaveis n'um artista que só podéra aprender comsigo, inspirando-se pela explendida magestade da sua America.

Quando elle veio a Lisboa, como que confirmar a sua reputação pelo applauso dos portuguezes (e é para notar que foi elle o primeiro a emprehender estas visitas, que os nossos artistas téem depois imitado, indo sanccionar a sua nomeada ao outro lado do Atlantico, visitas que dão vida á civilisação e á arte), acompanhava-o uma artista, que chegou a ter mais tarde no Brazil a reputação de actriz de talento. João Caetano, guardando as boas praxes da prudencia e da discrição, foi morar para uma hospedaria, e aconselhou-a a que residisse n'outra.

Escolheu a actriz o hotel *Alliança,* que era, n'esse tempo, na rua do Alecrim.

João Caetano estabeleceu-se n'um hotel da rua Nova do Carmo.

A actriz era formosa; apparecia sósinha, ia ás noites para uma friza, ora em S. Carlos, ora em D. Maria; garridamente enfeitada, vestida sempre com uma elegancia, que poderia peccar um pouco por certo tom exagerado, que, como diz o outro, dá de mais na vista,

mas que a frescura da mocidade e da belleza d'ella auctorisava plenamente. Era um typo egypcio: physionomia encantadora, olhos e cabellos admiraveis, e a mais bella bôca que no mundo podésse ser beijada.

Namoraram-lh'a.

Era de esperar; era de receiar, para elle.

E' bom ser prudente, é bom ser discreto, mas em a discrição chegando ao ponto de eliminar de todo um homem, consegue o maior triumpho para a cautela e o maior revez para o cauteloso...

João Caetano fôra cauteloso de mais.

Eliminára-se.

O moço que requestava a actriz, informára-se de quem era a elegante forasteira que todas as noites nos theatros parecia dar pela luz dos seus olhos maior claridade á sala: disseram-lhe que era artista, que viera com João Caetano dos Santos, que tinha um nome meio bohemio, meio romantico, e que estava só.

O namorar é uma invenção boa; e por maior talento que tenha um homem, ou por mais elevada que seja a sua situação e a sua fortuna, tudo que elle disser sem ser com os olhos, a uma mulher a quem dirija as primeiras attenções, póde ser mais claro, mas nunca será mais bem percebido.

Lá se entenderam os dois: elle da plateia, ella da

friza; de se olharem passaram a escrever-se; de se escreverem passaram a fallar-se.

Mas, porque nunca a mocidade deixe de ser creança, e ambos elles eram moços, moços no primeiro alvôr da vida e da descuidosa alegria, não contentes de se fallarem, nos intervallos de se fallarem escreviam-se.

Escreviam-se o quê? As mil innocentes tonterias do amor. Haviam-se despedido depois da meia noite: mandavam-se de manhã, um ao outro, beijos no papel.

De uma vez escreve elle; vae á janella, passa um gallego, chama o gallego, vem o gallego, dá a carta ao gallego:

— Hotel Alliança, rua do Alecrim; vôa, gallego!

O gallego vôa.

Meia hora depois, volta esse veloz confidente...

Traz uma grande condeça de palha.

— A resposta?

— E' esta.

— E carta?

— *Num ha carta.*

A condeça era enorme.

Levou-a o mancebo aos hombros para o seu quarto conforme pôde, fechou a porta delicadamente, desfez o nó do atilho que prendia os fechos, abriu a condeça...

Mysterio!

Viu roupa. Muita roupa branca.

— Que diabo é isto?

Metteu o braço, puxou...

Sahiam ceroulas...

Sahiam camisas...

Sahiam calças brancas...

Sahiam mais camisas, mais calças brancas, mais ceroulas...

Nada de carta!

— Que diabo é isto!?

E sacudia camisa por camisa, ceroulas por ceroulas, calças por calças; e nada de carta, nada de carta, nada de carta...

Mil vezes mysterio!..

Nova epistola; narrativa succinta da surpreza, e pedido de explicação do enigma. A condeça outra vez ás costas do gallego, e ahi vae nova carta, e vôa outra vez.

Torna a decorrer meia hora.

Torna a vir o gallego.

Traz carta.

Ah! d'essa vez traz carta!

A carta diz:

«A minha criada fez uma tolice, que vae perder-me. João Caetano envia para aqui a sua roupa, e é a mi-

nha lavadeira que se incumbe d'ella; o teu gallego viera ao mesmo tempo que o d'elle; a criada deu a roupa ao teu, e entregou ao do João Caetano a carta que era para ti. Que hei-de fazer?»

Situação.

O moço medita com a pressa que o caso exige...

Senta-se, e escreve:

«João Caetano não deve tardar em apparecer ahi. E' vêl-o á porta, largar ás palmas, e rir. Elle inquire... Riso. Elle enraivece-se... Palmas. Elle ameaça... Palmas e riso. Queres um camarote para esta noite em S. Carlos (era o beneficio de Gazaniga), só elle poderá alcançal-o. Já o ciume fez o milagre que o amor não fazia, visto ir elle vèr-te de manhã, o que nunca tem feito; serviste-te d'aquelle artificio para o apanhares ahi mais cèdo, e castigar pelo susto a sua negligencia; mais palmas e mais riso, e que vá buscar o camarote!»

Duas horas depois, o camaroteiro de S. Carlos propunha-se a resolver por todas as maneiras imaginaveis a difficuldade de ter uma friza. Tractava-se de satisfazer o empenho de uma notabilidade artistica. João Caetano dos Santos queria para essa noite, absolutamente, um camarote.

E viva! E viva!..

Nenhum dos artistas brazileiros que vieram a Portugal, deu larga medida do que podéssem e a quanto attingissem a sua vocação e as suas aptidões; João Caetano representou apenas um drama, *A dama de S. Tropez,* peça já muito nossa conhecida, de haver tido uma voga de occasião no tempo em que os jornaes não se occupavam de outra coisa que não fosse o processo de Madame Lafarge, em França. O enredo da peça é extrahido d'essa causa célebre; a mulher envenena o marido, tendo ares de o tractar carinhosamente; tão depressa os remedios atrazam o mal, vem o arsenico fazel-o progredir; o homem conserva-se n'essa *balança* de vida e morte durante muitos dias; é sempre a esposa quem lhe leva os caldos e os remedios que o medico aconselha; de uma occasião, o pobre homem, olhando para um espelho, vê a mulher deitar o veneno no caldo, ás escondidas. Representou João Caetano o seu papel muito habilmente; mas a peça era antipathica, a pronuncia d'elle não era destinada a desvanecer a impressão pouco agradavel que o drama suscitou; e a exageração de escóla em que elle primava, chegava já para nós fóra de tempo. Era artista para grandes lances; o Brazil applaudira-o no *Othello,* e todos sabemos que não é facil representar Shakspeare. No drama dava mais do que era preciso:

o tragico denunciava-se; e o drama familiar, se é que póde chamar-se *familiar* a uma acção em que se represente ser envenenado pela familia, não permitte o alto entono e a attitude solemne das tragedias. Como talento, porém, cumpre dizel-o, era de primeira ordem, era da grande raça: a natureza destinára-o a formar ao lado dos Rossi e dos Salvini. Mas, não estudára, não podéra estudar como elles: d'ahi a distancia invencivel que os separava na arte.

Artistas de nascença, todos tres o eram: Salvini, attendendo mais que nenhum outro á naturalidade, á razão, ao estudo; Rossi, primando em inspiração, na elegancia, no gosto, na phantasia; João Caetano, no sentimento, na paixão.

Rossi era frio de seu natural. Todo o ardor de impetos e de rasgos declamatorios com que elle levantava por vezes as plateias, eram o estudo, eram a arte. Não sentia nada.

Em geral os grandes artistas são assim.

N'um concerto de Sivori, em S. Carlos, o theatro não enchêra. Sivori foi o primeiro discipulo de Paganini, e é o primeiro rebequista que depois d'elle tem havido no mundo. Depois de elle tocar a divina *preghiéra* de *Mozé,* n'uma corda só, fui ao palco abraçal-o:

— Quarenta e dois camarotes com gente! — disse-me elle.

— O quê?

— Só se alugaram quarenta e dois camarotes!

— Talvez depois de ter principiado o concerto se haja alugado mais alguns! — respondi eu.

— Não; pois se acabo de os contar agora mesmo; duas vezes os contei emquanto tocava!

E, durante a *preghiéra,* parecia que a alma do musico gemia e suspirava nas cordas!

Mas...

Aquella alma inspirada e melodica... sommava a conta dos camarotes!..

O mesmo era Rossi. Impassivel sempre, não havia para elle senão um incentivo: não o interesse, não o dinheiro, como Sivori, mas a gloria. Camillo Sivori contava os camarotes; Rossi contava as chamadas, calculava o *crescendo* de applausos para si ou para a dama, e sabia no fim de algum grande lance, como uma *coquette,* quaes os adoradores d'essa noite que lhe houvessem por um momento sido infieis, ou sequer menos devotos, dando com egual fervor o seu applauso á Casilini.

João Caetano esquecia tudo, não conhecia ninguem, não via ninguem, não sabia se agradava ou se des-

agradava, não era d'este mundo em representando uma peça; entrava no personagem, vivia d'aquelle enredo, chorava e ria as lagrimas e os jubilos da acção do drama.

Rossi tinha o amor da arte como um delicado. Ensinava Julieta, com dedicação de mestre, embora Julieta quasi sempre fosse destinada a fazer soffrer Romeu.

Que de historias com a Casilini!

Aquella doce ingenua, que parecia ser a innocencia, a timidez, a suavidade, a consolação em figura humana, moía o pobre glorioso artista dia e noite. Tinha muito mais imaginação para lhe inventar torturas, do que para figurar as das tragedias em que tomava parte no tablado... Fazia-lhe scenas diabolicas, trazia-o constantemente n'uma excitação melancolica que lhe tirasse o gosto de querer saber de tudo que fosse mundo.

De uma vez dizia-me elle:

—Homem, ha uma historia napolitana que me quadra frisantemente. Um sujeito tinha uma criada, em quem nunca fizera reparo; de uma vez, ia para sahir de casa, deu um espirro, saltou-lhe o botão do colleirinho, chamou a criada para lh'o pregar. A criada pòz-se a cozer o botão, e elle muito quieto, para aquelle

trabalho ficar bem feito. Immovel como estava, não podia deixar de olhar para ella; pela primeira vez reparou que era bonita, e, como estavam de rosto chegado um ao outro, deu-lhe um beijo... D'ahi provieram todas as suas desgraças.

As lições a Julieta tinham sido talvez o botão de colleirinho de Romeu!

Nunca em Portugal nenhum artista produziu tão grande enthusiasmo como elle suscitou.

Tanto de Rossi, como de Salvini, fôra mestre o célebre Modena; estes dois artistas, para nunca se parecerem, tinham sobretudo trabalho em interpretarem as peças cada um d'elles a seu modo, com a intenção de ficarem assim mais originaes cada um, escapando-se a que podéssem por alguma maneira encontrar-se no mesmo caracter. Ha o que quer que seja visivel n'isto. O resultado era, por exemplo, um civilisar de mais o mouro, o outro fazer o mouro selvagem de mais.

Na companhia de Salvini havia uma dama importante, a Marini. Em Italia admiraram-se muito, quando souberam que a Marini não agradára em Lisboa. Ainda maior admiração teria, se soubessem que a Paladini *a fatto fanatismo*.

A Paladini foi um verdadeiro *puff* americano. Assim

como ha pessoas que usam tacões muito altos, para illudirem o mundo a respeito da sua propria altura, a Paladini na arte queria fingir ser maior; tinha gestos apparatosos, entoações de falsa pompa. Apanhou o nosso publico com os *ah!* e *oh!* de melodrama, com o taramelar precipitadamente as phrases; apanhou-o pela recitação palavrosa e gritada, não pelo entendimento, mas pelos ouvidos; apanhou-o pelas orelhas, como se apanham os coelhos, *tra la la, pu, fu, zas traz, pif, puff*—bravo, bravo, bravo!

Outro talento e outra ordem de estudo tinha a Pezzana, e houve para com ella a obstinação de nem sequer ir vêl-a. A Pezzana e a Tessero são hoje as primeiras actrizes de Italia; e a Pezzana é a primeira das duas. Estreou-se em Lisboa por uma tragedia. Ora, assim como a primeira obrigação de um circo é ser circular, a primeira condição para representar tragedias é ser tragica. A Pezzana não era tragica; era uma actriz essencialmente moderna, a heroina do drama burguez, do drama contemporaneo, do drama da verdade.

Não se diz nunca que uma mulher seja feia; mas ha uma maneira maliciosa de lhe dar a entender isso: é aconselhar-lhe a que não tente representar tragedias, não porque o seu talento não esteja á altura

d'aquelle genero, senão porque a sua physionomia se não preste absolutamente a elle.

Tinha a Pezzana prendas de talento notaveis de graça e de sensibilidade; faltava-lhe, porém, a distincção. Obtinha o suffragio dos artistas, mas não tinha o não sei quê, que encanta e seduz. Conquistára uma legitima reputação, mas forçava a attenção do publico. Assistia-se ás suas representações como á satisfação honrosa de um dever. Habituar-se o publico a uma actriz d'aquella indole, era difficil; seria preciso habitual-o a estimar o fructo da erudição, o fructo do trabalho e do estudo; saboreal-o-hia, mas seria necessario tirar-lhe a pelle, descascal-o bem, preparal-o habilmente; ainda assim, talvez não désse por elle amantes ais, mas dedicar-lhe-hia pelo menos uma estimação productiva e duradoira. A Pezzana era actriz de estudo: fazia o que devia fazer, e sabia a razão do que fazia; não é isso o que mais nos tenta.

O seu reportorio era mal escolhido. Havia, por exemplo, umas comedias de Goldoni, que não pedem á interprete senão mocidade, galanteria, e que uma actriz dos seus recursos poderia haver cedido á ingenua da companhia. No theatro, mais ainda que na vida, é bom não se esquecer cada um da edade que tem. Ahi está que o defeito do Rossi, no *Hamlet*, era não

parecer da edade que o papel requer. A mãe de um Hamlet de quarenta annos, tinha ainda maiores culpas do que as que lhe attribue a peça, com o entregar-se em tal edade a uma paixão!

Superior a todas, a meu vêr, superior até ao Rossi, e até superior ao Salvini, foi a que primeiro nos visitou, a grande, a incomparavel, a de todo o ponto extraordinaria e rara Ristori! Essa era a tragedia, essa era o sublime, essa era a encarnação d'aquella escóla, que repellia da scena o elemento popular, o elemento burguez, como indigno de figurar ao lado das *Mirras*, das *Medéas*, e dos *Clytmnestras* da historia. Poucos se enthusiasmaram por ella; houve apenas a condescendencia de a acceitar como notavel, e isso porque cada um quizesse parecer que a entendia; em geral, importa-nos pouco gostar ou não gostar das coisas de arte; o que nós queremos é termos ares de comprehender e poder explicar ao visinho, que tambem nos não dá ouvidos, mas explica e julga ao mesmo tempo.

Rara, rara, essa Ristori. Assombroso e inexplicavel talento. A terrivel e seductor. Na *Mirra*, por exemplo, em que ella representa a mulher mais culpada, mais vergonhosamente criminosa, — o Dante põe-a no inferno isolada, a um canto! — a heroina da paixão hedionda, a triste e detestavel mulher, que se apaixona

pelo pae; pois bem, até n'essa mulher maldita a Ristori era interessante, exactamente por ter, mais do que qualquer outra criminosa, a consciencia do seu crime, porque d'elle se castiga; e o poeta, que é Alfieri, nem mais nem menos, não nos deixa ignorar um momento que a condemna, apresentando-nos o quadro da sua culpa e da punição que a espera, como o espectaculo mais proprio para assustar uma alma inquieta das consequencias d'esse amor, por tal horrido modo fóra do dever; e, ao mesmo tempo, ouvia-se escapar ao genio justiceiro como que um grito de misericordia: mercê do talento d'essa actriz, além de tudo quanto tenho visto em theatro, o auditorio, no seu coração, no intimo do seu julgamento, punia-a tambem, mas chorava-a. Conseguir isso, era o triumpho supremo, triumpho altamente moral, e profundamente humano.

Entretanto, a Ristori em Lisboa representou sempre para *meias casas,* como diz o *calão* theatral, e a Paladini deixou todas as noites á porta do seu theatro, por lá não caber já, o publico para a recita da noite immediata.

A Ristori teve poucos admiradores, e os seus enthusiastas eram em tão pequeno numero, que podem citar-se de memoria:—José Estevão, Thomaz de Carvalho, José Horta, Campos Valdez, Antonio Feliciano

de Castilho, Mendes Leal, Antonio de Brederode, D. João de Menezes...

Comprehender-se-ha facilmente quanto haja sido em mim sempre viva a recordação da Ristori, em se dizendo que o meu primeiro folhetim, a minha entrada na *Revolução de Setembro,* a minha carreira, por consequencia, a minha vida, o meu pão da bôca e o meu do espirito, toda a minha existencia, todo o meu destino, coincidiram com a chegada da Ristori a Lisboa, e com as representações d'ella.

Vamos vêr de que maneira.

XIV

Com o ter deitado mão de todos os pequenos expedientes a que póde soccorrer-se um rapaz sem protecções, sem meios, e, por peor condição, levado da mania das lettras, não conseguira mais do que boiar sobre a onda das contrariedades, sem avistar porto propicio.

De um conhecimento se me engendrava outro, e assim ia descobrindo mundo, maś pequeno mundo.

Os melhores conhecimentos fazia-os no Gymnasio: mas, como póde calcular-se, eram tudo isso relações fluctuantes, sem utilidade para mim, tendas edificadas sobre areia...

Conhecia gente de toda a qualidade, ainda assim.

Conhecia, por exemplo, o velho duque de Palmella; o ministro hespanhol, célebre orador, Alcalá Galiano, que ás tardes, á hora de ensaio e emquanto os actores esperavam á porta do theatro, succedia passarem alli, serem comprimentados pelos artistas, e perguntarem-lhes amavelmente:

— Então ágora o que estão ensaiando, meus senhores?

— *Para obsequiar o meu amigo,* senhor duque; — *Morro á meia noite,* e a *Somnambula sem o ser,* tudo pecitas em um acto...

O duque de Palmella, com a sua physionomia fina e espirituosa, sorria com agrado, tirava o seu chapéo cortezmente, e, traçando uma capinha azul que então usava, seguia para o lado da Abegoaria, devagar, contemplando attentamente os casebres que por alli havia então, desde a esquina, onde é hoje o Café Concerto, até á Trindade... Pelo caminho, ás vezes, algum malandrino, fingindo que nem sonhava saber quem elle fosse, parava-lhe á frente, e soltava a phrase habitual:

— Faz favor do seu lume?

O duque entregava-lhe o charuto — charuto que tinha fama de custar um tostão — e dizia-lhe simplesmente:

— Faz favor, em accendendo, de deitar fóra.

Era o que queria ouvir o malandrino. Guardava o seu, e fumava o d'elle.

Alcalá Galiano tinha, além do grande talento que é sabido, muita graça.

Por vezes se demoraram alli, junto do theatro e dos actores, conversando, estes dois homens, velhos ambos, ambos grandes e gloriosos. Principiavam por fallar do theatro, das comedias, e iam mudando, e fallando em tudo. De uma vez fallavam de politica, e Alcalá Galiano, brincando não sei já com que paradoxo, acrescentou:

— O ridiculo do que acabo de dizer é que *não deixo de o pensar!*

As ideias e as opiniões d'elle tinham quasi sempre um andamento franco, largo, aberto, com fim definido, em que a palavra se elevava e o tom lhe sahia da alma, grave e sinceramente; por isso, aquelle modo de gracejar seduzia ainda mais o duque, que visivelmente gostava muito d'elle e mostrava tèl-o no apreço, que a todos os respeitos merecia o illustre orador hespanhol.

O homem mais feio que tenho visto era Alcalá Galiano, e, apesar d'isso, scintillante de espirito, ao ponto de ser um gosto olhar para elle!

Baixinho, magrito, torcido todo, vesgo — e bello quando fallava!

De uma occasião, á hora do espectaculo, rompeu na caixa do theatro a maior inquietação. Não apparecia a actriz principal das peças d'essa noite, Emilia Letrublon.

Corriam os comicos de um lado para o outro, idas e voltas, perguntas, mais perguntas, nada.

— Viram a snr.ª D. Emilia Letrublon? — diziam os actores aos porteiros.

— Vossês viram a Emilia? — perguntavam os actores pela rua, nas lojas visinhas.

Ninguem vira a Emilia.

A hora do espectaculo approximava-se, cada vez mais...

A orchestra já estava a postos...

Já na plateia apparecia um ou outro espectador, dos que vão cêdo, que se comprazem com o afinar dos instrumentos, com a meia luz da sala...

Já uma chave aqui, outra alli, faziam a bulha alegre do abrir de camarotes...

— Que é da Emilia?

Policia para aqui, policia para alli...

Emilia Letrublon não estava no theatro, não estava em casa, e ninguem sabia d'ella.

Peor d'alli a nada:

Emilia Letrublon fôra vista embarcar no Caes de Sodré, da uma para as duas horas d'esse dia.

Fugira. Era claro que fugira.

Mas porquê?

Uma aventura?

Uma paixão?

Um rapto?

Simples caso: Emilia Letrublon, n'essa recita, em que o espectaculo se compunha de cinco comedias em um acto, tinha de fazer figurar seis vestidos, porque, n'uma das peças, *Machbet*, apresentava dous: um de amasona, ao entrar em scena, vindo de um passeio a cavallo, outro de recepção, para jantar e *soirée*.

Succedia que quatro estavam empenhados, que o Gobsek, que emprestára sobre elles, não os largava sem embolso de conta maior, e que a Letrublon, que era a actriz portugueza mais elegante, na impossibilidade de apresentar os seus vestidos, preferira fugir.

A fuga, de mais a mais, havia tido um caracter alegre. A actriz fôra convidada para um jantar no campo. O convite era feito por Nicolau de Brito, Augusto Fournier, Villar Perdrises, pae, José Nobre e D. José d'Almada.

Ella respondêra:

— Acceito, mas o jantar ha-de ser do outro lado do rio!

— Seja do outro lado do rio. E onde?

— Onde eu disser.

— Mas do outro lado do rio não ha muito por onde escolher! Temos a Piedade, temos Almada, temos Cacilhas...

— Uma vez do outro lado do rio, quero burrinhos!

— Terá burrinhos!

— E o jantar irá comnosco!

— Perfeitamente. O jantar irá comnosco e com os burrinhos.

Assim foi. Villar Perdrises e Nobre incumbiram-se do caixote com o jantar do Matta, louça, roupa e talheres; Nicolau e Fournier levaram os vinhos n'um cesto; D. José d'Almada e Lencastre levou a guitarra e os charutos, e á hora e meia depois do meio dia um bote do Caes do Sodré foi deixal-os na praia de Porto Brandão.

Chegados a Porto Brandão, alugaram burros, e foram por montes e valles passeando e rindo. A' tarde, jantaram sentados na praia; á noite, foram parar a Cacilhas, tomaram café, cantaram e tocaram até ás duas horas da madrugada; ás duas horas, embarcaram, vieram para Lisboa, e Emilia Letrublon foi habitar no

primeiro andar de uma casa, que fazia a esquina fronteira ao que é hoje theatro da Trindade, casa que ficava, por consequencia, a cem passos do theatro do Gymnasio!..

Á hora em que ella se estava deitando, isto é, á hora a que as estrellas iam fugindo do céo, Manoel Machado tomava informações no Caes do Sodré, e partia para Porto Brandão, acompanhado de um policia, á procura da fugitiva.

Diz-se que os criminosos não podem resistir a voltarem dentro de quarenta e oito horas ao logar onde praticaram o crime; diz-se que os assassinos não podem afastar-se, emquanto o homem não estiver de todo morto, emquanto se lhe sentir ainda o calor da vida; mas tambem se póde dizer que as actrizes que deixam o theatro não podem, na primeira semana, passar sem terem noticias d'elle...

Foi o que succedeu. Ao cabo de tres dias, em que nenhuma noticia exacta conseguira dar indicio seguro do caminho que a actriz levára, Augusto Fournier, que fôra meu companheiro em preparatorios no Lyceu, e que está hoje em S. Miguel, casado e pae de filhos, o excellente, elegante, e amavel Augusto Fournier fez-se encontrado commigo, e, puxando-me de parte, disse-me ao ouvido:

—Queres vir hoje jantar comnosco?

—Comtigo e o Nicolau?

—E mais alguem. Queres?

—Quero.

—Então, vamos.

—Já!?

—Já.

—E' meio dia!

—Vamos já e jantamos logo. Assim é que é preciso, para evitar entradas successivas e batidas á porta de bocado em bocado.

— Que diabo de mysterio! Vamos lá.

Augusto Fournier e Nicolau de Brito moravam, havia tempo, n'aquella casa. Trepavam-se tres degraus de pedra para lá entrar. Elle metteu a chave á porta, e abriu.

— Sobe!

Subimos.

Chegados acima, cantou:

— *Faça calma ou faça frio!*

Abriu-se a porta, e eu vi, sentada n'um sofá, Emilia Letrublon, que desatou logo a rir.

Emilia foi sempre excellente rapariga; phantasias da mocidade, mas qualidades raras: completo desprendimento de interesses, boa natureza, boa cama-

rada, sem inimisades nem despeitos, incapaz das intrigas, calumnias e villezas de bastidor.

Estava sequiosa de noticias; todo o seu empenho era saber o que se passava e se dizia d'ella no Gymnasio.

— O Manoel Machado?

— Anda a procurar-te. Foi hontem á Penha de França, antes de hontem a Belem, irá hoje a Rio de Moiro; recebe cartas a darem-lhe indicios, e, na duvida de ser gracejo ou de ser verdade, vae aos logares que lhe aconselham.

— E o Romão, e o Taborda?

— O Taborda e o Romão procuram-te; e agora devo prevenir-te, minha amiguinha, de que eu não sou traductor da Emilia Letrublon, sou traductor do Gymnasio; isto quer dizer, que fazes muito bem em não me considerares capaz de ir denunciar-te ao Gymnasio, mas farias muito mal se tivesses a ideia de que eu te désse conta das diligencias que fizesse o Gymnasio para te encontrar. Dito isto, dá cá um abraço, pela alegria que tenho em vêr-te!

Ella deu-me o abraço muito contente da sua vida; Nicolau e Fournier contaram-me toda a historia dos vestidos, da fuga, e da entrada n'aquella casa para defronte do Gymnasio, o que era o melhor expedien-

te para que a policia a procurasse por todos os sitios, menos onde ella estava; depois, chegaram Villar Perdrises, D. José d'Almada, e Nobre.

Esse Nobre foi homem muito conhecido em Lisboa n'uma certa sociedade, a dos estroinas. Estivera annos no Rio de Janeiro, fôra grande amigo de Sant'Anna e Vasconcellos, e, ao chegar a Lisboa, entreteve-se em gastar alguns vintens que tinha. Foi administrador da *Semana,* quando a *Semana* tinha o seu escriptorio na rua de S. Roque e pertencia a Lopes de Mendonça e a Sant'Anna. Muitos annos depois, sendo emprezario de S. Carlos Campos Valdez, Guilherme Cossoul e Guilherme Lima, Valdez, como emprezario, fez d'elle seu empregado, e como amigo fez d'elle seu hospede. Era bom homem, leal, dedicado, fiel, e se como escripturario não tinha grande penna, como valente passava por ter grande pulso. No fim d'uma mocidade que se prolongou além do que devia ser, e que entrou pelos annos graves da vida sem nenhum sentimento sério que o amparasse, teve as tres perseguições funestas da edade, da doença, e da pobreza. Era luxo de revezes de mais para um pobre homem, que não tinha força nem arte de lhes resistir.

D. José de Almada e Lencastre era um dos melho-

res escriptores portuguezes. A extrema dedicação pelo estudo, alliada á necessidade de ganhar o pão de cada dia por um trabalho improbo, originaram a doença que o devorou.

O curso superior de lettras inaugurou-se entre nós por duas desgraças. Sem estudos especiaes para aquellas cadeiras, a dignidade, o talento e o trabalho tentavam em alguns supprir por esforços o que apenas o tempo alcança na sua longa marcha; o premio d'estas luctas supremas do genio, foi infelizmente ao principio a maledicencia e os artificios do despeito e da inveja — mais tarde, resultado d'isto mesmo, a loucura e a morte!

D. José de Almada era muito pobre. Entristecia vêr a casa em que elle morava: um segundo andar d'um predio estreito, sujo, velho, miseravel; e alli, n'essa casa escura, pobre, humida, degradante, foi escripta a mais brilhante, a mais espectaculosa peça que se tem dado em theatro portuguez — *A Prophecia.*

Morreu de trinta e tres annos, sem ter avistado nunca á felicidade. Um profundo fastio da terra parecia apoderar-se d'elle, á proporção que caminhava; não foi talvez a lesão de coração o que mais o fez soffrer: sentia-se doente d'um mal funesto — a inca-

*

pacidade de ser feliz; luctador fatigado, captivo que pedia ar livre, aspirava ao céo!

Coisa curiosa: ninguem, a exceptuarmos o conde de Vimioso, cantava o *fado* como elle. O *fado* é a melancolia. Por baixo dos seus sorrisos, gracejos e gargalhadas d'elle, havia lagrimas sempre; — por exemplo: costumava pagar a renda das casas com comedias para o Gymnasio; estavam a ouvir-se aquellas jocosidades sem lhes adivinhar no bom humor faceto as tristes cogitações, as noites inquietas do pobre litterato, que, como o Chatterton, não podia pagar a agua-furtada em que vivia!

Emquanto a Villar Perdrises, esse era como que o antipoda de D. José de Almada. Rico e descuidoso. No mais, um cavalheiro, o homem mais generoso e amavel; bem educado, gostando de viver e de gastar, não dando ao dinheiro senão a importancia de se servir d'elle para tudo que significasse alegria. Desde que o Adão Smith fundou a sciencia economica, e não ha d'isto muito mais de cem annos, nunca os economistas chegaram a uma perfeita harmonia em entender e explicar bem que coisa seja a palavra elastica e vaga — capital; vem a ser a riqueza das nações, segundo uns, e, segundo outros, uma accumulação de valores, subtrahidos ao consummo improducti-

vo; Villar Perdrises, vendo que, de economista para economista a accepção da palavra é em tanta maneira variavel, adiantou-se sobre a ideia, e deitou ao seu capital o imposto de o divertir quanto podésse.

A discrição que em todo esse tempo guardei do que sabia da fugitiva e dos seus... cumplices, tornou mais intimas as minhas relações com todos elles, a quem d'ahi em diante vi no theatro, na rua, ou no Marrare, e nunca mais na casa mysteriosa. A actriz regressou ao Gymnasio d'alli a pouco tempo; o que não havia passado d'uma creancice, como tal foi julgada pela empreza, pelo publico, e pela actriz; as coisas voltaram ao seu antigo pé.

Mas o conhecimento que eu fizera com D. José de Almada, o trato com esse homem, que acabava de dar ao theatro uma peça que fez época, a célebre *Prophecia;* que era redactor da *Nação,* que fôra buscar ás tradições do passado o dogma das suas crenças, attrahido pelas ruinas veneraveis dos thronos e dos altares, sentindo que de entre os sceptros, arremessados á terra pelo sopro vivificador da revolução, se levanta um murmurio de gloria, que ao longe consegue por vezes abafar os gritos da dôr e as maldições dos opprimidos, e que de ao pé dos altares que a impiedade derribou se ergue ao céo, enrolada em

nuvens de pó, como se fossem nuvens de incenso, a voz do sacerdote, que entoava hymnos de paz, quando a egreja, desamparada da suprema graça, accendia as piedosas fogueiras, e que depois, nos dias de angustia, morria abraçado á cruz, penando as culpas dos que tão mal haviam servido a causa de Deus; o trato d'esse homem, que defendia essa herança de gloria e de martyrio, não só por attender ás imposições do seu berço, mas pelas tendencias da sua alma de poeta; e que, por pensar que era uma nobre causa a de levantar de novo o altar e expòr n'elle a cruz, cercada de todos os esplendores da devoção, se lançára na arena com um empenho de escriptor religioso, e luctava com animo e com fé, levado do grande e desgraçado erro, que tem retardado sempre a victoria das ideias, de julgar irreconciliavel o christianismo com a liberdade; fazendo-se estimar pelo seu talento, pela sua sinceridade, pela pureza das suas intenções; o trato d'esse homem acordou em mim, rapaz novo, a ideia de me lançar na imprensa.

Dois mancebos da minha edade, pouco mais ou menos, inexperientes como eu, e como eu inclinados ao amor das lettras, propunham-se tambem a fazer carreira por ellas; reunimo-nos, e fundámos um jornal. Chamavam-se os meus companheiros Francisco Serra,

hoje um dos redactores do *Diario Illustrado,* e José Joaquim Vieira, moço de talento, que se afastou do jornalismo pouco depois de estar n'elle. O jornal tinha por nome *Ecco Litterario.*

Esse *Ecco Litterario,* de que o primeiro numero se publicou em 1 de julho de 1855, deu artigos de Lopes de Mendonça, *D. José Zorrilha;* versos de Sant'Anna e Vasconcellos, *Hymno á Democracia,* que diziam :

Maldição! não ha-de um dia,
No sangue já derramado,
Afogar-se a tyrannia,
Surgindo o povo coroado?!

de Bulhão Pato, *Fragmento da Paquita;* de Mendes Leal, *Caridade :*

Vem dos céos, ó caridade,
Vem, ó mimosa dos céos,
Flor que rouba a humanidade
Ao seio do proprio Deus;
Santa flor tornada em fructo,
Que onde mais negreja o lucto
Mais perfume exhala a flor;
Flor que nasce onde outras morrem,
Que onde mais os prantos correm
Mais tem o fructo sabor.

de Moutinho de Sousa, *A José Maria Braz Martins,* — acrostico — conforme ao rigorismo da moda, n'esse tempo:

Vazia a lusa scena ao abandono,
O acaso feliz te trouxe aqui,
Soubeste com teu merito eleval-a,
Elevando tambem glorias a ti!

de Luiz Candido Furtado Coelho, *Saudade,* a qual saudade este amigo nutria e rimava pelo dito Moutinho, *Depois de me haver despedido do meu amigo A. Moutinho de Sousa*, poeta portuense:

Sentiste o beijo que eu te dei na face
Quando fugiste d'entre os braços meus?
Depois, ao longe, já no Tejo, viste
D'áquem lançar-te o derradeiro adeus?..

de Lobato Pires, *N'um album:*

Fui um homem de marmore, sarcastico
Por indole e costume;
Tinha na mente o anathema de sceptico,
Ria do amor, zombando do ciume.

de Francisco Palha, *Comprae:*

Quem quer fartar seus desejos,
Quem compra os meus doces beijos,
Vendem-se perto... acolá;
O leilão corre na praça,
Por tanta belleza e graça
Quem mais lança, quem mais dá?

de E. Tavares, *Rev. Burlesca;* de Manoel Rossado:

No horisonte da vida assomas, aurora,
Teus raios suaves não trazem calor;
Nas faces ostentas ainda o orvalho,
Da meiga innocencia tão puro frescor.

de J. da C. Cascaes:

Que scenas d'assombro estas!
Abysma-se o pensamento!
Perdida a razão nas trevas
Brilha a luz do sentimento.

e de Francisco Serra, de José Joaquim Vieira, e meus, artigos e mais artigos, não direi só bons, mas optimos, que nos enchiam d'um justo orgulho, nos davam occasião de nos massarmos mutuamente, lendo entre os tres as producções de cada um de nós.

Foi um jornal magnifico, e teve a habilidade de

durar até 1856, com uma lista de assignantes, que era, nem mais nem menos, o beijinho, a escolha da sociedade de Lisboa, e que o jornal, para não deixar o seu credito na sombra, tinha o cuidado de publicar em todos os numeros; ao terceiro numero a lista resava já por esta maneira:

S. M. el-rei o senhor D. Fernando...	2	exemplares
Marquez de Cantagallo............	2	»
J. Bernardo Berquó Cantagallo.....	2	»
José Antonio P. Esteves Costa......	2	»
Condessa das Antas...............	1	»
Josephina Neuville................	1	»
D. Eugenia Carlota de Mascarenhas..	1	»
Duque de Palmella..............	1	»
Marquez de Penalva.............	1	»
Conde de Mello..................	1	»
Conde d'Alva...................	1	»
Conde da Louzã.................	1	»
Visconde de Azurara.............	1	»
Visconde da Charruada...........	1	»
D. José de Sousa Coutinho........	1	»
Conselheiro Ignacio Virgolino Pereira de Sousa....................	1	»
Antonio da Cunha Sotto Maior......	1	»

D. Carlos da Cunha e Menezes.....	1	exemplar
Bernardino Martins da Silva........	1	»
Eduardo de Faria...............	1	»
Henrique Mouchett..............	1	»

D'uma occasião, este ultimo assignante, hoje guarda-livros da casa Pinto Bastos, o melhor homem do mundo e tambem o mais original e o mais excentrico, encontra-me e diz-me:

— Homem, eu realmente interesso-me por vossê! Já assignei para o jornal...

— Bem vi, obrigado!

— Não, isso é o menos; mas é que o leio!

E ria, e eu ri tambem; e elle mais, e eu tornava a rir; e elle:

— Palavra de honra! leio-o! Parece incrivel! Oxalá fosse impossivel!..

E mais risota e mais gargalhada; e, de repente, pára elle, e diz-me:

— Vossê é muito alegre!

— Alguma coisa!

— Muito alegre. Pois não é?

— Sou, sim.

— Não, sériamente, vossê está persuadido que é alegre ou que não é?

—Estou persuadido que sou o portuguez mais alegre de todos que eu conheço!

—Oh! grande diabo! Essa é boa! Essa é de humorista. O humorismo é inglez, homem! Essa foi agora uma maneira de dizer propriamente ingleza. E depois, vossê é bemcreado; isso é rarissimo; e, de mais a mais, litterato, o diabo do rapaz; olhe que os litteratos costumam ser malcreados; dá-lhes mais estylo, ou dá-lhes mais dinheiro, ou não lhes dá nada d'isso, mas dá-lhes mais gosto. Eu já o não largo a vossê; vossê, segundo me dizem, vive em Lisboa sem familia?

— Assim é.

—E a mãe?

—Está na casa da Durruivos, para os lados de Obidos.

—De modo que, completamente em liberdade?

—Não é tanto assim, tenho minha avó e umas tias...

—Deixe lá as tias. Ora o diabo do rapaz, tem uma penna de ouro! Como vossê consegue que eu o leia! Vamos d'ahi, vamos ao theatro; tenho um camarote com o Johel, quero apresental-o ao Queriol; vossê conhece o Queriol?

—Do caminho de ferro?

— Do caminho de ferro tambem eu sou. O Queriol, sim!

— Conheço de nome.

— De nome? De nome conhece-se Homero, e nada mais. A coisa toda está em conhecer os homens. Como vossê tem podido viver sem me conhecer a mim, nem ao Queriol! Não se acredita. E o Bernardino Martins, tambem não conhece esse? Ai, que elle tambem não conhece o Bernardino! Isto só no inferno! Vamos d'ahi para a rua dos Condes, um espectaculo soberbo, empreza de primeira ordem, mulheres estupendas, gordas, magnificas; temos um camarote de frente para desfructar vantajosamente o espectaculo; *all right*, vamos embora!

Miguel Queriol estava no salão do theatro com uns poucos de amigos, muitos d'elles estrangeiros. Chegamos nós; Mouchett apresentou-me. Queriol estendeu-me logo a mão, com a espontaneidade de alegria nativa, que respirou sempre n'elle. Era um bello rapaz n'essa época; physionomia vivaz, olhos flammejantes, turbulencia enthusiasta.

No camarote, foi toda a noite uma folia. Representava-se o *Samsão*, uma oratoria em que Simões e Anna Cardozo tinham os principaes papeis. No segundo acto havia bailado, e fazia-se ovação ás baila-

rinas; Mouchett mandára ir ramilhetes para atirar; Queriol levára um pardal, preso n'um pé por uma linha e atado ao forro do chapéo; durante o bailado atiraram-se as flores, e esqueceu o pardal; muda a vista, e vem scena de prisão: Samsão está no carcere, e a mãe vae vêl-o; Queriol, de repente, lembra-lhe o pardal; tira-o do chapéo, e despede-o: o pardal vôa direito á mãe de Samsão, que dá um pulo; na platéa e nos camarotes larga tudo a rir: estabelece-se uma gritaria, um alarido alegre, uma algazarra de contentamento, que nem trombetas, sinos, bombas, munições de fogo, disparar de artilheria, e bombardadas de arrasar tudo, excederiam em motim! Até o Samsão desatou a rir!..

Dizia-se no theatro, com pasmo e terror:

— São os do caminho de ferro!

O caminho de ferro n'aquella época era a palavra magica.

É facil chegar hoje á estação do Caes dos Soldados, comprar um bilhete para qualquer destino, sentar-se uma pessoa commodamente, bem repotriado nas almofadas do wagon, e adormecer pouco depois da partida, acalentado pelos silvos da locomotiva e pelo truz truz dos rodados sobre os carris, vencendo em poucas horas alguns centenares de kilometros.

Quando o governo da regeneração resolveu tornar uma realidade a viação accelerada em Portugal, sem um metro de rail assente, já se viajava em imaginação sobre o terreno semeado de bandeirolas, que indicava o traçado dos engenheiros, e percorria-se o paiz sobre o mappa geographico riscado de linhas vermelhas, a indicarem a directriz projectada.

Na época em que Rodrigo da Fonseca Magalhães, o estadista mais liberal dos tempos modernos, conseguiu acalmar com a tolerancia politica as luctas das quasi contínuas guerras civis que abalaram as finanças e esterilisaram os esforços de progressos materiaes, tomando a pasta do ministerio do reino, que até então accumulava os negocios de obras publicas e minas, commercio e industria, separou estes ultimos ramos de administração, e, formando um novo ministerio, investiu n'elle, como gerente, Antonio Maria Fontes Pereira de Mello.

Fontes era então um moço official de engenheiros, que nos debates parlamentares havia deixado presentir ao velho estadista, que podia vir a ter alli um successor na direcção dos negocios do Estado.

De Paris tinham vindo para Lisboa grande numero de engenheiros civis, laureados nas escholas francezas e mostrando em honrosos diplomas quanto seria

proficua a sua cooperação no desenvolvimento material do paiz, até então apenas dotado com algumas estradas, mais inspiradas sob a vista estrategica de communicações militares, do que como arterias de importação, exportação, e movimento inherente ao progresso industrial.

Na creação do novo ministerio do fomento déram-se collocações condignas ao merito dos alumnos das escholas de pontes e calçadas, e pelos esforços e dedicação de João Chrysostomo de Abreu, Albino de Figueiredo, Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, Joaquim Simões Margiochi, José Victorino Damasio, Gramicho Couceiro e outros, a quem o destino incumbiu de iniciar entre nós a revolução dos progressos materiaes sob a direcção do então barão da Luz, começaram essas obras importantes.

José Estevam, o grande homem sympathico, apoiava com o enthusiasmo febril da sua palavra e do seu grande coração, que sempre palpitou pela patria, os altos commettimentos a que a nova administração mettia hombros.

Bernardino Martins da Silva, espirituoso jornalista, que pelejára na imprensa, desde a implantação do systema liberal em Portugal, pelas ideias do progresso e liberdade, conseguiu que Hardy Hislop, subdito bri-

tannico, a quem fôra dada a concessão do primeiro caminho de ferro em Portugal, formasse uma companhia, que se chamava pomposamente Companhia central peninsular dos caminhos de ferro em Portugal.

D'essa companhia era presidente o duque de Loulé.

O secretario era Bernardino Martins.

E deve dizer-se que, apesar da companhia ter mais palavras no titulo do que capital em caixa, conseguiu preencher todas as formalidades legaes exigidas pelo governo, e fazer o deposito effectivo no Banco de Portugal, começando os seus engenheiros a funccionar nos estudos do traçado entre Lisboa e Santarem.

Para o pessoal administrativo da companhia foram escolhidos individuos que, ao mesmo tempo que possuiam actividade e intelligencia, todos eram membros da sociedade elegante de Lisboa, conhecidos uns nas discussões da imprensa, outros, e n'aquelle tempo isso tinha a sua significação, nos clubs, no Gremio, no Marrare, em S. Carlos...

Era Bernardino Martins — já o disse — o secretario.

O advogado era Antonio Augusto Coelho de Magalhães.

Frank Quintella, depois visconde da Charruada, era o thesoureiro.

Henrique Mouchett Junior foi encarregado da correspondencia.

Miguel Queriol, encarregado da contabilidade dos engenheiros.

Os dois irmãos Abranches, era um o tabellião, outro o solicitador.

Além d'estes, que formavam o nucleo da administração central, havia o pessoal technico, cujo escriptoro central foi estabelecido em Villa Franca, na quinta do Cevadeiro, proximo á quinta das Torres, do conde de Farrobo, o qual mais tarde foi um dos directores gerentes da companhia.

Bernardino Martins, um dos primeiros colleccionadores de curiosidades archeologicas e artisticas, tinha a sua elegante casa de residencia no *rez de chaussée* do predio que faz esquina para a hoje praça do Principe Real, então largo da Patriarchal Queimada, e calçada do Moinho de Vento.

N'aquella vivenda deliciosa, que de todos os lados apresentava o mais encantador panorama da cidade, ora defrontando com os bairros orientaes e apresentando a vista do Castello, Graça, Penha, e cascatas da casaria que esses edificios coroam, ora deixando vèr a Estrella, os Acyprestes e todo o encantador quadro do lado occidental, as salas e os gabinetes eram adorna-

dos de mobilia de pau santo e carvalho antigo... as paredes ornadas de quadros e gravuras de preço... as mezas e as commodas carregadas de vasos do Japão, livros, figuras de *biscuit*, armaduras antigas, louças de Wedgwood, faianças de Talavera, relogios de esmalte antigo, esmalte de Limoges, objectos de crystal de rocha coral, e agatha, camapheus antigos...: um museu completo, espalhado mais tarde ao sopro das privações, em que este philosopho e poeta dos nossos dias viveu os ultimos annos da sua vida attribulada.

Os caminhos de ferro eram o grande assumpto. Não se perguntava por outra coisa, não se queria saber de mais nada.

Os jantares officiaes no hotel de Bragança ou no escriptorio da companhia repetiam-se sob qualquer pretexto...

Acabamento do estudo de uma secção de dez ou quinze kilometros:

Jantar.

Approvação d'esse estudo:

Jantar.

Rectificação do contracto:

Jantar.

Formação da direcção em Londres:

*

Jantar.

Chegada de um engenheiro:

Jantar.

Miguel Queriol, verdadeiramente fadado para aquella vida agitada, de trabalho e de festas, ganhou desde logo o *penacho* nas luctas de actividade, de desembaraço, e de vivaz intelligencia. Incansavel, e levado sempre do desejo de se distinguir e da consciencia de merecer conseguil-o pelas suas aptidões, dotado de uma sagacidade rara, e gostando tanto de trabalhar como outros gostam de não fazer nada, começou por ser a admiração dos directores e continuou por ser a necessidade da companhia. Ha merecimentos de episodio, grandes dedicações que duram seis mezes, talentos que deitam assombro para um anno; mas Miguel Queriol principiou n'essa época a sua lida prodigiosa, e, como o Paganini na rebeca, tem ido *de piu forte in piu forte* na dedicação e no trabalho.

Em maio de 1853, praso a que a lei obrigava a inaugurar os trabalhos de construcção, — e depois de se haverem complicado por mais de uma vez os negocios financeiros, vindo logo, isso é verdade, dar novo enthusiasmo a apparição de meia duzia de wagons de aterro e alguns metros de rails chegados de Inglaterra e expostos no caes do Tejo á admiração publica

—fez-se a inauguração solemne n'uma quinta do Beato Antonio, hoje chamada quinta de João de Brito; e, armadas algumas barracas de campanha para os convidados, e uma especial para as magestades, foi a snr.ª D. Maria II empurrar o primeiro carro de madeira, em que o snr. D. Fernando havia deitado uma pá de terra, na presença de grande multidão de gente da capital e das provincias, que veio a Lisboa assistir a esse acto.

Começaram então os desaterros em Xabregas; Lisboa despovoava-se para ir vêr esses trabalhos; e, quando chegou a primeira locomotiva, o machinista inglez viu-se em taes apuros e difficuldades, sem poder trabalhar, porque o povo se apinhasse á roda d'elle, que foi preciso cavar uma vala funda, enchel-a de agua e defendel-a por um forte balisado de madeira para evitar as invasões de curiosos...

Mouchett, excellente empregado, assistia a isso tudo, trabalhando sempre, mas estimando acima d'isso e acima de tudo um bom jantar. Era excentrico em tal grau, que até os inglezes o consideravam excentrico. E elles entendem d'isso, porque o são todos, uns mais que outros, mas todos.

Tanto Mouchett, como Queriol, homens vivamente impressionaveis, e que ainda hoje, apesar dos annos

e da lida cruel da experiencia e do trabalho, conservam o enthusiasmo das edades moças, a eterna alegria dos fortes, e ao mesmo tempo dotes de caracter que primam pela generosidade, pelo sentimento raro a que se chama no mundo ser *serviçal*, contrahiram comsigo mesmos o empenho de me tornarem agradaveis, quanto podessem, aquelles dias pouco risonhos como fortuna, mas que eu atravessava com um contentamento proprio de quem estivesse a ponto de vêr o mundo a seus pés.

Mouchett dava, aos domingos, jantares notaveis. Foi sempre muito entendido em varios assumptos, e passa por ser um dos primeiros guarda-livros de Lisboa; mas, na questão da meza, tem sido sempre um abysmo de sabedoria. Não é essa trivial instrucção culinaria, a que se arrisca de vez em quando o portuguez nosso irmão, de entender de ostras de fricassé, ou gostar de ir a Belem comer n'uma tasca e morrer engasgado de espinhas e de azeite de purgueira.

Não era um comilão, era um cometa. Nada de balburdia, que lembre, de longe ou de perto, festim de horta. Adiantára os seus estudos além dos classicos do paiz, que pararam no feijão com chispe e nos chocos guizados.

Das leis patrias só acceitára a sardinha.

— Não sabem, dizia Mouchett, em Portugal não sabem dar-lhe o valor; porque em Portugal não se sabe comer. Estado completo de ignorancia... É lembrarmo-nos da entrada que fez em Lisboa a couve-flôr!

— A couve-flòr?

— A couve-flòr, sim... Triste historia!

— Devéras?

— Oh!

— Como foi isso?

— A primeira couve-flôr que aqui appareceu foi dada ao conde de Farrobo. O conde de Farrobo mandou-a entregar ao cosinheiro. O cosinheiro olhou para ella, muito sério, aproveitou as folhas, e deitou fóra o resto, por achar que não devia comer-se, que era flòr, que estava espigada. São selvagens. Déram com um pau no Byron, patearam peças do Garrett! Barbaros!..

O grande prazer de Mouchett era ter gente á sua meza, que soubesse apreciar as delicadezas, phantasias, difficuldades, e subtilesas dos seus jantares. Hislop saudava ás vezes com um sorriso enternecido a casta elegancia d'aquelles pratos; Edmonds, director do hospital inglez, homem enorme, que comia como quem era, disse-lhe de uma occasião, que se elle

inspirasse aos seus convivas uma paixão tão irresistivel que elles o não quizessem nunca mais deixar, isso o não surprehenderia, attendendo aos segredos encantadores da sua meza.

Um amigo, que não fòra dado pela natureza, como se diz que os parentes o são, mas que o Gymnasio me déra, um joven medico do theatro, hoje conhecido e justamente estimado, o dr. João Cypriano Ferreira, querido companheiro meu de então, e, se hoje já não companheiro, querido sempre na minha recordação e no meu affecto, mandou imprimir um volumito, *Ensaios Litterarios,* que escrevi por esse tempo, e fez-me presente da edição. Um tonto escrupulo impediu-me de levar o livro a Lopes de Mendonça, na idéa de que elle podésse enfadar-se de que, tão pouco tempo depois do *Claudio,* eu quizesse pôr a sua amisade na contribuição de novo folhetim a meu respeito. O resultado foi publicar-se o livro como que mysteriosamente, e a venda corresponder ao segredo do caso.

Para a ruim fortuna cara alegre; ainda o livrito estava nas estantes dos livreiros, como um rouxinol de gaiola, sem ninguem se atrever a tiral-o do poiso, já eu escrevia e publicava outro, *A mulher casada,* duzentas paginas, editado pela empreza do *Mensageiro lis-*

bonense, em seguida ao *Duplessis e o seu cortesão,* romance historico de Ayres Pinto de Sousa Menezes, redactor da *Nação.* Apenas hoje se encontram esses livros maravilhosos nos gabinetes de leitura de Bordallo e de Arsejas; dos exemplares á venda não resta um só; como foi que elles se venderam, é o que eu não saberia dizer, mas venderam-se; tudo se vende, tudo, n'este mundo!..

A vida litteraria era para mim uma fascinação; levado pela consciencia do pouco que sabia, do muito que me era preciso estudar para saber ainda pouco, mas ao menos o pouco em que já se aviste a luz ao longe, lia como quem devora, lia quanto podia; um livro para mim, figurava-se-me ser um companheiro de quarto, um pae, um irmão, ainda mais doce ás vezes — uma amante; consolava-me nas minhas tristezas, por mais soturnas e amargas, sem me deixar, sem me enfadar, sem querer tirar-se de ao pé de mim, discretamente, meigamente, sem mudar de genio, sempre egual, sempre constante, sempre a dizer o mesmo, mas tão agradavel, que quanto mais se ouça mais se goste! Andava commigo a toda a hora, commigo vivia; enroscava-se para me caber na algibeira; deixava-se amarrotar, só pelo gosto de que eu o levasse para o Gymnasio, para lêr á hora dos en-

saios; encolhia-se para me não incommodar e deixar-me os movimentos livres; ageitava-se em cima dos joelhos; conchegava-se ao colxão, quando o guardava debaixo do travesseiro, para me não incommodar emquanto eu dormisse; de manhã, sempre bem disposto e sempre amavel, parecia sorrir-se para mim!

Como não tinha relações, como ninguem me visitava, nem me convidava, nem me tomava o tempo, o livro, o meu amigo, tinha-me sempre ao seu dispôr; e na Bibliotheca Publica todos os empregados me conheciam de vista, pela assiduidade com que eu ia vêl-os, pelo tempo que lá me demorava, ás vezes das dez horas da manhã ás tres, e pelo pasmo que lhes produzia o genero de livros que eu ia lá pedir. Era d'uma vez o *Homero,* de outra vez o *Montaigne,* n'uma semana o *D. Quixote,* na outra o *Plauto,* e isto entremeado sempre com o Camões, o Balzac, o Musset, o Garrett, a George Sand, o Janin, o D. Marianno Larra, o Dumas, o Bocage, o Victor Hugo; e, de vez em quando, cortado de intervallos ainda mais agradaveis, que eram os de lêr em casa, bem sentado, deitado, ou passeando, livros que me emprestava Lopes de Mendonça, o *Tristam Shandy,* do Sterne, por exemplo, os *Estudos* do Nizard, o *Villemain,* o *Plutarcho...*

Mendes Leal frequentava muito por esse tempo o Gymnasio, e era então redactor do jornal a *Lei;* conhecia-o eu, como contei n'um dos capitulos anteriores, porque em pequeno fosse amigo de seus irmãos Antonio e Caetano, ambos pouco mais ou menos da minha edade, ambos mortos já hoje. N'uma noite, Mendes Leal queixou-se no Gymnasio de estar sem revisor; era revisor da *Lei* José Pedro Nunes: José Pedro Nunes adoecêra; Mendes Leal mostrou-se enfadado de ter que vêr elle as provas do seu jornal, por não querer dar o logar a outro que não fosse esse pobre José Pedro. Perguntei-lhe como era isso de vêr provas, se era grandemente difficil, se poderia em pouco tempo assenhorear-se d'esses segredos um mortal qualquer, que não fosse mais tôlo e mais incapaz que os outros; elle respondeu-me que era difficilimo ser um bom revisor, que era facil ser um revisor trivial; pedi-lhe para o acompanhar ao escriptorio do jornal n'essa noite e assistir á revisão que elle teria de fazer dos seus artigos; esteve por isso com o melhor agrado, e, no fim do espectaculo, dirigimos-nos para a travessa das Mercês numero onze, um velho casarão, que servia a um tempo n'essa época de typographia, de escriptorio, de redacção e de morada do redactor da *Lei.* Mendes Leal corrigia

os seus artigos, marcando á margem das provas uma linha indicativa de chamada, para apontar a emenda correspondente a outra linha que no texto marcasse o erro; fazia uns signaes de que eu lhe pedia explicação, e que elle me explicava continuando a rever: um *d* cortado, para supprimir uma lettra; um *r* cortado, para juntar; dois *//* cortados, para separar; depois, passando para meu poder uma das provas, disse-me rindo:

— Vá emendando essa.

Cinco minutos depois estava vista a prova, e Mendes Leal dizia-me, com a primorosa cortesia que o distinguiu sempre:

— Faço-lhe os meus comprimentos; emendar o que se chama erros de caixa, uma lettra por outra, um *r* em vez de *q*, é facil; mas attender ao sentido, e deduzir, pelo que se lê, a palavra que vae seguir, é uma das prendas mais subtis, e a mais rara, de um revisor.

Fiquei vendo as provas da *Lei* durante uma semana; José Pedro Nunes melhorou logo, e eu não voltei lá. Poucos dias depois, Albano Coutinho procurava-me para revisor do *Doze de Agosto*. O *Doze de Agosto* imprimia-se na typographia da rua dos Calafates, onde é hoje o *Diario de Noticias*. N'esse tempo, como hoje, pertencia a Thomaz Quintino Antunes.

Apparecia eu alli a vêr as provas do jornal, em duras manhãs de inverno bruto e antigo, em que chovia sempre, sempre, e, emquanto as provas se emendavam, conversava eu com o director da typographia, encantado de encontrar n'elle um homem muito intelligente e amigo das lettras, não ao simples sabor dos interesses da sua profissão, mas como quem as présa e saiba estimal-as. Começava a imprimir-se alli por essa época a edição moderna das *Obras do padre Vieira,* e elle dava-me as *capilhas,* o exemplar da typographia, ultima prova já paginada e limpa, em volume brochado, com a competente capinha de papel muito aceada.

O anno ia mau para os revisores; adoeciam todos, menos eu, que parecia fortalecer e completar a minha saude com a saude que fugia d'elles. O revisor da *Revista Universal Lisbonense,* Meira, mais tarde cunhado de Alexandre Herculano, homem grandemente erudito, sabia tudo, mas nunca soube ter saude.

Era um dos melhores e dos mais respeitados empregados do Banco de Portugal, e por amisade para com Sebastião José Ribeiro de Sá prestára-se a fazer a revisão do jornal. A *Revista Universal,* como se sabe, foi o jornal litterario mais importante do paiz, depois do *Panorama* na sua primeira época. Doente

o Meira, Sebastião Ribeiro de Sá pede aos deuses, de repente, um revisor, e Thomaz Quintino apresenta-lhe propiciamente a minha pessoa. É no meado de uma semana: parte do jornal está já composta; faltam quatro columnas, que Ribeiro de Sá promette para o outro dia, se tiver tempo de escrever á noite... Eu penso entre mim — Faltam quatro columnas! Que pechincha, se eu as podésse encher... Mas, não póde ser, o homem não quererá, o publico tambem não... Só eu a querer é pouco de mais... Se Thomaz Quintino tambem quizesse...

Fui metter-me em casa, a trabalhar n'um artigo a respeito do pintor portuguez Metrass.

Porque? Do pintor Metrass, porque?

Quando eu ia á livraria Langlé, hoje Férin, escolher peças francezas para o Gymnasio, encontrava alli ás vezes Victor Bastos. Victor Bastos, n'esse tempo, não era esculptor, era pintor; fallava-se muito d'um bonito quadro d'elle, que esteve por muito tempo exposto na loja Margoteau, a *Nova Psyché,* um marujo tocando guitarra a uma bella rapariga, que tinha uma rosa no cabello, e um coração gravado com polvora no braço: uma phantasia moderna muito galante. Victor Bastos morava defronte da livraria Langlé; Metrass, e Collaço, hoje nosso consul em Athenas,

creio eu, eram os seus amigos de todos os dias; á sahida de casa iam á livraria, e alli fiz relações com elles.

Metrass era um moço timido, muito elegante, muito distincto. Tinha, como pintor, a qualidade mais apreciavel do artista, a faculdade inventiva; em todas as suas obras se revelava imaginação. Não eram, nem podiam ser novos, está claro, os sentimentos que produziam os seus quadros; mas a maneira de os fazer nascer na alma dos observadores, marcava no seu talento o condão da individualidade.

Fôra para Roma de vinte annos, depois de haver cursado a nossa Academia das Bellas-artes. Percebeu logo, que o estudo mais difficil que tinha que fazer, seria o de escolher o caminho que lhe promettesse melhor resultado na carreira artistica; Overbeck, por felicidade de ambos, quiz ser o conselheiro e o amigo d'essa creança sublime, que entrava na vida, namorado da arte. Correu os Estados do papa, visitou todas aquellas cidades, ricas de preciosidades artisticas; esteve na Toscana, demorou-se em Florença, passou á Lombardia, visitou Padua, Ferrara e Veneza, bebeu alli na fonte pura o colorido veneziano, estudando o Tintoreto, Paulo Veronesio, e o Giorgiano, e fazendo esboços dos melhores quadros, que lhe serviram de-

pois de recordações suaves d'aquelle periodo encantador da sua existencia de viajante, e lhe constituiram uma galeria de estudo para a harmonia das côres e para o effeito geral dos quadros: — a sua *livraria classica,* lhe chamava elle.

Depois, o desejo de conhecer a arte moderna levou-o a Paris, e os mezes que se demorou n'esse novo mundo foram consumidos em estudos na galeria do Louvre.

Quando regressou a Lisboa fez uma exposição, que foi muito bem acceita do publico; mas esse relampago de gloria mentiu até como clarão de esperança, e Metrass sentiu a mão de ferro da desgraça a procurar esmagal-o desde esse instante. A partir d'aquelle periodo, tudo para elle foi indifferença ou contrariedade, até que, extenuado da lucta, o venceu a fortuna adversa. Ainda alcançou, a poder de esforços, partir de novo para Paris, e d'essa vez demorou-se por lá dois annos; tentou um quadro, com os recursos de que pôde dispôr, e regressou a Lisboa, trazendo comsigo esse passaporte, que lhe deixasse entrar, franca e livremente comprovado, o seu adiantamento; o quadro era o *Camões na gruta de Macau.* Conseguiu expôl-o: o quadro agradou immenso; mas o que se lhe seguiu, *Ignez de Castro*, destinado a ir á exposição de Paris, não teve a ventura de merecer o juizo favoravel do

jury, composto de amadores portuguezes, e foi-lhe rejeitado o quadro.

Quando se abriu o concurso, na Academia de Bellas-artes, para a substituição de pintores, Metrass, que procurava todos os meios de se elevar, foi um dos concorrentes a alcançar a cadeira. Foi o melhor desmentido para os que rosnavam da sua pretendida insufficiencia. Terminaram então as contrariedades que o perseguiam; o professorado foi a táboa de salvação para esse naufrago, abandonado por tanto tempo no mar das invejas: fez logo dois quadros — o *Juizo de Salomão,* e o *Enterro de Christo,* que pertencem á Academia; e, na primeira exposição que se seguiu, apresentou dois quadros — *Só Deus,* e a *Leitura de um romance.*

Notaveis, ambos.

No primeiro, a atmosphera, sombria, confusa, mal deixa, ao fundo, divisar os objectos; é como se o prolongado cahir da chuva produzisse ao longe um nevoeiro triste e espesso... Despenham-se as aguas, furiosas; enregela, o tom frio do quadro... Apenas duas figuras:

Uma mulher...

Uma creança...

Toda a vida d'essa mulher, a pouca vida que póde

restar á infeliz, extenuada e perdida no furor da tormenta, acha-se symbolisada nos dois braços d'ella.

Com um d'elles agarra-se a um tronco de arvore, que a Providencia lhe deparou alli, e vão resumir-se todas as suas esperanças a que esse tronco não quebre e não lhe fuja...

Esse é o braço que tenta salvar, é a vontade, é a acção!

Com o outro sustém a creancinha, que olha espavorida para tudo que a cerca: esse é o braço que só cuida de amparar o filho, é o impulso da maternidade e da religião.

O tom da tinta, frio e humido, que não costumava ser o tom de Metrass, concordava admiravelmente com o sentimento do quadro.

Na *Leitura de um romance,* outro genero.

O talento do artista demonstrou-se n'uma feição nova.

É um d'esses trabalhos em que a poesia é tudo; sonho de noite de verão, sombra vaga...

Uma mulher de vinte annos, recostada brandamente, está toda entregue á leitura de um livro. A luz froixa e debil do dia, que vae fugindo, a penumbra que cobre de melancolia aquella doce figura, a collocação do livro, a attenção encantada que presta á leitura, dão graça e delicadeza romantica ao quadro.

Depois, Metrass pintou ainda bastante; ficaram d'elle muitos quadros.

Os principaes são:

Jesus, chamando a si os meninos.

Camões na gruta de Macau.

Ignez de Castro.

Juizo de Salomão.

Camões lendo os Lusiadas a D. Sebastião, ultimo trabalho: quadro grande, que se faz notar pela composição, pela côr de vida e de força, e pela maneira por que attendeu ás necessidades de perspectiva, que um quadro d'aquella dimensão exige.

Uma vez prompto o meu artigo, levei-o a Sebastião José Ribeiro de Sá, sem lhe dizer que era meu, e annunciando-lhe que se havia recebido na redacção da *Revista Universal* aquelle artigo, sem assignatura nem declaração de auctor.

Ribeiro de Sá deitou-lhe a vista.

Eu pedia a Deus que nenhum acontecimento viesse interromper aquella leitura...

Mas, por fatalidade, elle disse-me d'alli a um instante:

— Deixe ficar isto; é tarde, vou jantar; queira dizer ao Seabra, de manhã, que mande cá; se este artigo não convier, escreverei eu.

*

Desci de orelha murcha; deitei-me inquieto n'essa noite.

Na manhã immediata, dado o recado a Corrêa Seabra, que era o administrador do jornal, Corrêa Seabra manda buscar, a casa de Ribeiro de Sá, o *original para completar o numero,* e o portador, na volta, traz o meu artigo.

Na prova de pagina, marquei gravemente uma chamada na ultima linha, e escrevi á margem o meu nome.

Agora, o melhor do caso.

Sebastião Ribeiro de Sá era tão distrahido, que não deu por isso!

Eu á espera de que elle me fizesse comprimentos, que me désse algum dos titulos honorarios da puericia sábia — *talento promettedor, esperançosa vergontea,* et cætera; nada: nem palavra.

Foi Thomaz Quintino Antunes quem lhe deu a noticia; e então, diga-se a verdade, Ribeiro de Sá mostrou-se para commigo o que sempre foi para todos; bom homem, homem de talento, e tão dedicado a trabalhar, como affeiçoado aos que trabalhassem.

Mas o cholera veio cortar essa prosperidade que me sorria, e, como lhes disse no primeiro capitulo d'estes apontamentos, a um tempo suspenderam a publicação

do *Doze de Agosto*, e da *Revista Universal Lisbonense*, e os espectaculos do Gymnasio.

Lisboa, de repente, pareceu outra... O aceio é virtude, é virtude a sobriedade; mas, podemos confessal-o em familia, eram virtudes desobedecidas em Lisboa. Com o enigma aterrador do cholera vieram o mêdo, o dever e a caridade... O Hercules municipal, que estava fiando aos pés de Omphale, pôz-se em pé. Lisboa honrou o aceio, a sobriedade, todas as virtudes... O cholera parecia um agente de salubridade moral! Transformou-se tudo! Casas, individuos... Tudo mudou!

Só eu não mudei — mesmo porque seria difficil mudar. A minha continencia austera já existia; não fiz mais do que continual-a. O risco estava na velha reflexão que diz: Sempre se póde viver com pouco, mas sem nada ninguem vive!

Uma das consolações que tem o homem, quando a fortuna o desampara, é a de pensar, que entre os motivos que decidissem da pobreza em que nos vêmos, ande a presciencia divina, que, segura do mau uso que haveriamos feito do dinheiro — o perigoso dinheiro! — queira poupar-nos o pezo de tal responsabilidade...

E' facil a quem é pobre, como é facil a todos, ser

vaidoso, e até ser altivo; mas, como a todos, e mais que a ninguem, e mais que em parte alguma, é difficil em Lisboa, a quem é pobre, ser digno.

E a razão é simples: é porque os costumes são tão miseraveis e despreziveis, que se dá desculpa á avareza, e não se dá desculpa á pobreza!

A tolice é a gente, quando se encontra em taes apuros, não saber, ou não se lembrar, que da pobreza poderia fingir avareza, e frequentar o mundo a titulo de somitico!

Ha um artigo de Teixeira de Vasconcellos, em que se tracta das difficuldades de saber usar da riqueza; escreveu-o, por signal, coitado, n'uma situação em que não eram, por certo, essas, as difficuldades em que elle se via: é um artigo superior; e, porque seja bem pensado, faz pensar; e não poderá, quem o lêr, deixar de meditar quanto é difficil ser rico; mas, e é a isto que eu quero chegar, tambem não é facil praticar a pobreza, sem desanimo, sem baixeza, sem inveja, sem injustiça, e sem se deixar cahir nas tentações da necessidade; christã e santa pobreza!

Eu fazia admoestações a mim mesmo todas as manhãs, como dando-me n'isso os bons dias. De umas vezes, quando recebia a paga do meu trabalho, ia-se-me a phantasia a fazer-se piegas, e figurava-se-me que

eu era pae de mim mesmo, e que devia dar-me, de quando em quando, certas concessões: «Vossemecê, snr. Julio, merece hoje um pinto para seu recreio!» E, tirando um pinto de uma algibeira, mettia-o na outra.

— Bem podia eu ir jogar este pinto! — scismava então — Este pintosito n'uma carta, talvez me désse bem bons proventos...

De uma occasião deviamos ir jantar ao Escoveiro, que n'esse tempo estava no largo de D. Fernando, Bulhão Pato, Henrique Jâmes, Sousa Almada, e eu. No caminho, um d'elles teve a idéa de subir um instante a uma casa de jogo, tentar a sorte, e andar...

— Eu é que devia lá ir! — disse eu.

— Porque?

— Porque nunca joguei.

— Nunca jogaste, Machadinho?

— Nunca.

— Então não vás.

— Vou!

— Não vás. Olha que é entrar no *lasciate ogni speranza*.

— Pelo contrario, é entrar no *create ogni speranza;* ninguem lá vae sem palpite!

— Palpite! Cala-te, mocinho! Sonhas lá...

— Sonho que vou ganhar, e é já! Tenho aqui um pinto para isso...

E fui trepando a escada.

Quando elles viram que era irremediavel, e que eu ia jogar o meu pinto, gritaram-me do patamar:

— O' Julio!

— Que é?

— Já agora, visto isso, pega lá um meu...

— E um meu...

— E um meu...

Cada um d'elles deu-me um pinto; com o meu, quatro.

Entrei, puz os quatro pintos n'uma carta, uma dama — sempre as damas! — e perdi-os.

Foi a unica vez que joguei, na minha vida.

Os amigos estavam em baixo, á minha espera.

— Vamos jantar! — disse eu.

— Perdeste-os todos, rapaz?

— Lá ficam.

— Puzeste-os de uma vez?

— De uma vez.

— Dá cá um abraço. Has-de ser gente!

Abraçámos-nos, e fomos jantar.

Na manhã immediata dizia-me eu, já como pae de mim mesmo: — «Assim foste gastar aquelle pinto

sem graça nenhuma, meu pateta! Podias fazer com elle mil coisas deliciosas! Nunca mais jogues, vê lá!» — E respondia-me: — «Nunca mais!» — «Bem sabes, filho, que isso custa-me a ganhar!» — «Já disse que nunca mais!»

E nunca mais.

Era a moda do tempo, jantar em casas de pasto. Havia sociedades de intemperança, por assim dizer, de que eram presidentes Campos Valdez, ou Pedro Corrêa. O que elles dispendiam n'isso, é inacreditavel; havia banquetes, havia festins estupendos no *Matta*, no *Penim*, na *Pomba de Ouro*... Dei ao *Penim* o logar do centro, por ser d'essas casas de pasto onde se comeria mais caro, justamente pela sua qualidade de taberna; é sabido que, em Lisboa, em uma pessoa indo a uma tasca, não sahe de lá sem gastar oito tostões, por pouco que côma, e beba, d'aquella fressura, e d'aquelle *carrascão;* — com oito tostões, em toda a parte do mundo que não fôr Lisboa, tem-se um jantar com um gelado.

As casas de pasto, n'aquelle tempo — vae isto parecer fabuloso — eram muito melhores do que hoje. A adopção das comidas á franceza, levou os locandeiros da alta e da baixa a estragarem a nossa boa cosinha, sem attingirem os primores da que se propu-

nham imitar. O Matta estava na sua época de applicação, brilhando nas mayonaises, nas massas, e nas geléas; o Isidro, o Ferreira da Horta Secia, a Pomba de Ouro, o Escoveiro, que era o que em Portugal se chamava então o primeiro cosinheiro de caçarolla, davam jantares saborosissimos; e, na escala inferior, a Padeira da Praça da Alegria, subindo á immortalidade pelo pato com arroz; o Magina da Praça da Figueira, famoso entre os justos pelo *stuffatino,* em que tirava prodigios da perna de boi, e dos nervinhos especiaes que tem a carne d'esse sitio; o José Romão, triumphador nas empadas de mariscos; e para doentes e cautelosos a Casa da Arcada do Terreiro do Paço, e a União da rua dos Retrozeiros, faziam com que em Lisboa se podésse realisar quotidianamente o que hoje nem por milagre se consegue — jantar bem fóra de casa.

Tinham os jantares de rapazes, n'aquella época, uma feição que se perdeu de todo; eram o pretexto para se reunirem uns poucos de amigos, que se queriam do coração uns aos outros, que se presavam e defendiam mutuamente, como se houvesse para todos elles uma só alma e uma só bolsa.

Não se conhece nada mais alegre, mais honrado, mais grave, mais simples, do que esses grupos de

rapazes. Um ou outro tinha certo posto de commando: havia chefes de batalhão, que conduziam as suas expedições de vez em quando. Surprezas, embuscadas, grandes deliberações, concepção de largos planos, preparação de estrategias, peripecias, póde bem calcular-se de que ordem e qualidade; artes de guerra para arranjar dinheiro, artes de paz para o gastar sem demora e agradavelmente...

D'essas reuniões e d'essa convivencia de mancebos, sahiam ás vezes coisas raras — até jornaes, que n'esse tempo pertenciam ao numero das coisas raras. Só Valdez fundou dois; um, *Theatros e Sociedade*, com Firmino de Magalhães, hoje lente da Universidade, Bulhão Pato, e José Avellar; outro, *Revista de Lisboa*, com Pereira Rodrigues e José Miguel Ventura, publicação que durou annos, deu os retratos dos principaes artistas nacionaes, e de S. Carlos, e chegou a ser o mais elegante jornal de theatros que tem havido entre nós.

Por que a vida fosse extremamente commoda em Lisboa no que dizia respeito ao preço e custo das coisas, vivia-se muito soffrivelmente por uma bagatella: mas essa bagatella uma vez supprimida, a calamidade do cholera tornava-se duas vezes aterradora... Com o fugirem os expedientes, fugia um pouco

a coragem; o que dá animo aos vencidos é a idéa de se libertarem: mas aquella época quebrava, com o cortar os meios de ganhar o pão, e com o terror que a epidemia dava, toda a esperança e todo o animo.

Viera a Lisboa, por essa occasião, uma companhia franceza, que devia funccionar no theatro de D. Maria, a companhia do actor Minne, que se viu forçada a suspender as representações, e a fazer bancarrota com os artistas. Eu conhecia esse Minne do café Suisso, onde elle ia todas as tardes tomar o seu *petit-verre*. A tristeza subita d'aquelle homem, que eu me habituára a considerar o mais alegre patusco que houvesse vindo a este mundo, vinha augmentar mais o sentimento de funda melancolia que começava a apoderar-se de mim. Minha mãe estava longe, a casa e as terras da Durruivos mal chegavam para a sua subsistencia; era-lhe impossivel auxiliar-me com algum dinheiro; morrèra minha avó, as tias já pouco tinham de seu, e apenas com uma mais que stricta economia conseguiam sustentar-se; o Gymnasio não antevia a época de reabrir as suas portas, e os jornaes, que suspendiam publicação, tomavam logo ares de se despedirem de vez. Quem podia, punha-se a andar e não queria saber de Lisboa. A desgraça é

como as doenças: só quando chega é que se avalia; as difficuldades cresciam de dia para dia por um modo curioso; de repente, não foi só difficil trabalhar, ganhar; principiou a ser difficil empenhar, vender..

N'uma noite, ao sahir do café Suisso, resolvi não entrar em casa sem haver encontrado um plano, uma *sahida,* como a gente diz, á situação em que me achava. Passeei as ruas da baixa quatro ou cinco vezes; descia a rua do Ouro, subia a rua Augusta, percorria a rua da Prata, tornava a subir uma e a descer a outra... De repente:

— Já sei!

E sabia.

Metti-me em casa uns dias, a escrever; fiz os primeiros capitulos de uma obra, que ia traçada como um longo folhetim, que sahiu romance, que teve dois volumes, e que se chamou — *A vida em Lisboa.*

Promptos esses primeiros capitulos, peguei d'elles e fui procurar o livreiro Antonio Maria Pereira, o Pereira da rua Augusta, o Pereira da loja phantastica da taboleta pintada por Christino.

A loja estava fechada.

Por que ninguem se admirasse de coisa alguma n'aquella época, não me admirei d'isso.

Fui procural-o a casa.

Cheguei lá, entrei, puxei dos meus papeis; ia lêr-lhe os capitulos; estranhei um pouco o ar das pessoas que me abriram a porta; perguntei o que era — enterrava-se sua mulher n'esse dia.

Tornei a guardar os papeis.

D'alli a uns dias Pereira foi á loja. Estava com elle um cavalheiro edoso, Sarria, creio eu que se chamava, quando voltei a procural-o.

Pedi-lhe para me ouvir lêr os capitulos; o Pereira convidou esse Sarria a demorar-se.

— Para ouvir lêr? — perguntou o homem.

Para isso haver-lhe-hia eu dado dinheiro, se o tivesse, porque, á falta de publico, sorria-me a idéa de apanhar dois ouvintes, que vinham a representar como que dois leitores; e não me atrevi a segural-o pelo fato, mas dei-lhe a perceber que já o não largaria, sem que os capitulos lhe entrassem pelos ouvidos e pela paciencia.

Durante a leitura, o Pereira deu-me um abraço, o Sarria outro; de vez em quando o Sarria ria, o Pereira escutava attento; no fim dos capitulos, renovação da ceremonia — abraço do Pereira e abraço do Sarria.

Eu levava o meu *speech* na ponta da lingua, e, como os artistas que aproveitam o calor do applauso nos

finaes, gritando logo aos carpinteiros do theatro que puxem o panno outra vez, para elles virem ao proscenio colherem a ovação, não me demorei um momento, nem lhes dei tempo a interromperem o fio das suas sensações:

— Se ao senhor Pereira agrada esta obra, eis a minha proposta: ajustaremos immediatamente a venda, e, em todas as semanas, á entrega de uma porção de manuscripto, receberei um tanto; mas, entendamos-nos, esse tanto — certo.

— Certo! — disseram elles, entre pasmados e risonhos — Pois seguramente; e está feito o ajuste, se o preço lhe convier.

Depois, o Sarria agarrou-se ao Pereira:

— Quero ser socio n'isto. Este rapaz precisa ser ajudado.

O Pereira, sempre com o seu ar de bom homem, estendeu-lhe a mão, e só a livrou para apertar a minha.

— Vamos a isso! — disse.

Fez-se o contracto.

Os ultimos dias do cholera em Lisboa foram-me alegres. Trabalhei de dia e de noite, trabalhei sempre. Uma, duas vezes por semana, ia passar o dia á Outra-banda; Antonio Paes de Sande e Castro era

administrador em Almada, n'essa época, e alguns capitulos do romance foram escriptos em casa d'elle, no quarto de seu cunhado Nicolau de Brito, o mais alegre dos extravagantes; conversavamos até á meia noite, depois ia cada qual deitar-se, menos eu, que trabalhava no romance, contente de não me sentir alli tão isolado, e chegando a parecer-me que estava em familia.

Regressava de madrugada, ainda fusque fusque, no primeiro bote da carreira, com as mulheres que vendiam figos e que vinham da Sobrêda, do Monte, de Caparica, de Valmourelos, cantando; ajudava-as, rindo, a calcar com pezos e a esmagar com as mãos os figos, para que parecessem maduros. Principiou a convivencia pelo tempo dos lampos, que é o primeiro figo que apparece, e, quando o figo branco chegou a estar maduro e doce como o mel, pendendo já e a cahir, com o pé mal seguro á arvore, estavam promptos os dois volumes da *Vida em Lisboa*.

O meu desejo haveria sido lêr o romance a alguem; consultar, fazer-me aconselhar; mas a unica pessoa que n'este mundo se interessava por mim, a minha pobre mãe, estava longe, a umas poucas de leguas de Lisboa, na velha casa da Durruivos.

Dos amigos de meu pae, o unico que encontrei

sempre egual, por entre as vicissitudes da minha vida, foi o dr. José Antonio Arantes; mas, comquanto dotado da singeleza que caracterisa os espiritos mais finos, elle tem e teve sempre um ar de independencia, que aos que não sabem vêr, ou não téem experiencia da vida e do mundo, se afigura como sobranceria. Tive por vezes a tentação de ir lêr-lhe a obra... Sabia que elle era bom; mas o seu modo habitual de erguer a fronte, um ar de orgulho nativo que transparece na rijeza da attitude, no som vibrante da voz, como que me aconselhavam a não arriscar um pedido, que podésse parecer-lhe importuno. Com que alegria intima vi aquella mão, que meu pae apertára affectuosamente, não deixar nunca de apertar a minha! A alta reputação, séria, solida, d'este medico, reputação nunca promovida por auxilios protectores, e que elle logrou ganhar n'um combate de todos os dias, sem quebra de paciencia nem de orgulho, já n'essa época lhe davam de direito uma gloria tanto mais franca, quanto os primeiros passos da sua vida foram de mais cruel difficuldade. Não se podem julgar os homens de sciencia, cômo se julgariam os homens de imaginação; a imaginação é por certo a mais brilhante de todas as faculdades: mas, para certos destinos, é a mais perigosa; na educação e na vida attendem so-

20

bretudo a essa faculdade os que são dotados d'ella em pequeno grau, e porfiam em desenvolvel-a, e em exaltal-a, mais que nenhuma outra, do que tantos males provém e tantos erros, em certas profissões principalmente: por isso mesmo, o que maravilha em Arantes, para os que o conhecem de perto, é que, sendo elle prendado pela natureza com essa faculdade, que tanto póde ser benefica como traidora, tenha o condão de a conduzir, de a suffocar, no regimen da superioridade prudente, sensata e fria, que é por ventura o segredo dos temperamentos mais nobres e mais distinctos.

Um moço estudante, mais tarde engenheiro florestal muito conceituado, Diogo de Macedo, vivia por essa época com Ricardo Guimarães, hoje visconde de Benalcanfôr, n'um terceiro andar da rua Nova da Palma. Ricardo levava vida elegante, sempre com um fino aroma litterario, que o tornava para as lettras e para os amores mais perigoso adversario do que seria para desejar; Diogo nunca sahia de casa, estudava sempre, e, nas horas vagas, para se entreter, fazia com um amigo seu, Ferraz, uma grammatica e uma selecta ingleza, que depois foram adoptadas no Lyceu Nacional.

— Apparece! — disse-me de uma occasião Diogo

de Macedo, o *Terra-nova,* como lhe chamava Thomaz de Carvalho, que eu n'esse tempo não conhecia ainda. — Apparece, rapaz. Vem cavaquear alguma vez commigo, que estou sempre em casa!

— Cavaquear... Sempre em casa... Tu pódes ser o meu bem, Diogo! Dar-se-ha o caso que sejas homem para me ouvires alguns capitulos de um romance...?

— Fizeste um romance, rapaz?

— Em dois volumes.

— Oh! Com os diabos! Como se chama?

— Chama-se *A vida em Lisboa!*

— Quero ouvir, sim; vae lá esta noite e leva isso.

*

XV

Havia duas horas que já era noite; chovia torrencialmente, quando entrei na rua Nova da Palma, dirigindo-me a casa de Diogo de Macedo e de Ricardo Guimarães.

A cidade, já quasi deserta pelo cholera, tornára-se mais triste ainda. Tudo silencioso, tudo fechado. Moços e velhos estavam já recolhidos. Aqui, alli, um candieiro luctava heroicamente com a escuridão. Alguem que passava, parecia ter mêdo de acordar os que dormissem. Não se ouvia uma falla, um riso, uma voz...

Eu presentia, apesar d'isso, que aquella visita me seria favoravel.

Subi; abriu-me a porta uma criadita, das que n'aquella época se conhecia logo serem da Misericordia, rapariguitas franzininhas, creadas com agua da fonte, porque as amas que iam buscal-as á Santa Casa pouco se occupavam d'ellas; côr livida, e o olhar apagado de creaturinhas que a miseria, no berço, marcára na fronte.

Principiei logo a lêr. A dicção é a roupa da leitura em voz alta, e fiz a diligencia possivel por conseguir que a famosa familia das vinte e sete irmãs, deseguaes em direitos e em poderes, mas todas ellas importantes, e cada uma com o seu caracter particular, conhecidas pelas vinte e sete lettras do alphabeto, ficassem satisfeitas de eu lhes attender aos caprichos: li com cuidado, e, como se diz, com alma, para tornar o caso menos enfadonho.

O prologo da *Vida em Lisboa* dizia:

«Procurar as mais salientes feições da nossa terra, estudar os costumes e indole dos portuguezes, inventar uma acção, em que todos os elementos se combinem em auxiliar a pintura emprehendida dos logares e dos typos, amenisando-a pelo interesse e movimento de um enredo em harmonia com os caracteres que se pretendem observar, e com os usos que se procuram

descrever — eis o plano d'esta obra, plano de uma seriedade extrema, que inevitavelmente deveria tornar pesado este trabalho a um pulso litterario tão pouco experimentado como o do auctor.»

Por que o auditorio fosse pouco numeroso, não era no meu conceito menos perigoso, nem menos sério. Diogo era um moço de talento, e Ricardo Guimarães já n'essa época era um dos escriptores de Portugal mais conceituados. De capitulo para capitulo, a minha alegria foi crescendo com a approvação que elles lhe déram.

Publicou-se a obra, esgotaram-se rapidamente os dois volumes, occuparam-se d'ella os jornaes, e, logo depois, Ricardo Guimarães enviou-me um bilhete com estas simples palavras:

«Esta noite, no salão de S. Carlos, vaes ser apresentado a José Estevam, e entras como folhetinista na *Revolução de Setembro*. Até logo.»

Nunca uma namorada leu e releu tantas vezes a primeira carta d'amores, como eu li essas tres linhas. A *Revolução de Setembro* era o jornal mais importante do paiz, e o folhetim, que Lopes de Mendonça

sustentára brilhantemente durante annos, não existira em Portugal, não vivêra nunca, senão na *Revolução*. Mendonça ia deixal-o para entrar na politica — e era eu, e seria eu, eu, eu, eu! quem fosse substituil-o!

O jornal, de mais a mais, não tinha só importancia: tinha auctoridade, e tinha historia. Apparecêra em junho de 1840; fôra obrigado em 1844 a suspender a sua publicação e a ter no deposito publico as caixas e os typos, que só voltaram depois de ser julgado no tribunal, sendo Reis e Vasconcellos o juiz, e Alberto Carlos Cerqueira de Faria o advogado.

Foi preso o pessoal technico; mas, logo depois, posto em liberdade com fiança, o que sempre foi bom, porque sem ella não poderia compôr clandestinamente o jornal na noite do dia da prisão. Continuou sahindo em meia folha. A composição era feita em casas diversas, para não dar logar a que a espionagem descobrisse o verdadeiro paradeiro. Ora se fazia n'uma agua-furtada, ora n'um subterraneo... Escolhiam-se sitios vedados ao olho policial. Um dos numeros foi composto n'uma sacristia!

Conseguiu-se tudo — mercê do sentimento patriotico d'essa época. Se fosse hoje, a denuncia era infallivel; o dinheiro agora é mais esperto.

Em 1846, e durante a guerra civil, a que déram o

nome de *revolução da Maria da Fonte,* houve suspensão de garantias; a *Revolução de Setembro* foi então substituida por um pequenino jornal, redigido por Antonio Rodrigues Sampaio; esse pequenino jornal fez tremer os mais ousados athletas do partido do conde de Thomar: o *Espectro* era lido com um interesse phrenetico, com um enthusiasmo incalculavel. O governador civil d'essa época offerecia cem libras a quem descobrisse a casa onde elle se imprimisse, ou aquella onde estava escondido o redactor. O *Espectro,* logo depois de impresso era conduzido, dentro de um barril de aguadeiro, a uma casa por traz do Palacio Palmella, ao Calhariz. Para em tudo ser notavel, não o era só pelos seus redactores, a *Revolução;* era-o tambem pela dedicação generosa e constante dos seus editores, José Miguel da Costa, e Luiz da Silva Coutinho, o bom e extraordinario Coutinho, director da typographia do jornal, homem a quem José Estevam teve sempre em verdadeira estimação.

A *Revolução de Setembro* era tudo isso, é certo; mas o bilhete de Ricardo Guimarães não era menos certo, e n'esse bilhete dizia-se-me: —«Entras como folhetinista na *Revolução de Setembro*». Preferem, talvez com razão, muitas pessoas, acreditar ruins noticias; eu preferi sempre dar credito ás agradaveis; esta era-me

agradavel, acreditei, e fui n'essa noite, conforme se me indicava, ao salão de S. Carlos.

O theatro de S. Carlos tinha uma feição por extremo animada e caracteristica, n'esse tempo. Era propriamente o theatro da côrte, da elegancia, da supremacia em tudo. As pessoas que chegavam da provincia iam de proposito alli, armadas de oculo, para verem nas frizas e na primeira ordem, na superior e na geral, os notaveis de então.

Acabava o acto quando eu entrei no salão; instantes depois appareceu Ricardo Guimarães, que teve apenas tempo de me dizer:

— O José Estevam não tarda ahi.

José Estevam, effectivamente, vinha do corredor das frizas, e ia sendo rodeado, a cada passo que dava, por uma quantidade de homens, uns a apertarem-lhe a mão, outros a abraçarem-o. Era verdadeiramente o homem das multidões. Uma corrente de sympathia, por aquella physionomia luminosa e franca, por aquelle caracter desinteressado e nobre, levava toda a gente a admiral-o, tanta era a consciencia que tinham todos de, sempre que na politica portugueza d'esse tempo houvesse um pensamento formoso e grande, ser o espirito d'elle que passára no dos outros ou se levantára para o inspirar.

Ricardo Guimarães levou-me ao encontro d'elle, e disse-lhe o meu nome. José Estevam, que me via pela primeira vez, estendeu-me a mão:

— O Ricardo Guimarães — disse elle — fallou-me a seu respeito, e estimo que entre para a *Revolução de Setembro*. O folhetim do Lopes de Mendonça sahia aos sabbados; parece-me melhor que escreva para as terças-feiras: o jornal não sahe á segunda-feira, e, por este modo, alcança a semana inteira, e tem a vespera do seu dia de folhetim livre de jornaes, o que é vantajoso. A respeito de dinheiro, entenda-se com o administrador do jornal, o Moraes Sarmento. A Ristori chegou esta noite, e dizem-me que principia as representações no sabbado. Tem o domingo e a segunda para escrever. Se lhe parecer, principie por ella; não póde ter melhor ensejo de se estrear! Escreva sempre o que quizer, e como quizer; mas estude, e dê attenção ao que escrever. Juro na fé do Ricardo, e confio em si. O folhetim é um genero levado do diabo; aguental-o é tudo. Vossê sabe como o cabo de esquadra explicava ao soldado o modo de fazer uma espingarda? — Arranja-se um buraco — dizia-lhe elle — põe-se-lhe ferro á roda, e prega-se-lhe um cabo. O meu amigo tem o buraco, que é o folhetim, ponha-lhe á roda o trabalho, a applicação e a vontade, que

são o melhor ferro e a melhor baioneta, e segure, firme.

E' o que, comquanto obscuramente, tenho diligenciado fazer, e o que eu referiria agora, se não terminasse n'este ponto o primeiro caderno d'estes apontamentos.

FIM.

DO MESMO AUCTOR

A vida em Lisboa, 2 vol.	1$000
Contos ao luar (3.ª edição), 1 vol.	500
Scenas da minha terra, 1 vol.	500
Recordações de Paris a Londres, 1 vol.	500
Em Hespanha, 1 vol.	500
Do Chiado a Veneza, 1 vol.	500
Á lareira, 1 vol.	500
Manhãs e noites, 1 vol.	500
Os theatros de Lisboa, 1 vol.	500
Lisboa na rua, 1 vol.	500
Da loucura e das manias em Portugal (2.ª edição), 1 vol.	500
Lisboa de hontem, 1 vol.	500

Á venda em todas as livrarias.

EM VIA DE PUBLICAÇÃO

APONTAMENTOS DE UM FOLHETINISTA

SEGUNDA PARTE

VIDA ALEGRE

TERCEIRA PARTE

VIDA LITTERARIA

